

A Liahona
Agosto/Setembro de 1985

A Liahona

Agosto/Setembro de 1985 - Volume 38 - Nº 6 PBMA0609PO São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência: Spencer W. Kimball, Marion G. Romney, Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze: Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks.

Comitê de Supervisão: M. Russell Ballard, Loren C. Dunn, Rex D. Pinegar, Charles Didier, George P. Lee.

Editor: M. Russell Ballard

International Magazines: Editor Gerente: Larry A. Hiller Editor Associado: David Mitchell Seção Infantil: Lois Richardson Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Carleto Editor: Paulo Dias Machado Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires Supervisor de Produção: Elias Nelson Munhoz Dias

Capa: "Traze os anais que tens guardado" o Salvador ressuscitado falando aos nefitas (3 Néfi 23:7), de Robert Barrett



- 1 Mensagem da Primeira Presidência: A Ressurreição de Jesus, Presidente Marion G. Romney
- 6 Profetas Semelhantes: Paulo e Joseph Smith, Richard Lloyd Anderson
- 13 Para um Sacrificio, Bênção Dobrada, Mary Ann Young
- Élder Yoshihiko Kikuchi: Inabalável nas Mudanças, Larry E. Morris 16
- 21 Com o Som de uma Trombeta, Jeanne Newman
- 24 Minha Amiga Distante, no Tempo e no Espaço, Peggy Hill Ryskamp
- 26 O Tesouro Oculto, Lori Anne Brown
- 28 Em Busca de um Testemunho, Dennis F. Lythgoe
- 30 Aqui, Élder Myers, Leonard F. Myers
- 33 Yao-Shi, Richard Tice
- 39 Objetivo Número Um: Converter Papai, Elizabeth Sainsbury Orton
- 41 Conforto Tranquilizador, JoEllen Jester

Seção Infantil:

- O Dom do Espírito Santo, Alice Stratton 1
- 4 De um Amigo para Outro — Élder Dean L. Larsen, Janet Peterson
- 6 A Fuga de Ló, Histórias das Escrituras
- Divertimentos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÜBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRICÕES: Toda a correspondência sobre SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 2.500,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço. A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B. nº 1, de Matriculas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros titulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e As mudanças de endereco devem ser comunicadas

tonganês, Composição: HOMART Fotocomposição e tonganes. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6.º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações agra parejação do somente os artigos solicitados pela redação. Não obstan serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Mensagem da Primeira Presidência

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Esta mensagem foi tirada de um discurso proferido na Conferência Geral de abril de 1982.

E le "já ressuscitou, não está aqui". (Marcos 16:6.) Estas palavras, eloquentes em sua simplicidade; anunciaram o evento mais importante da história, a ressurreição do Senhor Jesus - um acontecimento tão extraordinário, que mesmo os apóstolos, que conviveram intimamente com Jesus em seu ministério terreno e sabiam do que estava por acontecer, acharam dificil apreender a realidade do seu pleno significado. Os primeiros relatos que ouviram pareceram-lhes "desvarios" (Lucas 24:11), pois milhões de homens haviam vivido e morrido antes daquele dia. Seus corpos se desfaziam no pó, em cada vale e colina, sem que nenhum deles se houvesse levantado da sepultura até a manhã da primeira Páscoa.

Quando falamos da ressurreição de Jesus, queremos dizer que o espírito pré-mortal que animara seu corpo mortal, desde o nascimento na manjedoura até a morte na cruz, regressara a esse corpo; e os dois, seu corpo espiritual e o físico, ligados inseparavelmente, ressurgiram do sepulcro como alma imortal.

Cremos e assim testificamos, que Jesus não só venceu a morte por si mesmo e realizou sua própria ressurreição gloriosa, mas que, com isso, também operou uma ressurreição universal. Este era o fim e o propósito da missão para a qual fora designado e ordenado no grande conselho dos céus, ao ser escolhido para ser nosso Salvador e Redentor.

Com respeito ao ministério terreno, seu papel de Redentor requeria quatro coisas:

Primeiro, que seu espírito pré-mortal se revestisse de um corpo mortal, o que se deu quando anjos do céu anunciaram aos humildes pastores: "Não temais... pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:10-11.)

Segundo, que sofresse as dores de todos os homens, o que fez principalmente no Getsêmani, cenário de sua suprema agonia. Ele próprio descreveu esse sofrimento como tão intenso, que "me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.

"Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:18-19.)

Terceiro, que desse a vida. Sua morte na cruz, após ser rejeitado e traído e de sofrer espantosas indignidades, não parece ser motivo de disputa, mesmo entre os descrentes. Mas que deu a vida voluntariamente com o expresso propósito de retomá-la na ressurreição, não é aceito tão universalmente. No entanto, é o fato. Ele foi, na verdade, maldosamente assassinado por homens iníquos; contudo, poderia tê-los impedido a qualquer momento.

"Dou a minha vida para tornar a tomá-la", afirmou. "Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou, tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la." (João 10:17-18.)

Este poder lhe era inerente por haver nascido da virgem Maria (uma mortal) sendo o Filho de Deus (um ser imortal, celestializado).

Havendo, assim, assumido a mortalidade, tendo sofrido no Getsêmani pelos pecados de todos os homens, e entregue a vida na cruz, restava-lhe tão somente quebrar as cadeias da morte — o quarto e último requisito — para completar sua missão terrena de Redentor. Ele havia repetidamente ensinado que a totalidade de sua vida mortal seguia para essa consumação, prenunciada nas declarações sobre dar e retomar a vida. À pesarosa Marta, disse: "Eu

sou a ressurreição e a vida" (João 11:25); e aos judeus: "Derribai este templo e em três dias eu o levantarei." (João 2:19.)

A ressurreição era tão estranha à experiência humana, que até seus fiéis seguidores tinham dificuldade em compreendê-la. A doutrina, contudo, fora ouvida até pelos crucificadores. Perturbados por ela, foram a Pilatos, dizendo: "Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias, ressuscitarei." Assim, com o consentimento de Pilatos, colocaram sentinelas, para que "não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos". (Mateus 27:63-64.) Aconteceu que esses vigias contratados se tornaram involuntariamente testemunhas da abertura do sepulcro pelo anjo (vide Mateus 28:2-4), última preliminar para o aparecimento do Senhor ressurreto.

A evidência da ressurreição de Jesus é convincente. No domingo seguinte à crucificação o Senhor mostrou-se por cinco vezes.

A primeira a vê-lo foi Maria Madalena. Logo que Pedro e João verificaram que o corpo não mais estava no sepulcro, foram embora. Maria, porém, demorou-se ali, chorando. Dando as costas ao sepulcro vazio, ela "viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.

"Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste e eu o levarei.

"Disse-lhe Jesus: Maria! Ela voltando-se, disse-lhe: Raboni... Mestre."

Então, contendo-a bondosamente, ele continuou: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai,



Exatamente como se revelou, após a ressurreição aos seus seguidores na Terra Santa e aos nefitas na América, revelou-se também em nossos dias.

meu Deus e vosso Deus." (João 20:14-17.)

Um pouco mais tarde, ao nascer o sol, Maria, a mãe de Tiago, Salomé e outras mulheres dirigiram-se ao sepulcro com especiarias, a fim de preparar o corpo para o sepultamento definitivo. (Vide Marcos 16:1.) Encontraram a tumba aberta e vazia: consternadas, deram com dois homens em vestes reluzentes, que lhes disseram: "Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou." (Lucas 24:5-6.) Quando iam contar aos outros discípulos, encontraram o próprio Jesus que falou: "Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram seus pés e o adoraram." (Mateus 28:9.)

Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aproximou-se, incógnito, de Cléofas e um companheiro deste. Quando indagou do que estavam falando, eles repetiram-lhe o relato das mulheres e, diante de seu aparente ceticismo, ele disse: "Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!" E abriu-lhes o entendimento para as escrituras que dele falavam. Demorando-se em Emaús, "tomou o pão, o abençoou e partiu-o e lhos deu. Abriram-se-lhes os olhos, e o conheceram, e ele, desapareceu-lhes". (Vide Lucas 24:13--31.)

À noite, os discípulos ouviram os relatos de que Jesus havia aparecido não só a Cléofas e seu companheiro, mas também a Pedro. Então, enquanto eles assim falavam, "Jesus se apresentou no meio deles"; a fim de acalmá-los e mostrar que não era um espírito, mostrou-lhes as mãos e os pés, e o lado ferido, dizendo: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho..."

"E, não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando

maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer?

"Então eles lhe apresentaram parte de um peixe assado, e um favo de mel. "O que ele tomou, e comeu diante

deles." (Vide Lucas 24:36-43.)

Assim, pois, naquele memorável dia, seus antigos companheiros contemplaram-lhe o glorioso corpo ressuscitado. Não apenas o contemplaram, como lhe ouviram a voz e apalparam as feridas de suas mãos, pés e lado. Na presença deles, ele comeu. Assim, souberam com certeza que ele retomara o corpo que eles próprios haviam depositado no túmulo. A dor transformou-se cm júbilo, ao saberem que ele vivia, alma imortal.

Durante quarenta dias, ele ministrou a seus discípulos na Terra Santa. Apareceu novamente aos discípulos em Jerusalém, quando Tomé estava presente (vide João 20:26-29); e na praia do mar de Tiberiades, onde os orientou na pesca, convidou-os para jantar, deu-hes comida preparada por ele próprio num braseiro e os instruiu no ministério. (Vide João 21:1-14.) Na Galiléia, no alto de um monte; comissionou os onze a pregarem o evangelho a todas as nações. (Vide Mateus 28:16-18.) E, finalmente, depois de abençoá-los em Betânia, eles o viram sendo "elevado ao céu". (Vide Lucas 24:50-53.)

Terminada sua missão na Palestina, fez uma visita aos nefitas na América, para que estes também soubessem de sua ressurreição. O Pai apresentou-o a eles como "meu Filho bem amado, no qual me alegro". Ao vê-lo descendo do céu, eles o descreveram como "um homem vestido com uma túnica branca" que se apresentou como "Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas". Eles o viram, ouviram e, a um convite seu, "a multidão se adiantou, tocou com as mãos o seu lado e apalpou as marcas

que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés"; assim, convencidos, eles testificaram que ele era o Redentor ressurreto. (Vide 3 Néfi 11:7-15.)

Exatamente como se revelou, após a ressurreição aos seus seguidores na Terra Santa e aos nefitas na América, revelou-se também em nossos dias. Na verdade, esta dispensação teve início com a gloriosa visão na qual o Profeta Joseph Smith foi visitado pelo Pai e pelo Filho. Ele ouviu-lhes a voz, pois conversou com eles. Jesus ressurreto foi-lhe apresentado pelo próprio Pai. Contemplou seus corpos gloriosos que posteriormente descreveu assim: "O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também." (D&C 130:22.)

Uns doze anos mais tarde, o Salvador voltou a revelar-se a Joseph Smith, que na ocasião estava acompanhado de Sidney Rigdon. Ambos testificaram "que ele vive! Pois", disseram "vimo-lo mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai". (D&C 76:22-23.)

O Profeta, desta vez em companhia de Oliver Cowdery, viu-o mais uma vez no Templo de Kirtland. "O véu foi retirado de nossa mente, e abertos os olhos de nosso entendimento.

"Vimos diante de nós o Senhor, de pé, no parapeito do púlpito; e sob seus pés um calçamento de ouro puro, da cor do âmbar.

"Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová que dizia:

"Sou o primeiro e o último, sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:1-4.)

Unicamente Jesus poderia realizar a necessária expiação infinita, porque,



trado por Harry An

sendo a única pessoa sem pecado na terra, podia oferecer uma vida impoluta e porque, sendo o Filho de Deus, tinha poder sobre a vida e a morte. Ninguém poderia tirar-lhe a vida, se não tivesse disposto a entregá-la. "Ninguém ma tira de mim", disse ele, "mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para dar e poder para tornar a tomá-la". (João 10:18.) Foi, portanto, com atos de amor infinito e misericórdia que pagou vicariamente a dívida da violação da lei e satisfez os reclamos da justiça.

Somos devedores de Jesus, não só por haver satisfeito os reclamos da lei da justiça, mas também por efetivar a lei da misericórdia pela qual os homens podem ser redimidos da morte espiritual. Pois, embora não sendo responsáveis pela morte física, são-no

pela morte espiritual, que os exclui da presença de Deus.

Todo homem que habita a terra está sujeito tanto às influências da justiça como às do maligno. Entretanto, é dotado do divino dom do livre-arbitrio moral; nenhuma pessoa, porém, que já viveu na terra até a idade da responsabilidade, exceto Jesus, foi capaz de não ceder às influências do maligno em todas as coisas. Todos pecam. Por isso, toda pessoa é impura na medida em que pecou; e, por causa dessa impureza, é banida da presença do Senhor, enquanto estiver sujeita aos efeitos de seus próprios erros.

Como sofremos essa morte espiritual em virtude de nossas próprias transgressões, não podemos reclamar livramento delas em nome da justiça. Tampouco homem algum tem poder para realizar uma reparação tão completa, a ponto de livrá-lo totalmente dos efeitos de seus próprios erros. Para o homem livrar-se das conseqüências de suas próprias transgressões e retornar à presença de Deus, ele precisa valer-se de uma mediação capaz de libertá-lo dos efeitos do pecado. Foi para esse propósito que a expiação de Jesus Cristo foi preparada e realizada.

Foi o supremo ato de caridade neste mundo, feito por Jesus em virtude de seu grande amor a nós. Por meio dele, não só satisfez os reclamos da justiça, que nos teria deixado eternamente maculados pelos efeitos de nossas próprias transgressões, mas efetivou a lei da misericórdia, pela qual todo homem pode ser limpo de seus próprios pecados.

Não importa em que cremos ou como vivemos, todos vamos ressuscitar, pois pela expiação de Cristo, toda alma tem garantida, incondicionalmente, a redenção da morte. O mesmo não se dá, todavia com respeito ao perdão e redenção dos efeitos de nossas próprias transgressões. As únicas pessoas assim perdoadas e redimidas são as que aceitam e cumprem os termos prescritos pelo Redentor, colocando-se, com isso, ao alcance de seu sangue expiatório, com relação a seus próprios pecados.

Ele estabeleceu os termos do evangelho — o Evangelho de Jesus Cristo — que é a lei da misericórdia, cujo primeiro requisito é aceitar Jesus pelo que de fato é, nosso Redentor literal. Esta é a "fé no Senhor Jesus Cristo". (4ª Regra de Fé.) Segue-se o abandono dos pecados e a possível reparação. Isto é arrependimento.

Sem o cumprimento desses requisitos e demais princípios e ordenanças do evangelho, a pessoa fica fora do alcance do plano de misericórdia, sujeitando-se à lei da justiça, a qual exigirá que ela sofra pelos próprios pecados, exatamente como Jesus sofreu. (Vide D&C 19:16-18.) Pois, "aqueles que não exercem fé para o arrependimento, ficam expostos a todas as disposições das exigências da justiça; portanto, apenas sobre os que têm fé para se arrepender tem efeito o grande e eterno plano de redenção". (Alma 34:16.)

Contemplar a Expiação — que me assegura a ressurreição e me dá oportunidade de conseguir a remissão dos pecados através da fé, do arrependimento e fidelidade até o fim, — induz-me à mais intensa gratidão e apreço de que minha alma é capaz, e abre meu coração à mensagem: "Que assombro é, Oh! ele me amou, E assim me resgatou." ("Assombro Me Causa", Hinos, n.º 62.)

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase

Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

- 1. Quatro coisas foram requeridas de Jesus em seu ministério mortal. Ele nasceria na mortalidade; sofreria as dores de todos os homens, incluindo o sofrimento no Jardim do Getsêmani; daria a vida voluntariamente e levantar-se-ia novamente, quebrando as cadeias da morte.
- 2. Houve muitas testemunhas da ressurreição do Senhor. Após a ressurreição, ele se mostrou aos discípulos na Terra Santa e aos nefitas, na América. Ele também voltou a revelar-se em nossos dias.
- 3. Cristo redimiu o homem da morte física através da ressurreição. Ele também pode redimir o homem da morte espiritual, a qual ele mesmo acarreta com seus próprios pecados. A ressurreição é dada a todas as pessoas, incondicionalmente. Ao perdão e à redenção só fazem jus os que aceitam e cumprem os termos prescritos pelo Salvador começando pela fé para o arrependimento.
- 4. Jesus pôde fazer esse sacrifício expiatório por ser imaculado e ter poder sobre a vida e a morte.

Sugestões para o Debate

- 1. Fale de seus sentimentos pessoais sobre a expiação. Como a expiação do Senhor afetou sua vida? Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.
- 2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?
- 3. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar com o chefe da casa? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem para o chefe da família a respeito da missão do Salvador?

Jesus não só venceu a morte por si mesmo e realizou sua própria ressurreição gloriosa, mas... também operou uma ressurreição universal.

PROFETAS SEMELHANTES: PAULO E JOSEPH SMITH

Richard Lloyd Anderson

Paulo foi um profeta, Joseph Smith também. As evidências que apóiam o chamado profético de Paulo também corroboram o de Joseph Smith.

Esta conclusão é um resultado natural do cuidadoso estudo da vida desses dois grandes homens. Tal semelhança não pressupõe, é claro, que Joseph Smith fosse uma cópia exata de Paulo. Paulo não era um homem vistoso, ao passo que Joseph Smith impressionava muitos visitantes com

sua estatura e porte. Paulo era um apóstolo missionário, enquanto Joseph Smith presidia os apóstolos e geralmente orientava a obra missionária, em vez de fazê-lo pessoalmente. Paulo teve a melhor educação que sua cultura podia proporcionar, ao passo que Joseph Smith foi criado na pobreza das regiões fronteiriças, sem instrução formal além da oitava série do primeiro grau.

A despeito, porém, de tamanhas diferenças pessoais, há semelhanças impressionantes. Pouco importa que um falasse inglês e o outro os dialetos hebraicos e grego, desde que ambos falassem inspirados pelo Espírito Santo. Como estamos abordando a questão do seu chamado, autoridade e revelação, equivalentes, somos forçados a ir além das aparências para chegar às realidades espirituais interiores.

A Primeira Visão

Tanto Paulo como Joseph Smith tiveram uma "primeira visão". Naturalmente as circunstâncias diferiram, mas a visão perto de Damasco e a visão no bosque de Nova York foram para estes dois homens orientação para uma vida inteira de serviço. Cristo apareceu a Paulo depois de haver pessoalmente aberto aquela dispensação, enquanto o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith para dar início à dispensação da plenitude dos tempos. Entretanto, as duas visões incluíram uma conversação com o Cristo ressurreto, e em ambas as ocasiões, os profetas foram mandados a mudar seu curso de vida e aguardar instruções posteriores do Senhor.

Muitos cristãos que aceitam normalmente a visão de Paulo, rejeitam a de Joseph Smith. Entretanto, não são consistentes em suas críticas, pois a maioria dos argumentos contrários à primeira visão de Joseph Smith desacreditariam igualmente a experiência de Paulo em Damasco.

Por exemplo, a credibilidade de Joseph Smith é atacada, porque a primeira descrição conhecida de sua visão data de doze anos após o acontecimento. A primeira descrição conhecida da aparição de Damasco, porém, encontrada em I Corintios 9:1, foi registrada aproximadamente vinte e quatro anos depois de sua experiência.

Os críticos deleitam-se em apontar supostas inconsistências nos relatos espontâneos de Joseph Smith sobre sua primeira visão. Todavia, as pessoas em geral recordam vividamente suas experiências com mais ou menos detalhes ao contá-las mais de uma vez. Joseph Smith relutava em expor publicamente sua sagrada experiência esperando que a Igreja se tornasse mais forte e ele pudesse publicar corretamente o que Deus lhe havia concedido. Assim, seu relato mais minucioso da primeira visão seguiu-se a diversos outros — quando começou a escrever sua história oficial.

Nisto, também se assemelha à experiência de Paulo. Seu relato mais completo da visão na estrada de Damasco é o último dos diversos registrados. (Ver Atos 26:9-20.) E este é o único exemplo conhecido, no qual ele menciona o detalhe da profecia do Salvador glorificado sobre a obra de Paulo entre os gentios. (Ver versículos 16-18.) Por que Paulo incluiu este pormenor só nessa ocasião? Provavelmente por estar-se dirigindo a um público gentio, em lugar de um grupo de cristãos judeus. Tanto Paulo como Joseph Smith tinham razões para omitir detalhes da visão até a chegada do tempo e lugar apropriados.

Profetas

A primeira visão de Paulo e de Joseph Smith ressalta o caráter direto de seu contato divino. Ambos estiveram literalmente na presenca do Senhor ressurreto e ambos receberam orientação específica. Paulo conta que, depois da primeira visão viu o Senhor mais quatro vezes no decorrer dos vinte e cinco anos seguintes. (Atos 22:17-21; II Corintios 12:1-4, inferência; Atos 18:9-10 e Atos 23:11.) Joseph Smith relata que viu o Senhor diversas outras vezes nos quinze anos seguintes à primeira visão. (D&C 76:22-24; 137:2-3;110:1-10.) Nenhum dos profetas caiu na armadilha do impostor de reivindicar excessivas experiências sagradas.

Ambos sabiam que tinham autoridade para representar Deus. Seus comentários estão repletos do conhecimento pessoal de sua autoridade para falar em nome do

Salvador. Quando foi desafiado, Paulo respondeu: "Não sou eu apóstolo?... Não vi eu a Jesus Cristo Senhor nosso?" (I Coríntios 9:1.) E Joseph Smith declarou: "Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e eles em realidade falaram comigo: e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era verdade... Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus, e estaria sujeito à condenação." (Joseph Smith, História 1:25.

Embora fosse dado aos dois profetas

grande discernimento doutrinário, eles evitaram outra armadilha comum a impostores: Não afirmavam conhecer todas as respostas. Paulo destruiu a arrogância dos coríntios, comparando o conhecimento humano à compreensão de uma criança: "Porque em parte, conhecemos, e em parte profetizamos." (I Coríntios 13:9.) E várias das declarações de Joseph Smith acerca de julgamentos e da Segunda Vinda refletem seu comentário de 1839: "Não sei quando estas coisas acontecerão."

Tanto Paulo como Joseph Smith foram considerados blasfemos por seus contemporâneos. Seu pecado? Fazer acréscimos às escrituras tradicionais. Por esta "ofensa", Paulo foi



Os ensinamentos de Paulo e Joseph Smith concordam entre si — e diferem do mundo cristão — porque eles receberam pessoalmente revelação verdadeira.

considerado anti-judaico, e os seguidores de Joseph Smith são hoje rotulados de não-cristãos. Paulo e Joseph Smith, entretanto estavam simplesmente fazendo o que todo profeta judeu e cristão havia feito: acrescentar um testemunho pessoal a revelações anteriores e transmitir a mensagem de Deus a uma nova geração.

Paulo demonstrou essa continuidade, declarando ao sumo conselho judeu que estava sendo julgado por crer no que outros fariseus acreditavam: Na realidade da ressurreição. (Ver Atos 23:6.) A diferença no caso era que ele prestava um testemunho pessoal.

Quando os coríntios o desafiaram a respeito da ressurreição, ele não argumentou com eles sobre a possibilidade filosófica. Pelo contrário, respondeu às suas objeções só depois de insistir em que ele e outros sabiam por si mesmos, pois tinham visto com seus olhos. Se não há ressurreição, dizia ele, "somos também considerados como falsas testemunhas de Deus". (I Coríntios 15:15.)

Semelhantemente, durante a ressurreição em Filadélfia, Pensilvânia, em janeiro de 1840, na qual Joseph Smith e Sidney Rigdon testificaram em favor das indenizações aos santos dos últimos dias depois das perseguições no Missouri, o Irmão Rigdon falou eloquente e

minuciosamente das evidências bíblicas em defesa da Restauração; em seguida, porém, Joseph Smith virtualmente lançou-se ao púlpito para falar de sua experiência *pessoal*, de como Deus o chamara, "prestando testemunho das visões que tivera da ministração de anjos que havia desfrutado".2

A obra essencial de um profeta é testificar pessoalmente. E no caso dos profetas Paulo e Joseph Smith, eles o fizeram baseados na condição de testemunhas oculares de Cristo.

Relance a Alguns de Seus Ensinamentos

Acesso à revelação. Na época dos profetas primitivos e seus contemporâneos, não existia a forte distinção entre o clérigo e o homem comum. Os apóstolos do Novo Testamento tinham claramente uma posição de liderança especial do ponto de vista de autoridade e revelação doutrinária; mas, quanto à participação na inspiração de Deus, eles convidavam todos a se batizarem e receberem o Espírito Santo pela imposição das mãos, participando assim dos dons do Espírito. Embora corrigisse os excessos, Paulo encorajava os santos primitivos a procurar "com zelo os dons espirituais,... principalmente o de profetizar". (I Coríntios 14:1.) Ele deixou uma visão muito impressiva do acesso de todas as pessoas à revelação através do Espírito Santo: As coisas de Deus só nos podem ser reveladas "pelo seu Espírito", o qual penetra "as profundezas de Deus". (I Coríntios

A semelhança entre os ensinamentos de Paulo e os de Joseph Smith é clara. Numa carta ao seu tio, Silas Smith, que ainda não se havia filiado à Igreja, ele afirma que as revelações aos primitivos servos de Deus eram a história da religião, não a religião. A verdadeira religião exige comunicação presente com Deus. As grandes respostas de Deus aos líderes bíblicos foram realmente convites para buscar aquelas respostas de novo. Joseph pergunta ao tio: "E não tenho eu

privilégio igual ao dos antigos santos? E o Senhor não ouvirá minhas orações e escutará meus clamores tão depressa quanto sempre atendeu os deles, se eu o buscar como eles o buscavam?"³ Nenhum verdadeiro servo de Deus ensina que passou o dia de revelação contínua.

Numa meia dúzia de outras ocasiões, Joseph afirmou ser um profeta. acrescentando, porém, nas palavras de Apocalipse 19:10, que qualquer outra pessoa que conseguisse um testemunho de Jesus, desfrutaria também da profecia "porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia".4 Isto é, se todos pagarem o preço para ter a companhia do Espírito Santo, poderão ser profetas. E deu um conselho prático de como identificar esses sutis mas poderosos influxos espirituais: "A pessoa pode beneficiar-se ao perceber a primeira insinuação do espírito de revelação", aconselhava. "... Quando sentir inteligência pura brotando dentro de si -- isto poderá dar-lhe súbitos acessos de idéias."5

Esses ensinamentos parelelos mostram que os verdadeiros profetas não procuram fechar-se em grupo exclusivo, mas sim conduzir todos ao mesmo poder que Deus compartilhou com eles.

O destino do homem. As revelações concedidas a Paulo e a Joseph Smith nos falam de nosso destino pessoal. Não existe nada mais empolgante que a auspiciosa cena dos três graus de glória na visão de Joseph Smith, registrada em Doutrina & Convênios, Seção 76. O mundo cristão não conhece coisa alguma desses graus de glória; acredita somente num céu superficial e num lúgubre inferno. Entretanto, Paulo fala de si mesmo em humildade como "um homem em Cristo" que "foi arrebatado até o terceiro céu" para ver coisas gloriosas. (Ver II Coríntios 12:2--4.) E comparou a ressurreição dos mortos a corpos "celestes" e "terrestres", os quais diferem em glória como o sol, a lua e as estrelas são diferentes. (Ver I Corintios 15:40--42.)

Os ensinamentos de Paulo e Joseph



Smith concordam entre si — e diferem do mundo cristão — porque eles receberam pessoalmente revelação verdadeira. Nas palavras de Joseph: "Quando alguma pessoa recebe uma visão dos céus, ela vê coisas em que nunca havia pensado antes." 6

Amor. Conheço uns poucos profetas que ensinaram o significado do amor melhor do que Paulo e Joseph Smith. Na verdade, a autenticidade de seu próprio e abnegado amor confirma a validade dos seus ensinamentos sobre o assunto.

Não há quase necessidade de se comentarem as palavras de Paulo sobre o amor celestial encontrado em I Coríntios, capítulo 13, ou seu cuidado paterno para com os conversos — fiéis ou rebeldes.

A vida de Joseph Smith exibe o mesmo cuidado experimentado pelo próximo. Por exemplo, ele poderia ter escapado antes de ser confinado na Cadeia de Liberty, mas não o fez por temer represálias aos santos.7 Depois de garantida a segurança deles pela dispersão do populacho e ter início a migração, ele tentou escapar da cadeia por três vezes, todas de forma criativa, mas só o conseguindo na última. E no fim, Joseph voltou da margem oposta do Mississippi, dizendo que, se sua vida não tinha valor para seu povo, não tinha nenhum para ele. Os documentos históricos referentes a essa decisão provam que ele se expôs conscientemente ao perigo de ser assassinado para evitar que a turba enraivecida fosse procurá-lo em Nauvoo, e, assim, proteger o povo.8 Vezes sem conta Joseph colocou sua segurança em segundo plano, e o bem--estar de sua família e dos santos dos últimos dias em primeiro.

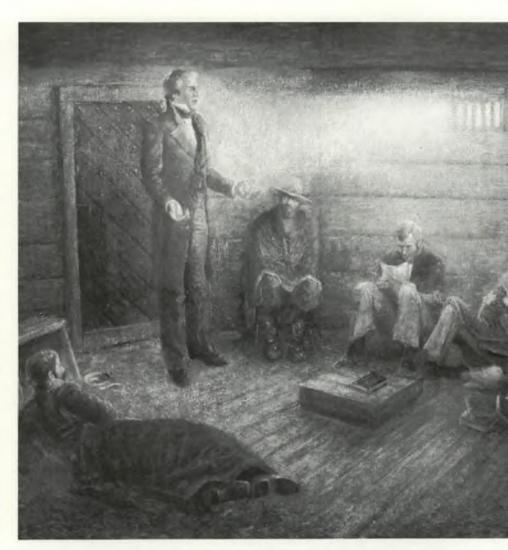
Por conseguinte, há substância em seus ensinamentos em Nauvoo sobre o amor. Seus comentários diante da Sociedade de Socorro, embora talvez expressos de modo canhestro, foram divinos em conteúdo: "Quanto mais nos achegamos ao nosso Pai Celestial, tanto mais dispostos estamos a olhar com compaixão as almas que perecem, para tomá-las sobre nossos ombros e

atirar seus pecados para trás de nossas costas." Antes, ele havia escrito aos Doze, que estavam deixando seus lares para pregar o evangelho: "O homem cheio do amor de Deus não se satisfaz em abençoar apenas sua família, mas corre pelo mundo, ansioso por abençoar toda a família humana." 10

Joseph Smith permitiu um de seus mais reveladores vislumbres de seu intimo apenas algumas semanas antes do martírio. Sua declaração de que "nenhum homem conhece minha história" é sua despedida de amor, ligando suas visões com sua ilimitada abnegação pessoal: "Não sinto inimizade contra qualquer homem... pois amo todos os homens, especialmente estes meus irmãos e irmās... Jamais conhecestes meu coração. Nenhum homem conhece minha história. Não posso fazê-lo. Jamais o farei. Não tivesse experimentado o que experimentei, não teria sabido por mim mesmo. Jamais causei mal a homem algum desde meu nascimento no mundo. Minha voz é sempre dirigida para a paz."11 Joseph está dizendo aqui que conheceu coisas maravilhosas; por isso, ele compartilhava. Sabendo que Joseph Smith e Paulo amavam, sinceramente, não posso acreditar que qualquer deles houvesse ludibriado alguém.

Graça e obras. Não é estranho que os tratados sobre a salvação apenas pela graça raramente citem Cristo e o Sermão da Montanha? Jesus termina o Sermão da Montanha com a advertência de que ouvir (ou ler) suas palavras sem colocá-las em prática, produziria uma catástrofe moral semelhante à casa que ruiu por não estar construída sobre um alicerce sólido. (Ver Mateus 7:24-27.)

Em meia dúzia de cartas, Paulo cita os pecados morais que nos afastam do reino de Deus, se não nos arrependermos, concluindo certa ocasião com estas palavras: "Como já antes vos disse,... os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus." (Galátas 5:21.) Que melhor prova de apostasia do que a mudança do cristianismo de uma religião de ação —



baseada na crença da graça redentora de Cristo — para uma religião de crença apenas?

Joseph Smith também ensinou a importância da graça, misericórdia e amor do Salvador. "E sabemos que a justificação pela graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é justa e verdadeira", ensinava. "E sabemos também, que a santificação pela graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é justa e verdadeira." Mas, consistente com os ensinamentos do Salvador e de Paulo, ensinava também o princípio da responsabilidade: "A

santificação pela graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é justa e verdadeira, para todos os que amam e servem a Deus com todo o seu poder, mente e força." (D&C 20:30-31; grifo nosso.)

Não existe salvação fácil, e Joseph Smith consistentemente pregava a salvação baseada no domínio do nosso corpo para o bem. Como Paulo, ensinava que o pecado sem arrependimento não seria ignorado no dia do julgamento. Apelava a todos que pusessem sua vida em ordem e "agissem retamente diante de Deus e

com todos os homens — então estaremos limpos no dia do julgamento". 12

A doutrina da importância das obras de maneira alguma diminui o papel da redenção do Salvador. Onde encontramos um relato mais pungente do sofrimento expiatório de Jesus Cristo em favor da humanidade, do que na revelação dada ao Profeta Joseph Smith: "Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar —

"Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:18-19.)

Através de Joseph Smith foi restaurado o mesmo evangelho ensinado por Paulo, com sua garantia de sermos perdoados sob a condição de arrependimento, e sua promessa de que todo crente que obedecer aos mandamentos pode, através de Cristo, chegar à perfeição.

Espiritualidade e Sacrifícios Pessoais

As qualidades espirituais pessoais vistas tanto em Paulo como em Joseph Smith são impressivamente semelhantes. Ambos confiavam profundamente em Deus. As cartas do experimentado Paulo aos santos falam de constantes orações e de sua esperança de que eles orarão por ele. O grande milagre de se ver liberto da prisão por um terremoto, deu-se durante as orações de Paulo e seu companheiro. (Atos 16:25-26.)

Semelhantemente, as cartas, diários e discursos de Joseph Smith em Nauvoo estão repletos de orações pelas bênçãos de Deus sobre sua obra e os santos dos últimos dias, não se tratando de referências astutamente planejadas, mas de apelos espontâneos de um homem sincero. Sua proximidade com o Senhor também salta à vista em suas cartas pessoais à esposa, que foram escritas sem nenhum intuito de

publicação. Para citar apenas um dentre numerosos exemplos, em 1832 ele lhe escrevia sobre um atraso em seu retorno ao lar, mencionando suas sinceras orações a Deus por perdão e bênçãos, e falando de Deus como seu amigo e consolo: "Entreguei minha vida em suas mãos. Estou preparado para partir ao seu chamado. Desejo estar com Cristo. Minha vida não tem valor para mim, apenas fazer sua vontade." 13

Os sacrifícios pela obra caracterizam a missão desses dois homens. Quando os coríntios duvidaram da ressurreição, Paulo simplesmente lhes perguntou por que ele levaria uma vida de desconforto, arriscando-a a todo momento por algo não verdadeiro. Numa ocasião, ele enumera algumas das adversidades que havia sofrido em seu ministério:

"Recebi dos judeus quarenta açoites menos um.

"Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo;

"Em viagens, muitas vezes, em perigo de rios, em perigo de salteadores, em perigo dos da minha nação, em perigo dos gentios, em perigo na cidade, em perigo no deserto, em perigo no mar, em perigo entre os falsos irmãos;

"Em trabalhos e fadiga, em vigilias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez.

"Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas." (II Coríntios 11:25-28.)

Joseph Smith também provou sua sinceridade pelo sacrifício. Escrevendo à Igreja durante as injustas tentativas de aprisionamento que o mantiveram escondido dentro e fora de Nauvoo durante meses, ele também recorda: "A inveja e a ira dos homens têm sido a minha sorte todos os dias da minha vida... e como Paulo, eu me glorio na tribulação." (D&C 127:2.) De fato, embora o Profeta não resumisse todas as suas provações, qualquer historiador poderia facilmente tomar o formato de Paulo e adaptá-lo à vida de Joseph

A obra essencial de um profeta é testificar pessoalmente. E no caso dos profetas Paulo e Joseph Smith, eles o fizeram baseados em sua condição de testemunhas oculares de Cristo.

Smith, como o próprio Joseph fez na Cadeia de Liberty, referindo-se aos fardos de sua vida. (Ver D&C 122:5.)

Por exemplo, um sem-número de vezes cristãos professos apontaram-lhe armas com ameacas de morte. Uma vez ele foi espancado, coberto de alcatrão e penas, e largado inconsciente. Quando a serviço do Senhor, duas vezes cavalos em disparada colocaram sua vida em perigo. Enveredou por estradas secundárias e vadeou pântanos para escapar aos inimigos. Pelo reino suportou anos e anos de incômodas viagens por terra, bem como se arriscou em muitas viagens de barco pelos rios. Enfrentou anos de injustas acões legais, que tornaram seu próprio lar um lugar inseguro, e ficou preso um longo inverno, numa sórdida cadeia, por acusações não comprovadas. Ao mesmo tempo, manteve a responsabilidade de liderar a Igreja, preocupando-se, orando e planejando o bem-estar de sua família e demais santos.

Por que Paulo e Joseph Smith fizeram tais coisas? Porque conheciam positivamente a veracidade do evangelho, da ressurreição e do julgamento. Joseph explicou que as constantes perseguições por falar de suas visões, o fizeram sentir-se "como Paulo... no entanto, poucos acreditaram nele; alguns diziam que ele era desonesto, outros que estava louco; e foi ridicularizado e injuriado. Mas tudo isto não destruiu a realidade de sua visão. Ele tivera uma visão, sabia que a tivera e toda a perseguição debaixo do céu não poderia mudar o fato; e ainda que o perseguissem até a morte... Assim era comigo". (Joseph Smith 2:24-25.)

Martírio

Tanto Paulo como Joseph predisseram que estariam seguros nas primeiras perseguições, mas também previram corretamente a própria morte. Em sua última epístola, dizia Paulo: "Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrificio, e o tempo de minha partida está próximo." (II Timóteo 4:6.)

Já em 1842, Joseph dissera que sua obra estava virtualmente terminada e que poderia morrer a qualquer hora. Em 1844, concordou em ser preso, dizendo sem rodeios ao Governador Ford em várias cartas, que o processo legal era um pretexto "até que algum vilão sangüinário encontrasse oportunidade para matar-nos". Jornais contemporâneos registram os presságios de Joseph a caminho de Carthage, e Willard Richards registrou as palavras do Profeta no dia do martírio: "Tenho sentido uma boa dose de preocupação quanto a minha segurança, o que nunca fiz antes não pude evitá-lo."15 Seu advogado não-mórmon lembra que, na manhã do martírio, Joseph disse "que não viveria para ver outro dia, tão certo estava de que seria assassinado, o que provou ser verdadeiro".16

Ao lermos os ensinamentos de Joseph Smith e as epístolas de Paulo, podemos ver o compromisso de cada profeta. Ambos eram homens absorvidos por sua missão. De sua obra, dizia Paulo: "Pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!" (I Coríntios 9:16.) Com a mesma convicção de urgência, Joseph Smith disse: "Se já não estivesse nessa obra e não fosse chamado por Deus, voltaria atrás. Não posso, porém, voltar atrás - não tenho dúvidas da verdade."17

Estes dois profetas que estiveram na presença de Jesus Cristo, sabiam da urgência de cada dia e da obra da eternidade que prosseguia ao redor deles. Sua vida testifica eloquentemente da veracidade de sua mensagem - e de seu chamado como profeta.

Richard L. Anderson, professor de religião na Universidade Brigham Young, é pai de quatro filhos. Presentemente serve na presidência da Estaca BYU XI.

NOTAS

1. Andrew F. Ehat e Lyndon W. Cook, The Words of Joseph Smith (Provo, Utah: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1980), p. 12. As citações deste trabalho, reproduzindo trechos do diário, poderão ser citadas com acréscimo de pontuação.

2. Parley P. Pratt, Autobiography of Parley Pratt, (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1979), p. 298.

3. Joseph Smith a Silas Smith, 26 de setembro de 1833, Kirtland, Ohio, cit. Lucy Smith, Biographical Sketches (Liverpool, 1853), p. 208.

4. Ver exemplos em Ehat e Cook, pp. 10, 164, 230.

5. Ehat e Cook, p. 5.

6. Ibid. p. 14.

7. Ver Pratt, pp. 195-197, indicando sua detenção descuidada em Independence, Missouri, antes de ser preso sob forte guarda em Richmond e Liberty.

8. Ver Richard Lloyd Anderson, "Joseph Smith's Prophecies of Martyrdom", Sidney B. Sperry Symposium, 26 de janeiro de 1980. (Religious Instruction, Brigham Young University: Provo, Utah, 1980), pp. 9--10.

9. Ehat e Cook, p. 123. 10. De Joseph Smith aos Doze, outubro de 1840, Nauvoo, Illinois, cit. Dean C. Jessee, The Personal Writings of Joseph Smith (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1984), p. 481, também cit. B. H. Roberts (ed.), History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1978), 4:227.

11. Ehat e Cook, p. 355.

12. Ibid, p. 113.

13. Joseph Smith a Emma Smith, 6 de junho de 1832, Greenville, Indiana, orig. na Sociedade Histórica de Chicago, cit. Jessee, p. 239. 14. Joseph Smith a Thomas Ford, 22

de junho de 1844, cit. History of the Church, 6:540.

15. Willard Richards, Joseph Smith Journal, 26 de junho de 1844, ms. no Departamento Histórico SUD. 16. Col, J. W. Woods, "The Mormon Prophet" Daily Democrat, Ottumwa, Iowa, 10 de maio de 1885.

17. Ehat e Cook, p. 179.

PARA UM SACRIFÍCIO, BÊNÇÃO DOBRADA

Mary Ann Young

Como poderíamos ter tido um precioso bebê em nossas mãos e não tê-lo aceito? Como, depois de tantos meses de orações, súplicas e esperança?

Entretanto, um belo bebê havia nascido e decidíramos que ele não era para nós.

Enquanto lutávamos para controlar as emoções, refletíamos sobre a experiência que começara com um estranho telefonema um mês antes, numa noite em meados de janeiro.

Era uma noite calma em casa, mas todas as nossas noites eram calmas. Não havia nenhum arrulho de bebê no berço, nenhum brinquedo colorido, nenhuma sacola de fraldas pendurada na maçaneta da porta do quarto, aquelas coisas gostosas encontradas em casas onde há crianças.

Era tarde da noite, quando o telefone tocou naquela noite

memorável. James, meu marido, atendeu e foi cumprimentado pela voz vagamente familiar de uma conhecida sua.

"Soube, por um amigo nosso, que você e sua esposa estão interessados em adotar um bebê, não é?" — indagou ela.

"Isso mesmo", respondeu James, "estamos muito ansiosos por adotar uma criança." Eu me sentei, surpresa. A conversa continuou e fiquei atenta às suas respostas, desejando poder ouvir a voz do outro lado da linha.

Quando James descansou o fone, sua mão estava tremendo, e a voz era nervosa e tensa. "Foi uma pessoa que conheci por intermédio de um colega de trabalho," explicou. "Ela diz que tem uma parente distante solteira que está para ter um bebê. A garota é jovem, está desempregada e não tem condições de cuidar da criança. Sua

família não pode ajudá-la. Ela quer fazer o que for melhor para o bebê e pensa em cedê-lo para adoção."

Naquela noite, revivemos toda a esperança e emoção sentidas tantas vezes antes, quando pensávamos que teríamos um bebê.

Mas as semanas se passaram sem mais notícias, e nosso otimismo ansioso foi-se desvanecendo. Falávamos sobre essa criança ainda não nascida todas as noites. Sabiamos que o telefonema trouxera falsas esperanças, mas continuamos orando e jejuando.

"Existem agências que cuidam de adoções", dizia James. "Certamente uma assistente social a contatará ou ela irá procurá-los. Provavelmente, seria mesmo o melhor para a futura mãe. As agências com assistentes sociais qualificadas poderão encontrar o melhor lar possível para crianças adotadas."

Ele não estava dizendo nada que ambos já não soubéssemos. Há meses já, estávamos em contato com uma assistente social de uma agência de adoções, e sabíamos que eles



lustrado por Scott Snow

prestavam um serviço muito necessário aos casais desejosos de adotar crianças e especialmente às garotas solteiras dispostas a cederem seus bebês para adocão.

A espera continuou durante a neve e frio de fevereiro e outras noites tranqüilas. O toque do telefone às duas da madrugada fez meu coração disparar. Assustada, levantei-me e, às apalpadelas, procurei o telefone no escuro.

"O James está?" — perguntou uma voz feminina.

"Sim, ele está. Está dormindo, mas vou acordá-lo." Quem quer que fosse devia precisar muito dele, ou não telefonaria aquela hora.

"Alô," tartamudeou James sonolento, depois ficou atento, respondendo às perguntas. "Sim, tudo bem. Não pensávamos que ela ainda estivesse... Nós a chamaremos amanhã." Ele déixou o telefone cair na cama, totalmente desperto. "Ela está tendo o bebê. Agora mesmo. Está em trabalho de parto e vai dar à luz logo. E espera que fiquemos com o bebê!"

Ambos ficamos sentados em silêncio, aturdidos. Alguém acabava de telefonar, dizendo simplesmente que tinha um bebê para nós. Agora! Naquele momento! James rompeu o silêncio. "Ela não foi a uma agência e não entrou em contato com uma assistente social. Pediu a essa sua parente que nos telefonasse novamente, dizendo que o bebê está para nascer e ela quer cedê-lo para adoção."

Subitamente, todas as preocupações a respeito de uma adoção particular que sempre caláramos vieram à tona no diálogo que tivemos naquela madrugada. Concluímos que, pela manhã, deveríamos falar com nossa assistente social e pedir seu conselho baseado em trinta anos de trabalho com adoções. Ajoelhamo-nos em oração, pedindo pela mãe desconhecida em trabalho de parto, por sua paz de espírito quanto à decisão que estava para tomar. Pedimos ao Pai Celestial



que abençoasse o bebê prestes a nascer. Rogamos-lhe que nos abençoasse para sermos bem orientados em nossa decisão concernente à criança.

Naquela manhã, sentamo-nos e aconselhamo-nos com uma mulher muito sábia e amável, que dedicara anos de sua vida a servico de mães e crianças. Ela escutou atentamente a história dos telefonemas inesperados e respondeu pensativamente. "Não posso e nem mesmo tentaria tomar a decisão por vocês", disse ela. "Tenho que deixar isto ao seu critério; posso somente oferecer-lhes minha experiência e ponto de vista. Sei o quanto anseiam ter uma criança e também que as agências frequentemente exigem períodos de espera aparentemente insuportáveis para casais ansiosos. Vocês têm um 'bebê nas mãos', por assim dizer, e não posso prometer-lhes coisa alguma. Mas devo dizer-lhes que eu teria sérias preocupações quanto ao fato de James ser conhecido por uma parente da mãe do bebê." Ela fez uma pausa e pensou antes de falar. "Anos de experiência me ensinaram que geralmente é melhor

para a criança que a identidade de seus pais naturais seja totalmente desconhecida.

"As agências de adoção, como sabem, fazem estudos extensivos tanto em relação à criança como aos pais em potencial, para determinar qual criança será mais adequada para cada família", continuou ela. "Seu caso não lhes permitiria esta vantagem, e vocês também não saberiam nada a respeito do histórico médico da criança."

Pensamentos, pontos de vista profissionais, temores e sabedoria foram ventilados numa conversa de duas horas.

No caminho para casa, ficamos ambos em silêncio. Havia uma tensão inegável no ar.

Em casa, ajoelhamo-nos em oração e eu soube a resposta antes que James me falasse sobre o que sentia. Não era a resposta que esperávamos receber. A criança não deveria vir para nossa casa. Mas, por quê? Parecia um milagre e estávamos prestes a recusá-lo.

"Sei que esse bebê não está designado a vir para nosso lar, para ser nosso", disse James. "Não recebi aquela confirmação, aquela paz de espírito aliada às respostas positivas. Mas essa mãe espera que eu encontre um lar para o bebê. O bebê precisa de um lar, de um bom lar e precisa dele hoie."

James e eu conversamos longo tempo sobre o que seria melhor para a criança. Fizemos alguns telefonemas para amigos e profissionais que nos poderiam oferecer o melhor conselho. Naquela noite, James telefonou para a senhora que entrara em contato conosco, explicando-lhe brevemente por que não podíamos ficar com a criança; deu-lhe o nome de uma assistente social muito experiente que atenderia a jovem mãe de perto. Ela ligou e fez o contato. Dois dias depois, o menino foi colocado num lar especial onde ele seria amado e bem cuidado. Sabíamos que a criança estava a salvo em algum lugar, confortável e nos bracos de pais que ansiavam por um filho. Ainda assim, ficamos sentados à beira da cama, depois de receber as notícias, pensando e lamentando. Mesmo enquanto nos questionávamos sabíamos que um Pai Celestial amoroso nos dissera, com discernimento e compreensão que excedem em muito nossas limitações humanas, que a criança não era para

As noites do frio mês de março, passamos tranquilamente em casa, trabalhando como de costume durante o dia. Por volta das oito horas da manha de uma segunda-feira, James acordou cantando. Perguntei-lhe o que havia de tão maravilhoso naquela segunda-feira que me parecia ser apenas um dia de volta ao trabalho após um ótimo fim-de-semana. "Não sei", riu ele. "Apenas sinto que vai ser um bom dia."

Saí para o trabalho à hora de sempre, e estava excepcionalmente ocupada, quando o telefone tocou às nove e dez. "Alô, Mary Ann, aqui é Carol." Nossa assistente social! Eu teria reconhecido sua voz em qualquer lugar.

"Você acha que poderia arranjar uma folga suficiente para vir pegar seu bebê?"

Todos os que estavam por perto ouviram o grito de júbilo. Ninguém precisou perguntar o que era. "Um menino! É fantástico! Quando? Onde? Vou ligar para James imediatamente. Já estamos a caminho."

"Não desligue ainda," disse ela. "Preciso dar-lhe alguns pormenores e contar-lhe algo mais sobre o bebê." Eu estava tão entusiasmada, que mal conseguia escutar, mas, à medida que ia falando descobri que os poucos minutos a mais no telefone valeram a pena.

Entrei em contato com James. "Carol acabou de ligar. Você é papai! Ela tem um garotinho para nós. Ele já está lá, esperando que o apanhemos e o levemos para casa." Estava tão nervosa, que quase não conseguia falar.

"Carol falou-me do bebê exatamente como lhe estou contando. Sabe, e isto não é tudo, querido. Nosso menininho tem um irmão."

"O que você quer dizer com um irmão?" perguntou ele.

"Gêmeos," eu ri. "Você é o orgulhoso pai de gêmeos idênticos."

Uma corrida desbalada até a agência e subida apreensiva ao segundo andar, e lá, deitados juntos num berço de madeira com espaço de sobra, nossos lindos meninos!

Nossos gêmeos haviam nascido um dia depois do bebê que tivéramos oportunidade de adotar. No dia em que nos aconselhamos com nossa assistente social, nossos bebês encontravam-se no berçário de terapia intensiva, pesando menos de dois quilos cada um. Era estrita política da agência que os pais em perspectiva jamais fossem informados até que o bebê estivesse fora do hospital e pronto para a adoção. Carol e as outras assistentes sociais haviam-se reunido e nos escolhido como os pais para os

Havíamos esperado durante meses para adotar uma criança.

Agora tínhamos de decidir se podíamos aceitar o bebê que nos estavam oferecendo.

gêmeos pouco antes de nascerem, mas nós não podíamos sabê-lo, até que tivessem nascido, ganho peso e pudessem deixar o hospital. Nossos meninos estavam no hospital, crescendo e esperando por nós durante dezessete dias, antes que recebêssemos o chamado da agência naquela gloriosa manhã de segunda-feira.

Carter James e Jefferson Thomas foram selados a nós no templo depois de seis meses, período de espera exigido por lei. A alegria que trouxeram ao nosso lar é indescritível. Tanto James quanto eu sentimos intensamente que esses dois garotos louros e de cabelos lisos estavam reservados para nós.

Frequentemente olho para os dois com ansiosa ternura, dando-me conta de que, se não houvéssemos escutado o conselho de nosso Pai Celestial, eles não estariam em nosso lar, e poderíamos ter perdido uma das maiores bênçãos que já recebemos.

Mary Ann Young, enfermeira registrada e mãe de quatro filhos, é membro da Ala Edgemont I em Provo, Utah.



ÉLDER YOSHIHIKO KIKUCHI: INABALÁVEL NAS MUDANÇAS

Larry E. Morris

O Élder Kikuchi na escrivaninha, no Edifício dos Escritórios da Igreja na Cidade de Lago Salgado. O primeiro japonês nativo chamado a ser Autoridade Geral, ele foi apoiado membro do Primeiro Quorum dos Setenta em outubro de 1977.

Pra outubro de 1977. Com o poslúdio tocado ao órgão, enchendo de música o Tabernáculo de Lago Salgado na Praça do Templo, o Élder Yoshihiko Kikuchi, recémapoiado membro do Primeiro Quorum dos Setenta, encontrava-se perto da entrada, cumprimentando conhecidos. Um deles, presidente de estaca no Japão, apresentou-lhe um amigo seu, R. Gordon Porter, presidente de estaca na Cidade de Lago Salgado.

"Presidente Porter", disse o Élder Kikuchi, "o irmão não cumpriu missão no Japão?"

"Bem, cumpri, sim", replicou o Presidente Porter, imaginando como o Élder Kikuchi sabia disso.

Eles estavam ainda apertando-se as mãos, o Élder Kikuchi fitando o Élder Porter atentamente. "O irmão me confirmou membro da Igreja." Incrédulo, o Presidente Porter procurou lembrar-se do seu tempo de missão no Japão. "Fazia quase vinte anos", comentou depois, "mas, enquanto apertávamos as mãos lembrei-me repentinamente daquele lar em Hokkaido, e revi o jovem gakusei (estudante) de pé, junto à porta, conversando com Delmont Law, meu companheiro sênior."

Esse encontro depois de duas décadas e a milhares de quilômetros, é um bom exemplo de como o evangelho afetou a vida de Yoshihiko Kikuchi, levando-o de uma mudança inesperada para outra. Durante todas essas mudanças, ele conservou-se humilde e fiel.

O passado do Élder Kikuchi dificilmente faria dele um provável candidato à conversão na Igreja. Nascido em 1941, foi criado no "país da neve" rural de Hokkaido, a ilha mais setentrional do Japão. Os missionários SUD haviam deixado o Japão mais de dez anos antes de seu nascimento, por encontrarem pouco sucesso num país impregnado de tradições. Durante os anos trinta, enquanto o Japão se tornava cada vez mais militarista e antiamericano, desapareceram virtualmente os últimos traços da organização da Igreja.

Então, cinco meses depois do nascimento de Yoshihiko, houve o bombardeio de Pearl Harbor, no Havaí. E pouco antes do final da guerra, o pai de Yoshihiko — servindo nas tropas japonesas — morria num bombardeio do Japão. Poucos teriam esperado que um menino na situação de Yoshihiko viria filiar-se a uma igreja "americana".

"Eu tinha preconceito para com os americanos por causa da morte de meu pai", diz o Elder Kikuchi, "Quando atendi à porta naquele dia (em 1958) e vi dois americanos — empertigados com seus chapéus e sobretudos naturalmente lhes disse: 'Não, muito obrigado.''

Até mesmo conhecer os élderes como o fez, não teria acontecido normalmente, porque Yoshihiko deveria estar na escola. Mas ele estava--se recuperando de uma doença. Rapaz trabalhador, ele vinha estudando à noite e se levantava às quatro da manhã para trabalhar, a fim de ajudar a mãe no sustento da família. Esse regime rigoroso deixara-o completamente exaurido, e um dia ele desmaiou no trabalho. Depois da alta do hospital, ficara com seu tio e estava sozinho em casa, quando o Elder Law e o Élder Porter bateram à porta.

Assim como Yoshihiko teria normalmente estado em outro lugar naquele dia — fosse na escola, ou no trabalho — os élderes normalmente estariam de folga, porque aquele era seu dia de preparação. Mas, como não haviam encontrado muitos pesquisadores nas últimas semanas, foram bater às portas, porque o Élder Law fora inspirado a fazê-lo.

Quando Yoshihiko se negou a atendê-los, o Élder Law insistiu, dizendo que tinham uma mensagem importante para ele e que tomaria apenas alguns minutos. "Minha doença havia-me colocado numa posição de buscar a Deus", recorda o Élder Kikuchi, "e decidi deixá-los entrar. Eles contaram-me a história de Joseph Smith; figuei muito impressionado.'

"Yoshihiko impressionou-me por ser um jovem fora do comum", diz o Irmão Law, que agora vive em Mapleton, Utah, "Eu sabia que ele estava preparado para o evangelho."

"Sou grato que os élderes tenham andado a segunda milha," comenta o Élder Kikuchi. Hoje ele expressa frequentemente seu apreço pelo trabalho dos missionários. "Quero dizer aos santos americanos o quanto aprecio meu testemunho", diz ele. "Ouero especialmente que os irmãos e irmãs mais velhos saibam que aprecio profundamente o legado - e herança - que preservaram. Tenho conhecido membros da Igreja em Bend, Oregon; Salmon, Idaho; Tooele, Utah; e muitos outros lugares. Essas pessoas maravilhosas vivem uma vida simples, frequentando a igreja fielmente toda semana. Eles talvez imaginem se estão realmente contribuindo para o reino do Senhor. Quero assegurar-lhes que estão. São pessoas fiéis que criam seus filhos em retidão e os mandam em missão. Ouero que saibam que estão fazendo um trabalho maravilhoso para o Senhor."

Depois do contato com os missionários, o Élder Kikuchi transformou-se num "pesquisador de ouro", recebendo as palestras avidamente e até mesmo aparecendo na capela por iniciativa própria. Na primavera de 1958, poucas semanas depois de conhecer os élderes, ele foi batizado pelo Élder Law. A data era 6 de abril — aniversário da organização da Igreja.

Três anos depois, o próprio Yoshihiko era um missionário. Enquanto servia na ilha japonesa de Kyushu, teve uma experiência que provou ser significativa para sua vida. O Élder Gordon B. Hinckley, do Conselho dos Doze, visitava o Japão e falou numa conferência missionária de zona. Yoshihiko era o único élder japonês presente.

"Tivemos uma reunião de testemunho, e fui o último a prestar testemunho," conta o Élder Kikuchi. "Fiquei de pé e comecei a falar em japonês. Subitamente, senti-me tomado por um espírito muito cálido e, sem saber o que estava fazendo pus-me a falar em inglês. Não sei o que disse. Mas lembro a sensação maravilhosa que tive."

Depois que ele voltou ao seu lugar, o Élder Hinckley se levantou e proferiu uma bênção especial sobre o Élder Kikuchi. A partir daquele momento ele passou a interessar-se ativamente em aprender inglês, acreditando que seria importante para seu futuro trabalho no reino. Costumava carregar consigo um rádio transistor, imitando o que ouvia na rede de rádio das Forças Armadas dos Estados Unidos. "Sem a ajuda do Senhor, não teria aprendido. Agradeço-lhe por me ajudar," diz ele.

Sua fluência em inglês aumentou e. nos primórdios de 1970, enquanto



Yoshihiko Kikuchi aos seis meses, em 1941

servia na presidência da Estaca Tóquio, frequentemente era o intérprete quando Autoridades Gerais falavam nas conferências de estaca.

"Lembro-me muito bem de 'Kikuchi Kyodai' (Irmão Kikuchi),'' conta um ex-missionário. "Ele ficava de pé, no púlpito, com a Autoridade Geral visitante, sempre ouvindo atentamente e depois dando a interpretação com a mesma ênfase e sentimento do orador. Sabe, ele nunca o faria levianamente.'

Entre os líderes da Igreja aos quais o Élder Kikuchi serviu de intérprete, contam-se o Presidente Joseph Fielding Smith (quando um grupo de santos japoneses visitou a Cidade de Lago Salgado), Presidente N. Eldon Tanner, Presidente Spencer W. Kimball. Presidente Hinckley e outras Autoridades Gerais. Mas, de todas as relações do Élder Kikuchi com Autoridades Gerais, a mais frequente e duradoura tem sido justamente a que teve início numa simples conferência de zona. O Presidente Gordon B. Hinckley e o Élder Kikuchi encontraram-se muitas vezes, enquanto o Presidente Hinckley fazia frequentes viagens ao Japão; até agora já esteve lá aproximadamente quarenta vezes.

O Élder Kikuchi cumpriu missão de três anos e meio, incluindo uma extensão de seis meses como missionário proselitista de tempo integral e mais um período de doze meses como um missionário construtor. Menos de duas semanas depois de retornar para casa em 1964, ele casou-se com Toshiko Koshiya. Ela havia-se filiado à Igreja quando jovem — depois de dois anos de pesquisa — e conheceu Yoshihiko não muito depois do batismo.

Com o casamento, deu-se outra importante mudança em sua vida — o jovem casal transferiu-se da tranqüila e tradicional área do Japão setentrional para a agitada metrópole "ocidental" de Tóquio. Yoshihiko tornou-se logo além de marido, pai, estudante universitário em psicologia aplicada a negócios, e mais tarde funcionário de tempo integral de uma firma de produtos domésticos e presidente do Ramo Oeste, que viria a ser posteriormente Ala III de Tóquio. Ele considera esse tempo como o período de maior crescimento em sua vida.

Tranquila e modesta, a Irmã Kikuchi recorda aqueles dias com ternura: "Tivemos muitas bênçãos. Yoshihiko trabalhava arduamente cada minuto." Na realidade, a energia que demonstrara como jovem não havia diminuído; conseguia então umas quatro horas de sono por noite. "Ele nunca reclamava", continua a Irmã Kikuchi, não mencionando seu próprio esforço e fidelidade, ambos decisivos durante aquele tempo.

Quando completou trinta anos, o Élder Kikuchi parecia ter finalmente encontrado um estilo de vida estável: Ele e Toshiko eram pais de três filhas e um filho; ele estava servindo como presidente da Estaca Tóquio, com a família ainda residindo no "Ramo Oeste"; e tinha um excelente emprego como gerente regional de vendas para todo o Japão, numa firma

internacional.

Outra mudança, porém, estava prestes a acontecer.

Um dia, em 1977, o Élder Kikuchi recebeu um telefonema do Élder Adney Y. Komatsu, do Primeiro Quorum dos Setenta — servindo na ocasião em Tóquio como supervisor de área — dizendo-lhe que o Irmão Arthur Haycock, secretário pessoal do Presidente Kimball, vinha tentando entrar em contato com ele. No mesmo dia, por volta de meia-noite, ele recebeu um telefonema do escritório da Primeira Presidência. O Presidente Kimball veio ao telefone, indagou a

respeito de sua saúde e família, depois

respeito de sua saude e ramilia, depois perguntou-lhe se estava planejando viajar para a Cidade de Lago Salgado para a conferência geral de outubro. Não, replicou o Élder Kikuchi, informando estar designado para ir à conferência uma vez ao ano, e havia ido seis meses antes.

"Entretanto, poderia vir?"
perguntou o Presidente Kimball.
"Gostaria de vê-lo. Quando chegar a
Lago Salgado, por favor, entre em
contato comigo."

Não recebeu nenhuma informação adicional.

Yoshihiko Kikuchi aos quinze anos (embaixo, à esquerda), posa com seus amigos e professores depois da formatura no ginásio.

O Élder Kikuchi aos dezenove anos, quando servia como missionário em Osaka, Japão. Meio admirado e meio preocupado com a razão do chamado a Lago Salgado, o Élder Kikuchi fez apressados arranjos para partir, descobrindo então que seu passaporte havia expirado poucos dias antes. Seguiram-se vôos perdidos, (problema que os Kikuchi nunca tiveram antes ou desde aí), a perda da bolsa da esposa e uma série de problemas que fizeram o Élder e a Irmã Kikuchi chegarem tarde para a entrevista marcada com o presidente da Igreja. Eles ficaram com amigos naquela noite; a longa espera continuou.

Cedo, na manhã seguinte, encontraram-se finalmente com o Presidente Kimball, que muito gentilmente quis saber como estavam passando, bem como seus familiares. Então, disse-lhes por que haviam sido convidados a virem a Lago Salgado.

"Irmão Kikuchi — o Senhor o chamou para servir como Autoridade Geral."

Atônito, o Élder Kikuchi descobriu que mal podia falar.

"Presidente Kimball," ofegou, "sinto muito, mas poderia repetir isso?"

"O Senhor o chamou para servir como Autoridade Geral da Igreja."

Recordando aquele momento pungente, o Élder Kikuchi diz que ele e a Irmã Kikuchi "choramos e choramos. Estávamos tomados pela emoção."

Yoshihiko Kikuchi tornou-se assim a primeira Autoridade Geral nascida no Japão, juntando-se ao seu amigo e companheiro, Élder Komatsu, que nasceu no Havaí, de ascendência japonesa.

Embora o Élder Kikuchi aceitasse de boa vontade e com alegria esse chamado vindo de um profeta, ainda assim tinha dúvidas sobre sua capacidade de cumpri-lo.

"Nunca esperei ser chamado para tão grande responsabilidade," disse ele, no primeiro discurso de conferência geral. "Ainda me pergunto e ao Senhor: 'Por que eu, ó Senhor? Por que eu, ó Senhor?' Não obstante, ainda ouço no fundo do coração: Aonde mandares irei, Senhor, através de montanhas ou mar!" ("Por que Eu, Senhor?", *A Liahona*, fevereiro de 1978, p. 95.)

Exatamente como o primeiro contato do Élder Kikuchi com os missionários o levou a grande apreço por eles e seus pais, sua mudança de um pequeno ramo japonês para seu escritório da Cidade de Lago Salgado na sede da Igreja, tem tido uma influência muito grande sobre sua perspectiva.

"Para mim", diz ele, "é muito importante lembrar que o evangelho é tudo em minha vida, e esta é a Igreja de Jesus Cristo. Não é apenas para algumas raças ou nacionalidades; ela é internacional, universal, uma igreja para todos os povos."

Esta ênfase na universalidade do evangelho tornou-se um tema constante nos discursos do Élder Kikuchi:

"Que nós, membros desta Igreja verdadeira, tenhamos coragem suficiente para nos postar diante do mundo e proclamar esta grandiosa mensagem do evangelho eterno, o evangelho restaurado de Jesus Cristo, "...a toda nação, tribo, língua e povo..." (D&C 77:8.) Irmãos e irmãs, devemos ser a "... luz do mundo..." (Mateus 5:14.)" ("Enviar Missionários de Todas as Nações", A Liahona, março de 1980, p. 46.)

A designação atual do Élder Kikuchi, de conselheiro na presidência da Área Norte da Cidade de Lago Salgado (anteriormente ele era o administrador executivo da Área Granger/Murray) o levou para longe das reuniões de rua dos missionários, a que comparecia fielmente depois de seu batismo. Mas aqueles humildes inícios influenciaram-no fortemente, e no desempenho de seu chamado em Utah e onde quer que seja, ele continuamente ressalta estas duas idéias intimamente ligadas: Os membros da Igreja estão fazendo uma grande e maravilhosa obra, levando uma vida reta e verdadeira, e enviando em missão seus filhos e filhas; e é preciso lembrar-nos de que Cristo é o centro de nossa fé e que seu evangelho é para todos os povos, e tem de ser pregado a



Toshiko e Yoshihiko Kikuchi com a filha mais velha, Sarah, no verão de 1966

toda nação o mais rápido possível.

Pouco depois de seu batismo, o Élder Kikuchi tornou-se missionário para seu próprio povo. Mais tarde, passou a presidente de ramo, conselheiro de um presidente de missão, conselheiro de presidência de estaca e depois, presidente de estaca. Pouco depois de seu chamado como Autoridade Geral, sua área de serviço na Ásia foi ampliada; desta vez foi designado administrador executivo de área para o Japão e a Coréia.

Um dos presidentes de missão que serviram sob a direção do Élder Kikuchi foi R. Gordon Porter. "Ele me chamava ao telefone", recorda o Presidente Porter, "e dizia: 'Aqui fala seu pesquisador.'" O Presidente Porter acrescenta que virtualmente toda vez que conversavam, o Élder Kikuchi agradecia novamente o que ele e o Élder Law haviam feito. "Mas nós realmente não fizemos nada de especial", diz o Presidente Porter. "Como muitos missionários, estávamos simplesmente fazendo proselitismo em



A família Kikuchi hoje (da esquerda para a direita): Irmã Kikuchi, Matthew, Élder Kikuchi, Ruth, Renah e Sarah.

nosso dia de preparação."

Ainda assim, aquela tarde de esforço extra resultou na conversão de um homem que tem tido oportunidade de influenciar muitos mais. A experiência de sua própria conversão ilustra duas verdades que o Élder Kikuchi preza muito: Que o Senhor opera através de pequenos meios e que a obra missionária tem um efeito multiplicador que pouco compreendemos.

O Élder Kikuchi serviu no Japão como administrador executivo de 1978 a 1982, e lá estava quando foram realizadas conferências de área em muitos lugares da Ásia e o Templo de Tóquio foi dedicado. Então veio outra mudança: Deixar Tóquio — a cidade outrora estranha que se tornara um lar — e dizer adeus à própria terra. A família Kikuchi mudou-se para a Cidade de Salt Lake, tendo que adotar um novo idioma e uma nova cultura. Basta apenas imaginar-nos partindo de nosso próprio país natal, para

compreender os ajustamentos que tal mudança exige.

"O inglês é difícil", diz a Irmã Kikuchi, que agora serve como regente de música e professora visitante da Sociedade de Socorro, "mas estamos tendo uma experiência muito agradável aqui."

Os filhos — Sarah, dezenove anos; Renah, dezesseis; Ruth, quatorze e Matthew, dez — enfrentaram bem a dificuldade de deixar o Japão e aprender uma nova língua. Eles agora freqüentam as mesmas escolas que seus muitos amigos americanos.

"A princípio tínhamos saudades de casa", diz o Élder Kikuchi, "mas agora estamos adaptados." Então, com um sorriso, ele acrescenta: "Mas sentimos falta do sashimi (peixe cru)."

Ele e a Irmã Kikuchi ressaltam sempre aos filhos que o chamado do Élder Kikuchi é como outro qualquer; um chamado a ser cumprido fielmente, com os pensamentos voltados ao Senhor em lugar de qualquer senso de realização pessoal. "Temos ensinado sempre aos nossos filhos que todo chamado na Igreja é importante, não importa qual seja; todos os chamados são do Senhor," diz a Irmã Kikuchi.

A família Kikuchi desfruta muitas atividades em conjunto, inclusive música, leitura, culinária, pesca e passeios de automóvel. O Élder Kikuchi aprecia o tipo de passatempos que se poderia esperar de um homem pensativo e meticuloso: jardinagem, pintura e carpintaria.

Agora, aos quarenta e poucos anos, ele já viveu uma vida notável, cheia de mudanças que nem ele nem seus familiares esperavam. Todavia, os sinais da influência do Senhor em sua vida são constantes e inconfundíveis, deixando-lhe um forte testemunho.

"Amo nosso Pai Celestial. Sei que Deus vive. Sei que existe um profeta de Deus vivo hoje, e o apóio com todo o coração. O Senhor vive e este é o seu evangelho. O Salvador Jesus Cristo é o centro de nossa vida. Eu o amo de todo o coração. É nele, por ele e através dele que podemos ser salvos."

"COM O SOM DE UMA TROMBETA"

Jeanne Newman

Talvez tenha levado uma vida de mimos, mas simplesmente não estou acostumada a ouvir que estou fadada a ir para o inferno. Na verdade isto aconteceu apenas uma vez, mas foi o suficiente para me levar a sérias reflexões que continuam até hoje.

Aconteceu quando deixei a Universidade Brigham Young, em Provo, Utah por um verão para trabalhar numa repartição do governo em Washington D.C. Um colega de trabalho era um rapaz particularmente brilhante e eloquente, que não só trabalhava em período integral, mas também estava terminando os estudos de Direito. Ele não era membro da Igreja, mas vivera rodeado de membros por diversos anos. Provavelmente conhecia o aspecto teórico da doutrina até melhor do que eu, e seu conhecimento da Bíblia era soberbo. Tivessem nossas conversas alguma vez degenerado em discussão, sua arguta mente e língua de advogado teriam arrasado meu ego inexperiente. Penso que conseguir isso era realmente o seu intento, pois deleitava-se em fazer perguntas destinadas a me confundir, e seus ataques à Igreja eram bem planejados e habilidosamente executados. Suas intenções tornaram-se claras, quando, depois de um longo debate, ele comentou: "Não consigo nem mesmo fazê-la chorar, não é?"

Para ser honesta, ele me fez chorar uma vez, ou no mínimo eu chorei em sua presença. Mas não foi absolutamente por me sentir frustrada ou derrotada. Isto nunca foi problema porque, quanto pior o ataque, mais eu sentia o Espírito me amparando e confirmando a validade de meu testemunho, e enchendo-me com uma

calma que apagava qualquer desejo de retrucar na mesma moeda.

As lágrimas vieram depois de uma conversa na qual explicara suas principais objeções à Igreja. Ele achava que o homem é salvo pela graça. O Salvador expiou nossos pecados, acreditava ele, e tudo o que é requerido de nós, é que acreditemos no Senhor e o aceitemos como nosso Salvador. Meu amigo afirmou ter um relacionamento pessoal com Cristo; assim, nada mais lhe era exigido para salvar-se. Por outro lado, os santos dos últimos dias, alegava ele amargamente, não têm nenhum apreço a Cristo ou pelo que ele fez. A crença deles em outros requisitos além da fé, tais como batismo e guardar os mandamentos, avilta a expiação de Cristo implicando que o mesmo é insuficiente para salvar o homem. As crenças mórmons, afirmava, são quase blasfemas. Poderia pensar em muitos adjetivos para descrevê-los, mas cristãos definitivamente não estava na lista. E esta, me dizia, era a razão pela qual eu iria para o inferno.

Ao ouvir tal condenação, ocorreram--me muitas respostas possíveis. Poderia dizer que Cristo instituíra a ordenança do batismo e ele próprio foi batizado; que foi ele quem mais pregava a necessidade de guardar os mandamentos. Poderia dizer que um de seus próprios discípulos disse que "a fé sem obras é morta". (Tiago 2:20.) Eu, porém, não disse nada disso, mas, quando o meu amigo fez uma pausa para recuperar o fôlego, simplesmente olhei para ele e disse: "O Salvador é mais importante que qualquer outra coisa em minha vida." E então prestei testemunho de Jesus

Cristo. Falei-lhe do meu amor ao Salvador e do meu conhecimento de que ele me ama. Disse-lhe como a expiação do Salvador era a única coisa que dava propósito à minha vida; que o Evangelho de Jesus Cristo era a única âncora que eu tinha para me apegar, quando tudo o mais parecia determinado a me abater. Disse-lhe que toda a minha vida se concentrava em procurar viver o evangelho do Senhor e que eu realmente tinha um testemunho pessoal de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Estou certa de que não falei eloquente ou impressivamente, mas foi quando me vieram as lágrimas.

Quando terminei de falar, aconteceu uma coisa surpreendente; meu amigo, tão habilidoso no falar, ficou calado por vários momentos. Quando ele falou, sua voz havia diminuído consideravelmente de volume, passando a um tom moderado e suave: "Você é a primeira pessoa mórmon" disse ele, "que realmente me prestou testemunho de Jesus Cristo."

Somos membros da Igreja de Jesus Cristo. Esta é a sua igreja. Em nosso batismo fizemos convênio de "servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar... mesmo até a morte." (Mosiah 18:9.) Então, por que eu tive um amigo que vivera, trabalhara e convivera socialmente com santos dos últimos dias por muitos anos sem nunca ter ouvido um testemunho de Jesus Cristo? O caso de meu amigo pode ser único e certamente espero que o seja. Mas minha experiência com ele, deixou-me muito mais cônscia de nossa sagrada obrigação se sermos testemunhas valentes e franças de nosso Senhor e Salvador, Jesus, o

Cristo.

Certamente não nos falta motivo para testificar dele jubilosamente. Ele é o Criador: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez." (João 1:3.)

Ele é "a luz que está em tudo, e dá vida a tudo, que é a lei pela qual todas as coisas são governadas, sim, o poder de Deus que se assenta sobre o seu trono, e está no seio da eternidade, e no meio de todas as coisas.

"Ele compreende todas as coisas, todas as coisas estão diante dele, e todas as coisas estão em seu derredor; ele está acima de todas as coisas, e em todas as coisas, através de todas as coisas, e em derredor de todas as coisas; e todas as coisas são dele, e por meio dele, mesmo Deus, para todo o sempre." (D&C 88:13, 41.)

Ele é "Alfa e Ômega... o princípio e o fim, o Redentor do mundo". (D&C 19:1.)

É ele "o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação:

"E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.

"E ele é a cabeça do corpo da Igreja: é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.

"Porque foi do agrado do pai que toda a plenitude nele habitasse." (Colossenses 1:15, 17-19.)

Ele é o que "tira o pecado do mundo" (João 1:29) e nos salva da destruição. Sem ele, a "carne não mais se levantaria" e estaríamos "à mercê daquele anjo que caiu da presença do Eterno Deus, e se tornou o demônio...

"E nossos espíritos deveriam tornarse como ele, e nós nos tornaríamos demônios, anjos de um demônio, para sermos afastados da presença de nosso Deus, permanecendo com o pai das mentiras, em miséria, como ele." (2 Néfi 9:8-9.)

Mas, por causa de nosso Salvador, este não precisa ser nosso fim. Por



causa dele, podemos arrepender-nos e ser perdoados, pois ele pagou o preço de nossos pecados. Sofreu tamanha angústia que o fez, "mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente". (D&C 19:18.) Ele sofreu "estas coisas por todos, para

que, arrependendo-se não precisassem sofrer". (D&C 19:16.)

É somente através de Cristo que podemos viver. Ele nos preserva "de dia em dia, dando(-nos) alento para que (possamos) viver, andar e fazer as coisas segundo (nossa) própria vontade". (Mosiah 2:21.) Sem ele, não podemos fazer coisa alguma. Somente

nele há força. Somente nele há vida. Somente nele há paz, esperança e salvação. Verdadeiramente, seu nome é: "Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz." (Isaías 9:6.)

Como poderemos hesitar em erguer nossa voz com o som de trombeta, (ver D&C 33:2), para testificar e prestar testemunho de Jesus Cristo? Não estamos sozinhos ao prestar testemunho, pois todos os profetas testificaram do Salvador e Redentor. As escrituras estão repletas de testemunhos dele. Na verdade, todas as coisas testificam dele, pois ele próprio disse: "E eis que todas as coisas têm sua semelhanca e todas as coisas são criadas e feitas para dar testemunho de mim: tanto as coisas temporais como as espirituais; coisas que estão acima nos céus, coisas que estão sobre a terra, coisas que estão na terra, e coisas que estão embaixo da terra, e todas as coisas, tanto acima, como abaixo da terra; todas dão testemunho de mim." (Moisés 6:63.) Até mesmo Deus, o Pai, testificou de seu Filho, quando disse em diversas ocasiões: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." (Ver Mateus 17:5; 3 Néfi 11:7; Joseph Smith 2:17.)

Frequentemente nos referimos aos apóstolos como testemunhas especiais de Cristo. Mas, o que isto significa? O Élder Bruce R. McConkie explica que "um apóstolo é uma testemunha especial do nome de Cristo, enviado para ensinar os princípios de salvação aos outros. É alguém que conhece a divindade do Salvador por revelação pessoal e que é designado a prestar testemunho ao mundo do que o Senhor lhe tem revelado". O Élder McConkie então continua, dizendo: "Na verdade, todo membro da Igreja deve ter discernimento e revelação apostólica, e está sob a obrigação de levantar a voz da advertência." (Mormon Doctrine, 2ª edição, Salt Lake City: Bookcraft, 1966, pp. 46-47.) O Élder David B. Haight disse: "É nossa responsabilidade e gloriosa oportunidade prestar constante testemunho de Jesus Cristo." (Conferência Geral, abril de 1974.) O Élder Joseph B. Wirthlin declarou enfaticamente:

"Nossa igreja não deseja e nem irá comprometer sua posição, de forma alguma! Nunca, em tempo algum, vacilará, hesitará, ou mostrará qualquer relutância em prestar inabalável testemunho da divindade de Jesus Cristo. Sendo a situação atual do mundo como é, cada portador do sacerdócio (e membro) deve tirar vantagens de toda oportunidade que surgir para testificar do Salvador, e ensinar e exemplificar a verdade do evangelho, fazendo resplandecer sua luz diante de amigos e estrangeiros. para perpetuar a verdade concernente ao nosso Salvador, Jesus Cristo." ("Assim, Também Resplandeça a Vossa Luz", A Liahona, abril de 1979, pp. 54-55.)

Precisamos estar mais do que dispostos — precisamos estar ansiosos por prestar testemunho de nosso divino Redentor e Amigo. Precisamos ser como os antigos nefitas, dos quais Néfi diz: "E falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo." (2 Néfi 25:26.) É nossa obrigação e nossa jubilosa oportunidade. Deveríamo-nos sentir como Amon, quando disse: "Gloriemo-nos, portanto, sim nós nos gloriemos no Senhor; sim, nós nos rejubilaremos, pois que nosso gozo é completo; sim, louvaremos nosso Deus para sempre. E quem poderá glorificar--se demasiadamente no Senhor?" Como Amon, "não posso expressar nem a mínima parte do que sinto" (Alma 26:16), mas posso dizer que eu sei que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Ele é nosso Senhor e Salvador. Esta é a sua Igreja e sua obra, e temos a responsabilidade de testificá-lo. Humildemente acrescento meu fervoroso testemunho aos muitos que dele têm sido prestados.

Minha experiência...
deixou-me muito mais
cônscia de nossa sagrada
obrigação de sermos
testemunhas valentes e
francas de nosso Senhor e
Salvador, Jesus Cristo.

MINHA AMIGA DISTANTE, NO TEMPO E NO ESPAÇO

Peggy Hill Ryskamp

padre acendeu a luz elétrica recentemente instalada e, enquanto a lâmpada balançava mansamente, olhei ao redor da sala cheia de sombras que ela iluminava. O piso era de cimento e, excetuando dois armários antigos e vergados encostados à parede, tudo o que a sala continha era uma pouco firme mesa de madeira e cadeiras. Quando o padre abriu as janelas, vimos uma mistura de arbustos silvestres e flores, e pudemos ouvir um burro zurrando ali por perto.

Meu marido George, que havia passado muitas horas aqui em viagens anteriores, olhou em volta com um sorriso de enorme satisfação e foi com o padre a uma sala contígua para pegar os livros de registros. Fiquei sozinha na sala, tentando acostumar-me com o que via.

Então, afinal, estávamos na Espanha! Lembrei-me de como uma viagem à Espanha para fazer pesquisa genealógica nos parecera a princípio, quanto planejamento fora necessário para agregar a clientela, as semanas aflitivas até resolver a questão financeira, as orações e lágrimas por deixar as crianças e as listas e listas de coisas por fazer.

George logo voltou com os registros, mostrando-me, entusiasmado, os grossos volumes contendo páginas e páginas de espesso papel pergaminho, onde os padres haviam anotado casamentos, batismos e mortes desde o século dezesseis. Eles eram impressivos e instalei-me para ajudar George a pesquisá-los, esperando que seu entusiasmo pudesse suster-me.

Infelizmente, à medida que passavam as horas e os dias, descobri que o que parecia tão natural para George, não o era para mim. Ele conseguia ficar hora após hora estudando as páginas, totalmente absorto e alheio ao ambiente físico, enquanto eu percebia e reagia a cada detalhe. A cadeira de madeira tornavase insuportável depois de sentar-me nela por um par de horas, as sombras da lâmpada dificultavam a leitura e era tão gelado, que, à noite, minhas costas doíam devido à friagem.

Minhas reações eram tão embaraçantes quanto frustradoras para mim. George sempre achara a pesquisa genealógica muito interessante e orava para que a experiência também o fosse para mim. Mas as longas, frias e inflexíveis horas pareciam sem fim.

Finalmente chegou a hora de pesquisar uma nova linha, numa paróquia diferente. Visto ser uma nova linha familiar para nós, George se pôs a fasculhar o livro de casamentos, enquanto eu pesquisava no de batismos e nascimentos. Embora estivesse procurando os filhos de três casais diferentes, fiquei particularmente intrigada com uma família que encontrei nesses registros. Pareceu-me como se conhecesse a mãe, à medida que encontrava o registro de nascimento de cada um de seus filhos. O espaço entre o nascimento de seus filhos era semelhante ao dos meus, e lembrei-me de minhas próprias gestações e as reações de nossos filhos à chegada de um novo bebê. Eu já estava longe de casa havia duas semanas, e as lembranças de um lar cheio de barulho de crianças, beijos molhados e abraços exuberantes me deram saudades.

Então George sugeriu que eu trabalhasse nos registros de falecimentos por um pouco. Como pertenciam ao mesmo período, os nomes que encontrei eram-me familiares e anotei a morte de diversos membros mais velhos da família. Não esperava, porém, encontrar tantas mortes entre os mais novos, e lágrimas de compaixão marejaram-me os olhos quando reconheci o nome de um dos filhos da minha "amiga", que morrera aos três anos. Quando, virando a página, encontrei, oito dias mais tarde, o registro da morte de seu filho de seis anos, meu coração confrangeu-se e lágrimas rolaram.

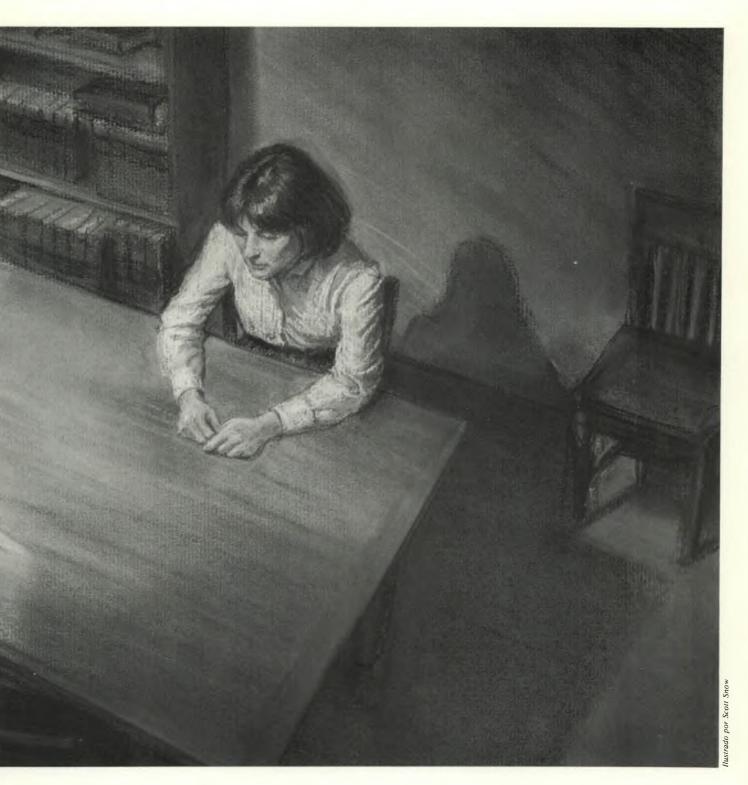
Pensei novamente nos meus pequeninos, exatamente da mesma idade: — a sensação de seus corpinhos aninhados em meu colo, o som de suas risadas e vozes pela casa. A distância de todo um oceano me despertou saudades e continuei a chorar e a sentir empatia por aquela mãe, enquanto virava as páginas.

Mas, quando seis meses mais tarde, encontrei a morte de seu marido, fiquei tão triste, que tive que parar de escrever, e até mesmo George percebeu



meus soluços. "Simplesmente não posso entender por que ela teve de passar por tudo isso", disse-lhe. "Não parece justo."

E então, de repente, compreendi o verdadeiro sentido das frases que eu ouvira e repetira a vida inteira, fazendo sentimentos e pensamentos se juntarem. "Querida amiga", pensei "esta é a razão pela qual estou aqui. Seu sofrimento não foi sem propósito; há algo que posso fazer por você. Graças a um Salvador amoroso e a um templo de Deus, posso ajudá-la a ter



de volta seu marido e seus filhos. Eles poderão ser seus para sempre agora, exatamente como tenho os meus."

As lágrimas continuaram correndome pela face, mas eram lágrimas de paz e alegria, de humilde gratidão pelos templos e famílias, e pela oportunidade de poder ajudá-las.

Desde que voltei da Espanha, ir ao templo passou a tocar-me mais profundamente. Quando verifico o nome alfinetado em minha manga, sinto respeito por essa mulher. Ela enfrentou privações físicas e uma

proximidade com a morte que eu nunca tive que provar. E embora eu não possa compartilhar com ela minha água quente ou xampu, ou o remédio que com tanta naturalidade dou às minhas crianças doentes, posso dar-lhe do que tenho de mais precioso: as bênçãos do evangelho.

Peggy Hill Ryskamp, mãe de quatro filhos, serve como líder "em serviço" da Primária na Ala Riverside, Califórnia. Repentinamente, com a verdadeira compreensão da obra vicária, pensei: "Posso ajudá-la a ter de volta seu marido e seus filhos. Eles podem ser seus para sempre, agora."

O TESOURO OCULTO

Lori Anne Brown

P arece que toda classe tem seu estudante estranho, e minha classe de seminário não era exceção. Um dos rapazes era um completo insucesso em todo o sentido da palavra. Pelo menos era o que parecia.

Ele era magrinho e penteava o cabelo preto oleoso todo para frente, de modo que cobriam os olhos e assim se escondia do mundo.

Zombeteiramente, eu o comparava a um avestruz que enterrava a cabeça na areia para não ser visto pelos outros. Ele sempre se sentava no fundo da sala, jamais participando voluntariamente de qualquer debate. Não tinha amigos. Nunca se socializava com os colegas. Sinto-me envergonhada em dizê-lo, mas achava que ele não prestava para coisa alguma, e sei que muitos dos outros alunos sentiam o mesmo. Fiquei extremamente surpresa quando ele ganhou o campeonato de busca de escrituras. Pensei presunçosamente que apenas tivera mais tempo para estudar, porque não se dedicava a nenhuma outra coisa. A festa de encerramento do seminário provou o quanto eu estava errada a respeito dele.

Aquela noite continua indelevelmente gravada em minha



Fotografado por Mike McConkie

Seção Infantil



O Dom do Espírito Santo

Alice Stratton

Desci as escadas correndo, ainda de camisolinha e roupão, e gritei: "Ei, pessoal, tenho oito anos."

"É verdade. Feliz aniversário, querida", disse mamãe, fazendo-me rodopiar e dando-me um beijo.

"Parecia que eu nunca faria oito anos!" — declarei.

A principal coisa ao se fazer sete anos, é preparar-se para fazer oito. Sempre havia alguém dizendo que pelo meu novo dente da frente que estava nascendo, eu devia ter sete anos, e isto era animador, porque, no meu próximo aniversário, eu teria idade suficiente para ser batizada.

E agora era meu o próximo aniversário! Perguntei: "Posso convidar a Cinira para o meu batismo? Posso, mãezinha? Cinira não é mórmon, mas ela gosta de ir à Primária comigo."

"Claro que pode. Convide os pais dela também", respondeu mamãe.

Tomei meu desjejum às pressas e saí correndo para a casa da Cinira. Ela me viu chegando e abriu a porta.

"Adivinhe!" — falei ofegante. "Vou ser batizada hoje à noite e quero que você, sua mãe e seu pai venham assistir."

Cinira e seu pessoal foram não só ao meu batismo, mas também à Igreja no dia seguinte, para ver minha confirmação.

No dia depois de meu batismo, Cinira apareceu lá em casa para brincar de boneca comigo e minhas irmãs, Dani e Susana. De repente, Cinira perguntou: "Gláucia, o que é Espírito Santo?"

Sua pergunta deixou-me tão surpresa, que não consegui pensar no que dizer. Dani é dois anos mais velha



O Espírito Santo está-me ajudando a perceber como a gente se sente bem, sabendo que está fazendo a coisa certa.

que eu, e olhei para ela pedindo ajuda, mas ela fez que não notou. Apenas continuou escovando o cabelo da sua boneca.

Acho que Cinira pensou que não entendi sua pergunta, porque tentou novamente: "Na igreja, ontem, seu pai pôs as mãos dele sobre sua cabeça e disse: 'Recebe o Espírito Santo.' O que é o Espírito Santo?'"

Fingi que estava muito ocupada, amarrando o laço do gorro da minha boneca. Isto me deu um minuto para pensar. Para mim, o Espírito Santo simplesmente existia e não precisava de nenhuma explicação. Mas eu sabia que a Cinira ia insistir numa resposta. Finalmente eu disse: "Bem, o dom do Espírito Santo é uma coisa muito boa."

"O que o Espírito Santo faz?" — Cinira quis saber.

"Ele é um ser de espírito, não podemos vê-lo. Mas ele ajuda as pessoas a fazerem a coisa certa." "Oh," disse ela.

Fiquei contente, porque não me perguntou mais nada.

Depois que ela foi para casa, senteime na varanda para pensar. Pensei sobre o que significa ser batizada. Pensei na pia batismal de azulejos azuis, e na mão de papai segurando a minha, enquanto eu descia os degraus. Lembro-me de como os dois estávamos bonitos vestidos de branco. E lembrome do barulhinho da água, quando papai me deu o mergulho. Pensei também sobre o domingo. Eu usei o mesmo vestido branco de babados que Dani usou dois anos atrás, quando ela foi confirmada. Exceto que ela usou uma larga faixa vermelha e fitas vermelhas no cabelo escuro. Eu usei uma faixa larga azul e fitas azuis no cabelo. Lembrei-me de meus tios e nossos mestres familiares, que ajudaram papai a me confirmar. Depois, eles sorriram e apertaram-me a

Enquanto pensava sobre a pergunta de Cinira, lembrei-me de que papai disse uma vez que a espécie de aviso que sentimos quando somos tentados vem do Espírito Santo, procurando impedir que façamos coisas erradas. Eu deveria ter prestado mais atenção a esse aviso no dia em que achei que simplesmente tinha que ter um pedaço de alcaçuz. Tirei dez centavos da bolsa de mamãe, sem pedir a ela antes, e quase não me senti culpada quando dei o dinheiro ao balconista.

No dia seguinte, mamãe disse: "Gláucia, se você for correndo pôr esta carta no correio para o papai, dá tempo para eu assar uma torta de pêssegos para o almoço." Dani e Susana já tinham ido à casa da Tia Celeste, assim eu era a única que restava.

Então, mamãe olhou na bolsa e disse: "Ora, ora. Tinha certeza de ter dinheiro certinho para um selo, mas



aqui vejo apenas dez centavos."

Ela tirou tudo para fora da bolsa e a sacudiu. "Hummm", comentou, "parece que vou ter que descontar um cheque no banco para poder despachar esta carta ao seu pai. Teremos que esquecer a torta, porque, já que vou sair, aproveito para fazer mais outras coisas."

"Ah, mãezinha, você me deixou com tanta vontade de comer torta. A carta não pode esperar até amanhã?"

"Não. Papai disse que ela precisa ser despachada hoje de manhã."

"O que vamos ter para o almoço?"

— perguntei.

"Sanduíche de atum. Por favor, fique perto do telefone. A Irmã Helena ficou de telefonar-me. Diga-lhe que eu ligarei assim que voltar."

Senti-me muito mal, enquanto a via sair de carro.

Isto foi no ano passado. Enquanto pensava nisso, agora que eu estava batizada, eu sabia que era importante contar à mamãe o que tinha feito. Eu lhe daria uma das moedas que havia ganho no meu aniversário, para ajudar a acertar a coisa toda.

Eu ainda estava sentada na varanda, quando passou o Carlos pelo nosso

portão, andando sobre latas amarradas aos pés. "Oi, Gláucia", gritou. "Adivinhe como fiquei tão alto."

"Já sei, pela barulheira das latas quando você vinha chegando", respondi.

"Você quer ir até minha casa? Tenho mais duas latas, para você andar também", convidou.

"Não posso. Estou descalça", respondi. "Além disso, estou resolvendo uma coisa importante."

"Bem, quando você tiver acabado, calce os sapatos e venha", disse ele, continuando o caminho.

Sentada ali na varanda, continuei pensando na pergunta de Cinira. Numa de nossas aulas da Primária, aprendemos que o Espírito Santo é o Espírito da verdade. Nossa professora disse que ele nos ajudaria a não mentir. Imaginei que precisava de ajuda nisso também. Lembrei-me do dia em que mamãe entrou na cozinha, logo depois de eu ter derrubado, sem querer, o açucareiro no chão. Antes que ela pudesse falar, eu disse: "A culpada é a Susana."

"Gláucia, dê uma olhada pela janela", ela me disse. "O que você está vendo?" Vi Susana se balançando numa corda pendurada na árvore. "Foi por isso mesmo. Eu estava com pressa de balançar-me com ela, e foi aí que bati contra a mesa."

"Gláucia", mamãe virou meu rosto para ela. "Ninguém quebra louça de propósito. Todos fazemos coisas sem querer. Não é o açucareiro que é importante. É você. Mais importante para mim que todos os pratos do guarda-louça — até mesmo que os copos de cristal — é uma menininha que fale a verdade."

Olhei para o chão. Sabia que deveria pedir desculpas, mas não pedi. Em vez disso, perguntei: "Os pratos, às vezes não ficam tão perto da beirada, que caem sozinhos?"

"Oh, Gláucia", disse mamãe, e eu desejei que ela me tivesse batido em vez de me olhar daquela maneira. Isso me teria feito sentir muito melhor.

Eu continuava sentada na varanda, pensando, quando Dani e Susana chegaram correndo. "Venha jogar bola conosco", elas me convidaram.

Ficamos jogando a bola uma para a outra, e então Dani jogou uma bola que era muito alta para mim.

Correndo de costas para pegá-la, escorreguei e caí de costas no canteiro de íris azuis de mamãe. Mamãe estava justamente saindo do barração com uma tesoura para cortar um buquê.

Olhei para as flores esmagadas e estava começando a falar, quando algo dentro de mim pareceu dizer: "Não, Gláucia, você não vai dizer que Dani a fez cair."

"Sinto muito, mãezinha", desculpei-me "Corri de costas e caí."

"Sim, eu sei. Eu vi", replicou.

"E você não está zangada comigo?" "Claro que não."

Da maneira como mamãe sorria, quase me sentia bem por ter caído nas flores.

"Veja só quantas íris você não esmagou," disse-me ela. "Uma filha que fala a verdade é mais importante que um quintal inteiro cheio de flores!"

Oh! Aquilo deve ter sido o Espírito Santo sussurrando que eu devia dizer a verdade, pensei. E ele está-me ajudando a perceber como a gente se sente bem, sabendo que está fazendo a coisa certa. Eu mal podia esperar para contar à Cinira.

De um Amigo para Outro

De uma entrevista pessoal de Janet Peterson com o Élder Dean L. Larsen, da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



"A casa onde cresci em Hyrum, Utah, era uma velha casa que havia começado com um só cômodo, feita de toras de madeira. Mais tarde, foram acrescentados mais quartos e um segundo andar. Eu era o quinto filho e tenho três irmãos e três irmãs. Meu pai era professor de biologia no ginásio local, e no verão cultivávamos nossa propriedade para ajudar a aumentar a renda dele.

"Éramos uma família muito unida e trabalhávamos juntos. Tínhamos cavalos, vacas, porcos e galinhas para cuidar. Cultivávamos feijão e tomate que vendíamos para as fábricas de conservas e empacotadores em Hyrum.

"Tínhamos um grande número de pés de framboesa. Quando as framboesas estavam maduras e prontas para colher, elas sempre pareciam interferir nas celebrações do Quatro de Julho, feriado nacional, e na comemoração da chegada dos pioneiros SUD ao Vale do Lago Salgado, em 24 de julho.

"Toda primavera, tínhamos que cortar os ramos secos das moitas de framboesa. Depois de darem frutos durante um ano, eles secavam e morriam. Era um trabalho desagradável passar entre os arbustos e cortar todos aqueles ramos mortos e espinhentos. Eram carroças cheias deles todos os anos. Geralmente, os

empilhávamos na rua ao lado de nossa propriedade e faziamos grandes fogueiras com eles. Toda a criançada do bairro aparecia lá e nós assávamos batatas e maçãs e brincávamos muito.

"Lembro-me de que costumava cravar algumas daquelas varas secas em pares ao longo da estrada que passava pelas nossas terras, e depois colocava outras em cima delas, formando barreiras que eu pulava correndo. Era apenas uma brincadeira naquela época, mas quando freqüentei o ginásio e a faculdade, tornei-me um corredor de barreiras nas equipes de atletismo.

"Todos tínhamos amigos na vizinhança, mas meus amigos mais chegados eram meus irmãos e irmãs. As coisas que mais gostávamos de fazer, nós fazíamos com nossos irmãos. Éramos ferozmente leais uns com os outros e ainda o somos."

Recordando mais a respeito de seu lar da infância, o Élder Larsen diz: "Morávamos muito perto do reservatório de água de Hyrum, o qual ainda existe. No verão, quase todos os dias, depois que havíamos terminado de trabalhar, nós íamos lá para nadar.

"Meu pai era um grande apreciador da vida ao ar livre. Caçar e pescar era um passatempo normal para nós. Desde quando era muito pequeno, lembro-me de ir caçar e pescar. Mesmo antes de ter tamanho suficiente para carregar uma arma ou ter uma licença para caçar, eu costumava ir a caçadas a veados ou alces, no outono. Aquelas experiências foram muito importantes.

"Não tínhamos dinheiro para gastar com divertimentos, inventávamos nossas próprias diversões. Entretanto, não nos sentíamos nem um pouco prejudicados com isso. Havia sempre coisas muito agradáveis para fazer.

"Desde quando era menino", conta o Élder Larsen, "gostava muito de cavalos. Eu tinha um potro, filhote de uma de nossas éguas. Como nasceu no meu aniversário, meu pai disse que ele era meu e que era minha a responsabilidade de criá-lo e tratar dele. Aquele potro e eu nos tornamos muito amigos. Quando chegou a época de ser montado, eu podia fazer qualquer coisa com ele. Ele confiava em mim e eu nele. Nunca foi domado como se costumam domar cavalos. Fazíamos todas as coisas juntos, de



"Penso que os filhos também compartilham a responsabilidade de estabelecer um sentimento de solidariedade no lar."

Ler era outra coisa de que gostava o Élder Larsen. "Tínhamos uma sala em nossa casa que chamávamos de sala do norte", lembra ele. "Era uma sala grande no andar principal. Durante minha meninice, não tínhamos aquecimento central; assim, para economizar combustível, costumávamos fechar a sala norte no inverno, exceto nas ocasiões especiais, como Natal, por exemplo. Ela continha uma biblioteca que meu pai havia colecionado através dos anos. Eu costumava divertir-me examinando aqueles livros, enfiado num capote de inverno.

"O Natal era sempre uma grande festa para nossa família. Meus avós paternos eram dinamarqueses e continuamos observando uma porção de velhas tradições dinamarquesas. Uma das tradições da véspera de Natal era a troca de presentes que nós, crianças, havíamos comprado uns para os outros, e que era seguida por um jantar maravilhoso. Mamãe costumava preparar tudo durante dias e nós costumávamos ajudá-la.

"Mamãe e papai nos ensinaram os princípios fundamentais da

honestidade, moralidade, trabalho árduo e integridade. Eles cuidavam de que estávamos desenvolvendo bons hábitos de trabalho na lavoura e na escola.

"Quanto mais tempo vivo e quanto mais observo as coisas que mais contribuem para a felicidade individual e uma sociedade estável", diz o Élder Larsen, "mais profunda apreciação tenho pela família e pela manutenção dos laços familiares. Assim, frequentemente quando falamos sobre o fortalecimento e formação de famílias fortes, parecemos implicar que esta é responsabilidade exclusiva dos pais. Eles realmente têm essa responsabilidade, é claro, mas penso que os filhos também compartilham a responsabilidade de estabelecer e demonstrar lealdade para com os pais e irmãos, a fim de desenvolver aquele sentimento de solidariedade que mantém uma família unida."

A Fuga de Ló

Depois da morte do pai, Ló foi viver com seu tio, Abraão, que o amava como se ele fosse seu próprio filho. Ló prosperou muito e, da mesma forma que Abraão, era dono de muitos animais e servos. Quando o Senhor ordenou a Abraão que se mudasse para a terra de Betel, Ló foi junto. Ao chegarem em Betel, entretanto, acharam necessário separar-se. Abraão disse a Ló que examinasse a terra e escolhesse onde desejava viver, pois ele se estabeleceria na área restante.

Ló examinou as planícies do Jordão e viu que tinham bastante água, que eram um lugar lindo e fértil; portanto, foi onde se estabeleceu. Armou suas tendas perto da cidade de Sodoma, enquanto Abraão levava o que era seu para outra direção, para a terra de Canaã.

A princípio parecia que Ló havia feito uma boa escolha. No entanto, as cidades próximas, Sodoma e Gomorra, eram muito, muito iníquas. Os reinos vizinhos fizeram guerra contra Sodoma e Gomorra e, depois de haverem capturado as cidades, levaram Ló e toda a sua família como prisioneiros. Quando Abraão soube do que tinha acontecido, armou trezentos e dezoito de seus servos treinados e libertou Ló.

Ló foi um homem justo que tentou ensinar o evangelho aos filhos, mas viveu numa das cidades mais iníquas do mundo. O povo de Sodoma e Gomorra havia-se tornado tão mau, que era necessário que fosse destruído. Abraão ficou preocupado, quando o Senhor lhe disse isso; ele sabia que Ló era um bom homem e pensava que certamente deveria haver outras pessoas igualmente boas naquelas cidades.

Abraão perguntou ao Senhor: "Destruirás também o justo com o impio? Se houver dez justos em Sodoma, destruirás a cidade?"

O Senhor respondeu: "Por causa dos dez não a destruirei."

Infelizmente, não havia nem mesmo dez pessoas justas na cidade toda, portanto, ela teria que ser destruída.

O Senhor enviou dois anjos a

Sodoma. Ló encontrou-os no portão da cidade e se curvou em sinal de respeito, convidando-os a irem a sua casa, para comer e descansar. Enquanto os dois anjos desfrutavam da hospitalidade de Ló, várias pessoas iníquas se reuniram do lado de fora da casa, exigindo que os mensageiros lhes fossem mostrados. Ló foi para fora e procurou persuadi-las a irem embora, mas elas ficaram zangadas com Ló e tentaram machucá-lo. Os anjos puxaram-no para dentro de casa e fecharam a porta. Em seguida, feriram aquelas pessoas iníquas com cegueira.

Os anjos admoestaram Ló a reunir sua família e abandonar a cidade imediatamente, pois, disseram eles: "O Senhor nos enviou para destruir Sodoma e Gomorra."

Ló se dirigiu imediatamente aos filhos casados, prevenindo-os do perigo: "Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade."

Como ele deve ter ficado triste, quando os filhos casados se recusaram a lhe dar ouvidos. Ele sabia que, se eles permanecessem em Sodoma, morreriam. Só duas filhas solteiras de Ló foram obedientes e concordaram em ir embora

De manhã os anjos disseram a Ló: "Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas que estão aqui, para que não pereças no castigo da cidade."

Ló hesitou, talvez pensando nos filhos casados que se haviam recusado a lhe dar ouvidos, mas os anjos sabiam que não havia tempo a perder. Tomaram Ló, sua mulher e as duas filhas pela mão e conduziram-nos para fora de Sodoma, dizendo-lhes: "Escapa-te, salva tua vida; não olhes para trás de ti, nem te detenhas em toda esta planície; escapa-te lá para o monte, para que não pereças."

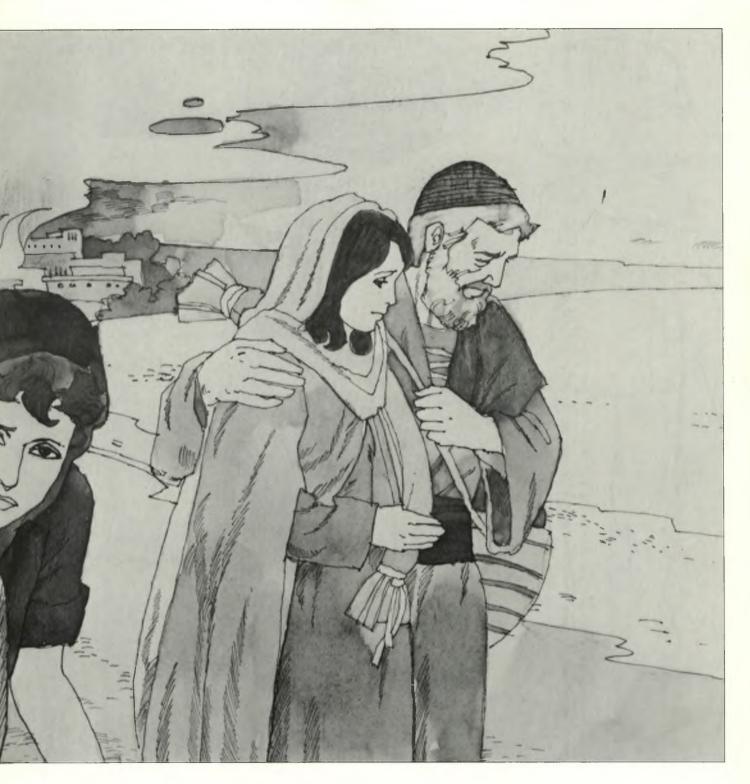
Depois que Ló e sua família já estavam suficientemente longe de Sodoma, para estarem a salvo, os anjos pediram a Deus que destruísse a cidade. O Senhor fez chover fogo e enxofre¹ sobre Sodoma e Gomorra, e todos os seus habitantes foram mortos.



Animais, casas e até mesmo plantas foram destruídos pelo fogo. Nada foi deixado naquelas cidades.

Os anjos haviam dito a Ló e sua família que não olhassem para trás, mas a mulher de Ló não conseguiu resistir à tentação. Ela olhou para trás, para ver o que estava acontecendo e

1 "Enxofre", também chamado súlfur, é um minério que ao queimar solta uma chama azulada, com um cheiro terrivelmente desagradável.



imediatamente se transformou numa estátua de sal.

Ao acordar de manhã, Abraão viu grandes nuvens de fumaça que se levantavam do lugar onde antes estavam Sodoma e Gomorra. O Pai Celestial lhe garantiu que Ló estava salvo. Mesmo de entre as cidades mais iníquas que jamais existiram, o Senhor viu e salvou aqueles a quem amava e que lhe eram obedientes.

(Esta história se encontra em Gênesis 11:27-32; 12-14;18;19.)

"Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti... escapa lá para o monte, para que não pereças."



mente. Cheguei cedo na capela - um milagre — e já o encontrei lá. Novamente racionalizei que sua pontualidade se devia a não ter nada mais que fazer. Cumprimentei-o com um "alô" indiferente e fui depressa ajudar colegas "mais amigáveis" a arrumar as cadeiras. Além disso, eu sabia como reagiria, se eu tentasse entabular uma conversa com ele. Primeiro, abaixaria a cabeca até que os olhos se fixassem nos pés inquietos. Suas mãos agitadas balançariam nervosamente as chaves do carro, mostrando todo seu constrangimento. Ele sempre ficava tenso quando eu



chegava perto. Instintivamente, decidi evitar aquela embaraçosa experiência.

Então chegou a hora de iniciar a festa. Eu procurava organizar os outros alunos, quando vi meu professor dar uma espiada na capela. Um sorriso de puro deleite apareceu em seu rosto, como a expressão de um mineiro ao descobrir ouro. Na realidade, fora descoberto um tesouro oculto.

Acordes maravilhosos perpassavam as portas da capela — não notas apenas, mas sentimentos. A pessoa que tocava o piano fora abençoada com extraordinários dotes musicais. Eu olhei lá dentro, esperando encontrar um adulto praticando para um concerto, e fiquei chocada ao ver que o pianista era o garoto quieto que eu achava não prestar para nada. Um por um, a classe inteira foi entrando de mansinho na capela, enquanto ele continuava tocando, sem partitura, pecas inteiras de Bach, Beethoven e outros. Dolorosamente, minha consciência lembrou-me de meu julgamento injusto dele. Eu o pronunciara um insucesso, simplesmente por ser diferente de mim. Sentia-me superior a ele. Que piada! Humildemente, dei-me conta de que ele devia ter muitos outros talentos que sequer admitiam comparação com os meus. Que grande erro ter pensado nele como um ninguém.

Alguém tossiu. Imediatamente, ele olhou pegando-nos como a um bando de crianças com a boca na botija, sorvendo suas delícias musicais sem permissão. No mesmo momento, ficou vermelho, não de raiva como eu esperava, mas de puro embaraço. Fechou a tampa do piano e vagarosamente deixou a plataforma. Muitos elogios encheram o ar quando saiu da capela pela passagem entre os bancos. Ainda vermelho, ele murmurou um "muito obrigado", não querendo mais qualquer atenção de nós.

A festa do seminário foi um sucesso com todos rindo, gracejando e agindo como malucos. (Deveria dizer, agindo normalmente.) Isto é, todos, menos eu. De alguma forma esse pequeno incidente me deixou muito mudada.

Em I Samuel 16:7 diz que Deus olha o coração, não a aparência exterior do homem, e creio que devemos fazer o mesmo. Precisamos penetrar na fachada externa da pessoa para encontrar seu verdadeiro valor. Diz a máxima: "Não julgue um livro por sua capa." Descobri da maneira mais dificil que é verdade. Assim, da próxima vez que começar a pensar em alguém como um insucesso ou um misantropo, lembre-se de olhar seu interior — pois ali podem estar ocultos tesouros inestimáveis.

Pensei que o garoto
magrela da nossa classe de
seminário fosse um
joão-ninguém — mas
esquecera-me de que o
Senhor olha o coração e
não a aparência exterior.

EM BUSCA DE UM TESTEMUNHO

Dennis L. Lythgoe

resci na Igreja. A maioria dos meus professores e líderes eram muito animados e eficientes, procurando sempre instilar em mim o amor ao evangelho, conhecimento de seus princípios e, especialmente, um testemunho - o que o Presidente Joseph Fielding Smith chamou de "fala do Espírito Santo à alma, de uma forma convincente e positiva". (Answers to Gospel Questions, comp. Joseph Fielding Smith, Jr., 5 vols., Salt Lake City: Deseret Book Co., 1979, 3:28.) Lembro-me de vários professores e oradores expondo em serões, no meu tempo de adolescente, como se obtém um testemunho. Parecia tão fácil, que decidi seguir seus conselhos.

A escritura citada mais frequentemente era Morôni 10:4-5, que explica como obter um testemunho do Livro de Mórmon: "E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo. E pelo poder do Espírito Santo, podeis saber a verdade de todas as coisas."

Algumas pessoas me ensinaram como as orações são respondidas, e referiam-se à experiência de Joseph Smith e Oliver Cowdery ao traduzirem o Livro de Mórmon. Quando Oliver Cowdery teve dificuldades com a tradução, o Senhor o instruiu a ponderar na mente e depois perguntar-

-lhe se estava certo. Caso estivesse certo, sentiria um ardor no peito, mas se estivesse errado, teria um "estupor de pensamento" que o faria esquecer o que estivesse errado. (D&C 9:7-9.)

Como estudante do segundo grau, decidi seguir esse conselho para tentar obter meu próprio testemunho do evangelho. Eu queria saber se ele era verdadeiro. Assim, li atentamente o Livro de Mórmon, sublinhando e tomando notas das passagens memoráveis. Quando terminei, senti um grande senso de antecipação a respeito da promessa de Morôni. Ajoelhei-me e orei, procurando saber por mim mesmo se o livro era verdadeiro ou não. Embora orasse de quando em quando durante diversas semanas com o que achava ser "real intento" e determinação, não consegui perceber a resposta. Quando meus amigos se levantavam para prestar testemunho nas reuniões de jejum, meus pais ficavam desapontados com meu silêncio. Disse-lhes que eu estava tentando, mas que simplesmente ainda não obtivera um testemunho. Não podia ser desonesto. Preocupava-me e imaginava o que estaria fazendo de errado. Talvez minha vida não fosse suficientemente boa para que o Senhor ouvisse minha pergunta; ou talvez houvesse algo de errado em minha maneira de orar; ou talvez eu não soubesse como reconhecer a resposta dele

Continuei orando e estudando por mais dois anos durante os quais li o Livro de Mórmon pela segunda vez, e então o bispo me pediu que saísse em missão. Por um lado fiquei entusiasmado, porque sempre quis cumprir missão; mas, por outro, senti--me muito preocupado, pois meu testemunho ainda não me fora concedido. Como poderia convencer os outros, se não podia falar com convicção? Meu irmão estava saindo em missão ao mesmo tempo, e meus pais, que tinham meios muito limitados, comprometeram-se a nos ajudar financeiramente.

Quando fui entrevistado pelo presidente de estaca, ele me

Sempre quis cumprir missão, mas estava muito preocupado; como poderia partilhar um testemunho que eu não tinha?

surpreendeu sugerindo que eu ficasse em casa até meu irmão mais velho voltar, a fim de diminuir o encargo financeiro de meus pais. Profundamente desapontado, voltei para casa, para confiar este triste conselho a meu pai, normalmente um homem trangüilo, de fala mansa. Meu pai ficou angustiado. Expressou enfaticamente sua opinião de que eu deveria ir ao mesmo tempo que meu irmão, e que o Senhor nos ajudaria a arcar com os encargos financeiros. Enfiou seu sobretudo e anunciou que iria falar com o presidente de estaca. "Você vai para a missão — e vai agora!" disse com tal convicção como nunca vira nele. Antes de sair, quis que todos nos ajoelhássemos numa oração familiar. Meu pai proferiu uma oração simples e curta, expressando sua gratidão pelas bênçãos recebidas e pedindo ajuda para sua conversa com o presidente de estaca, e ajuda para seus filhos ao se prepararem para partir para o campo missionário.

Enquanto escutava aquela oração com fé e procurava discernir o futuro, fui espiritualmente movido por algo que não consigo descrever. Naquele momento, recebi o testemunho da veracidade do evangelho. Fui tomado por um sentimento de felicidade e emoção, como que sabendo que meu pai teria sucesso em sua pequena missão, o que realmente aconteceu. Mas, soube também, com absoluta certeza que eu seria capaz de sair em missão (como fui para a Nova Zelândia) e testificar com honestidade e convicção a qualquer pessoa que me quisesse escutar. Foi uma experiência

profundamente satisfatória. Minhas passadas ansiedades sobre tornar-me missionário sem a convicção de um testemunho haviam-se dissipado. O Senhor respondera às minhas preces, embora não da maneira como eu esperava. Quanto a meus pais, eles conseguiram manter seus dois filhos como missionários por dois anos e prosperaram financeiramente como nunca antes.

Tenho procurado analisar por que demorei tanto para obter o testemunho. Pode ser que o Senhor quisesse concedê-lo em conexão com o chamado missionário, para aumentar minha fé em meu Pai Celestial e meu pai terreno; ou talvez eu não tenha reconhecido tentativas anteriores do Senhor de me alcançar. Eu não esperava ter uma visão como Joseph Smith. Mas também não sabia como descrever o "ardor no peito".

O Senhor disse a Joseph Smith que falava aos seus servos "na sua fraqueza, conforme a sua linguagem, para que alcançassem compreensão". (D&C 1:24.) Todos sentem e descrevem suas experiências espirituais de maneira diferente. Talvez eu precisasse aprender como o Senhor falaria comigo, e reconhecer as respostas que estava obtendo. Agora eu entendo. Quando oro por uma resposta, uso a mesma fórmula que me foi ensinada em minha juventude. Pondero em minha mente, tomo o que penso ser uma decisão razoável, depois pergunto ao Senhor se estou certo. Se sou tomado de uma sensação crescente de arrebatamento. estou convencido de que o Senhor aprova minha decisão. Quando estou jejuando, a falta de alimento me lembra continuamente o propósito. Oro frequentemente e sinto uma crescente emoção e certeza, como se o Espírito Santo falasse a minha alma. Se estiver errado, fico confuso e deprimido, percebendo finalmente que estou sentindo um "estupor de pensamento".

Estou convencido de que o Senhor responderá às nossas orações, mas temos que nos comunicar com ele com a suficiente frequência para podermos

reconhecer como ele nos responde. Temos de aprender a conhecê-lo. Depois de receber a cálida certeza que nos vem quando uma oração é respondida, quando recebemos um testemunho espiritual, entenderemos como ocorre a comunicação com Deus. O Presidente Joseph F. Smith descreveu as impressões do Espírito em sua alma como tão impressivas, que as sentiu do alto da cabeça até as solas dos pés. "Deus mo tem mostrado e removido toda a dúvida de minha mente, e aceito isto como admito o fato de que o sol brilha ao meio-dia."

O Élder Loren C. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta, disse: "Poderá não vir como um facho de luz. (Não sei como o Senhor vai comunicar-se com vocês.) É mais provável que seja em forma de reafirmação, um sentimento em seu íntimo, uma confirmação que talvez venha de maneira calma, natural, mas real, de dia para dia, até você perceber que realmente sabe. Vou dizer-lhe uma coisa — você não vai conseguir um conhecimento das coisas de Deus de modo instantâneo."

Para alguns, o testemunho vem mais facilmente do que para outros. De mim exigiu muito esforco — estudo, ponderação, oração e jejum — até obter a resposta. Também foi difícil para o Profeta Enos; ele orou um dia inteiro até depois de anoitecer. debatendo-se em espírito, até que sua "fé começou a ser inabalável no Senhor". Sua resposta foi uma voz vinda do Senhor, dizendo-lhe que seus pecados estavam perdoados e que seus desejos seriam atendidos por causa de sua fé (Enos 1:5, 11-12). Uma vez obtido, o testemunho precisa ser alimentado por constante estudo, oração e atividade na Igreja, aliados ao viver cristão. O Presidente Harold B. Lee disse que o testemunho é "frágil. É tão difícil de reter quanto um raio de luar. E algo que temos de recapturar todos os dias de nossa vida." (Church News, 15 de julho de 1972, cit. "Cursos de Estudo da Sociedade de Socorro" — Viver Espiritual, Lição 3, p. 22.) Mas ele vale o esforço.

AQUI, ÉLDER MYERS

Leonardo F. Myers

O frescor da noite acariciava-me o rosto enquanto meu companheiro e eu pedalávamos freneticamente nossas bicicletas de volta ao apartamento, para chegarmos a tempo em casa. O tempo de maio era típico do Texas, quente e úmido; assim, o ar fresco da noite era uma delícia.

Comecei a pensar no sucesso que estávamos tendo em Brownsville. Uma família de cinco fora batizada o mês passado e outra família de cinco estava para sê-lo este mês. De repente, senti aquela bem-vinda sensação cálida e familiar, e fui impelido a olhar para trás. Através das árvores vi uma fileira de casas, um pouco afastadas da estrada — casas que nunca havia percebido antes!

Quando chegamos ao apartamento, eu disse ao meu companheiro, Élder Maughn, que devíamos voltar àquelas casas na manhã seguinte para conhecer algumas pessoas. Então planejamos nossas atividades para o dia seguinte e fomos para a cama. Quase não pude dormir com as emoções daquele dia. Havíamos desafiado uma família a batizar-se e eles aceitaram, e agora, aparentemente o Senhor tinha mais pessoas para ensinarmos.

A manhã veio muito rapidamente para mim. Depois de um banho, desjejum e estudo, dirigimo-nos para as casas que eu havia percebido na noite anterior. Foi fácil perceber por que não as havíamos notado antes. Havia uma pequena estrada, na realidade mais uma passagem entre o depósito de ferro velho e arbustos e árvores de galhos caídos. Era tão irregular, que mal pudemos passar com a bicicleta.

Havia cerca de sete casas ao longo dela; assim, começamos pela primeira e fomos seguindo até a última. Sim, a de número seis era a casa. Batemos à porta, e uma mulher atendeu. Sua face irradiava um brilho cálido, bondoso e protetor. Apresentamo-nos e dissemos que tínhamos uma breve mensagem sobre o Senhor. Ela convidou-nos a

entrar na pequena casa de dois cômodos.

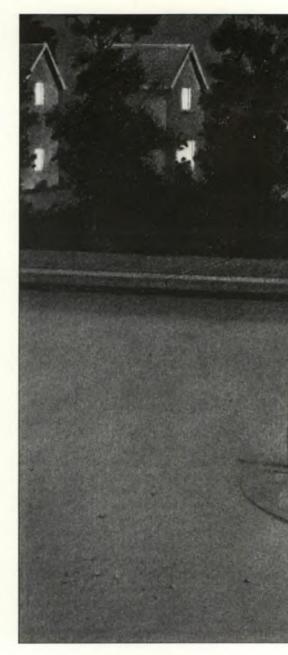
Ao entrarmos na sala-de-estar, fomos saudados por nada menos que cinco crianças, variando de onze a dois anos. As crianças deram risadinhas enquanto falávamos. Dissemos à senhora que gostaríamos de voltar quando o pai estivesse em casa, e ela nos convidou a vir naquela noite.

No resto do dia, minha cabeça girou imaginando como ensinariamos a família. Sabíamos que, com a ajuda e consentimento do Senhor, poderíamos ajudar essa família a se tornar membro de sua igreja.

Nalgum momento, entre o bater às portas e o almoço, senti uma pontada de medo. O dízimo! Refletindo sobre a família que havíamos visitado de manhà cedo, imaginei como aceitariam o princípio do dízimo. Pensei naquela família de sete pessoas e seu lar, que aparentemente tinha apenas o essencial. A cozinha constava apenas de uma mesa e bancos ao redor dela. O outro cômodo, dividido em dois por uma simples cortina, servia ao mesmo tempo de quarto e sala-de-estar. A única mobilia nessa sala era uma cadeira e um sofá esfarrapado. Como essa família seria capaz de pagar o dízimo?

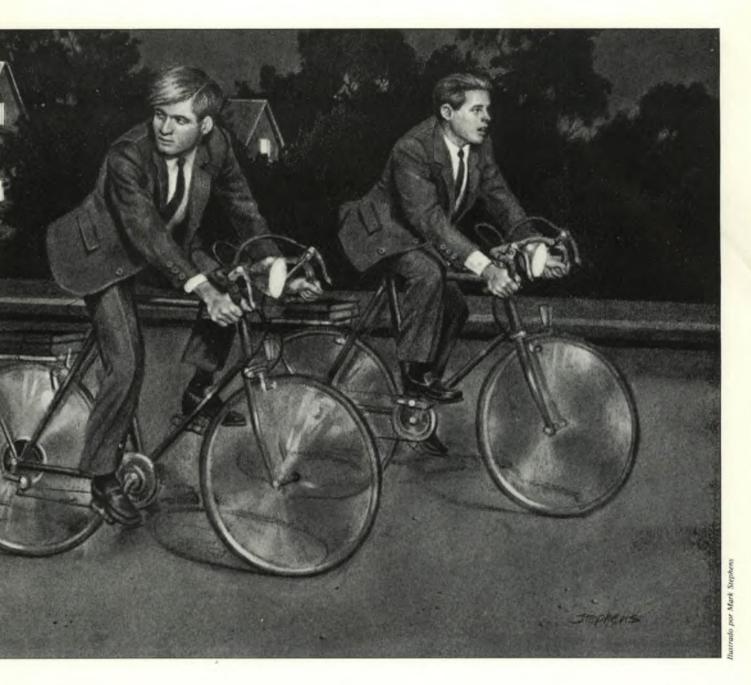
Pagar o dízimo honestamente parecia ser a pedra de tropeço para algumas pessoas que haviamos ensinado antes, e preocupei-me com isso durante o dia inteiro. Silenciosamente, orei para que essa família obtivesse um testemunho forte antes de ensinarmos o princípio do dízimo.

Novamente, o frescor da noite bateu eu meu rosto, quando voltamos para dita casa a fim de conhecermos o pai e começarmos a ensinar a família. O pai segurava tantas crianças quantas podia, enquanto as outras se aconchegavam a ele. Fomos tomados de um sentimento cálido e familiar ao conversarmos com eles, expondo nossa mensagem sobre a verdadeira igreja do Senhor.



Após uma breve oração, projetamos o filme estático O Homem em Busca da Felicidade. Isto manteria as crianças interessadas, e os pais também costumavam apreciá-lo. Dei uma olhadela para a mãe durante a parte sobre a saída da existência, e pareceume ver traços de lágrimas em seus olhos. Não pude evitar nova olhada em sua direção durante a parte sobre a morte e o retorno de nosso espírito para junto dos entes queridos. Sim, desta vez não havia dúvida. Aquela doce mãe tinha lágrimas nos olhos escorrendo-lhe pelas faces.

A mãe ainda enxugava as lágrimas quando o filme terminou, por isso prestei testemunho da veracidade dos conceitos ensinados no filme e do Evangelho de Jesus Cristo. Então,



prosseguimos com a palestra. Ela foi muito bem aceita. Depois de marcar uma visita para a noite seguinte, proferimos a oração e fomos embora.

Reparando que não havia carro na frente da casa, voltei a imaginar como aceitariam o princípio do dízimo.

Chegando ao nosso apartamento, o Élder Maughn e eu nos ajoelhamos e oramos. Rogamos ao Pai Celestial que abençoasse essa família com um forte testemunho e provesse um meio de poderem guardar os mandamentos.

Quando nos ajoelhamos para a oração pessoal, permaneci ajoelhado um pouco mais que o usual antes de ir para a cama. Quando chegasse a hora, como poderíamos apresentar o mandamento do dízimo de modo que o Espírito os tocasse com um testemunho

e o desejo de aceitá-lo?

A família estava progredindo bem. Cada lição era uma experiência espiritual para todos nós. Os membros os visitaram e os levaram à igreja. Finalmente, lançamos o desafio para o batismo e eles o aceitaram.

O passo seguinte era a lição sobre os mandamentos. Habilmente arranjei que meu companheiro apresentasse o conceito do dízimo. Sim, eu apresentaria o primeiro conceito, ele o segundo, que era o dízimo, então eu continuaria com o terceiro e assim por diante. Dessa forma, eu não teria de pedir à família que obedecesse à lei do dízimo e esperar a resposta.

Aquele momento pareceu chegar depressa demais. Quando entramos na casa, naquela noite e nos preparamos Orei para que essa família tivesse um testemunho forte antes de ensinarmos o princípio do dízimo, pedra de tropeço para algumas pessoas.



para a aula, comecei pelo primeiro conceito. Antes de terminar duas frases, o pai fez uma pergunta a que meu companheiro respondeu e continuou com o *meu* conceito! Então ele terminou o primeiro conceito e agora era a minha vez, o dízimo! Fiz uma rápida e silenciosa oração, e fui em frente.

Expliquei o que a palavra dízimo significa, como era um mandamento nos tempos antigos e continuava sendo agora. Chegou a parte que eu temia: Pedir à família que aceitasse a lei do dízimo. Esse bom irmão respondeu, mas eu estava tão preocupado, que não ouvi a resposta. Continuei a falar apressado e percebi que ele havia respondido sim! Estava no ponto em que a pergunta deveria ser repetida; assim, confiantemente perguntei: "O senhor obedecerá à lei do dízimo?" Novamente a resposta foi sim. Então com lágrimas nos olhos prestei

testemunho de que o mandamento era verdadeiro e que muitas bênçãos seguiriam seu cumprimento.

No domingo seguinte, apenas uma semana antes de a família ser batizada, procurei-os ansiosamente. Quando a Escola Dominical começou, ainda não haviam chegado. Não os vi em lugar algum. Talvez tivessem decidido que não poderiam obedecer aos mandamentos, pensei comigo. Fiquei pensando se o problema era o dízimo.

Então, pouco antes do início da reunião sacramental, vi a família entrando na capela. Apressei-me em cumprimentá-los, com um sorriso de uma orelha a outra, tenho certeza. Explicaram que tinham vindo a pé todo o caminho, no mínimo seis quilômetros, o pai carregando dois dos pequenos.

Sentamo-nos ainda em tempo para o início da reunião, e tudo o que pude pensar foi nessa família. Que exemplo

A família estava progredindo bem. Cada lição era uma experiência espiritual para todos nós. Finalmente, lançamos o desafio para o batismo.

para mim! Eu já os amava, apesar de conhecê-los havia três semanas apenas.

Depois da sacramental, a mãe chamou-me de lado e disse: "Aqui, Élder Myers. Aqui tem dez dólares. Meu marido recebe a cada duas semanas, e queríamos começar a pagar o dízimo agora." Fiquei ali parado pelo que me pareceu uma eternidade, simplesmente olhando para a mãe, tão sincera e humilde. Olhei para os dez dólares. O marido ganhava duzentos dólares por mês e eles se dispunham a guardar a lei do dízimo. Que família fiel.

Suponho que hesitei demais, pois a mãe perguntou: "Não é suficiente?" Rapidamente virei a cabeça, pois lágrimas começaram a encher meus olhos. Encontrei o segundo conselheiro no bispado e pedi-lhe que explicasse àquela boa irmã como preencher o formulário do dízimo.

Enquanto ele lhe explicava o procedimento, escapuli para uma sala vazia. Tentei segurar as lágrimas, mas aquele "Aqui, Élder Myers" continuou soando em meus ouvidos. Agradeci ao Pai Celestial por essa grande oportunidade e testemunho àquela família.

Na semana seguinte, eles foram batizados.

Mesmo agora que já regressei da missão, ainda penso na maravilhosa família e a lição que me deram a respeito do dízimo. Toda vez que pago o dízimo, ainda ouço as palavras daquela doce irmã: "Aqui, Élder Myers. Não é suficiente?"

YAO-SHI Richard Tice

Élder Anderson e eu corríamos os olhos pelos fundos de dois prédios de apartamentos, procurando janelas vazias. Nas sacadas, havia roupas dependuradas em varais. Do parapeito das sacadas, pendiam com futons, coloridos acolchoados usados diretamente no chão. Algumas mulheres os batiam com bambu. Estávamos acabrunhados, e eram só 10h30 min. da manhã.

"Bem, hoje é dia", disse meu companheiro.

"Estou certo de que encontraremos um."

Estávamos certos, mas hoje também era sexta-feira, e os novos missionários chegariam amanhā. Eram tantos, que a missão teve de abrir três novos ramos, um deles aqui em Yao-shi. Tínhamos de achar um apartamento para os novos missionários hoje.

O Élder Anderson indicou uma pequena banca de frutas. "Élder Tice, vou convidá-lo a comer algumas frutas. Você está pensando demais." Ele tinha olhos azuis, sardas e cabelo castanho-claro, contrastando fortemente com minha pele morena e cabelo preto.

"Você está certo. Vamos celebrar de antemão o encontro de um apartamento com peras douradas, e depois de havermos encontrado um lugar, eu o convido a comermos rosquinhas com creme bávaro e framboesa na Lanchonete Donuts."

"É assim que se fala! Rosquinhas é o remédio certo para eu esquecer as bolhas nos pés!"

Escolhemos as peras douradas de pele fininha e suculentas, e que estalavam ao serem mordidas. Entre as velhas casas de madeira, encontramos um pequeno parque. Comer na rua era falta de educação, mas num parque tornava-se aceitável.

Quatro garotinhos pararam de brincar e ficaram olhando fixamente para os estrangeiros. As mães mandaram que largassem de nos olhar assim e tentaram fazê-los voltar. "Ti desu yo" (tudo bem), asseguramo-lhes. Então, com suas fortes mãos e pulsos o Élder Anderson partiu dois *nashi* ao meio e os deu às crianças perplexas.

Então nos apresentamos: "Choro to moshimasu." (Meu nome é Élder Tice.)

"Anderson Choro desu." (Sou o Élder Anderson.)

Dei ao Elder Anderson meus lenços de papel para enxugar as mãos. Algumas mulheres deram risadinhas. Passamo-lhes nossos cartões, anotamos seus endereços e fomos embora depois de repetidas reverências.

Ao dobrar a esquina, o Élder Anderson comentou: "Todos os dias, das 8h30 min. da manhã às 9h00 da noite! Quem pensaria que demoraria tanto a achar um apartamento?"

"Duas semanas e meia. Vamos fazer os missionários voltar a estes arredores depois que estiverem instalados. Desejaria poder trabalhar aqui."

"É. Amo esta cidade."

Horas mais tarde, alcançamos novamente a rua principal, onde as casas eram poucas e a estrada se transformava em via expressa.

"Bem, Élder Tice, estamos de volta. O que fazemos agora?"

A sinalização do outro lado da rua ia vagarosamente desaparecendo na escuridão da noite. Uns poucos carros passaram velozmente.

"Não parece que esta estrada nos leve à cidade", comentei hesitante. "São sete horas. Faltam duas horas para nosso trem." Ele não se moveu, depois baixou a cabeça novamente. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Uma série de campos de arroz se estendia a partir de onde as casas terminavam. Os talos eram viçosos, e a noite escurecia os campos. Um intenso brilho verde demorava-se ao redor das bordas. De repente, eu sorri. "Você já comeu grãos de arroz diretamente do talo?"

"Não são duros?"

"São, sim. O melhor é descascá-los." Apanhei seis grãos e dei-lhe três. "Fiz isto somente duas





vezes. Não quero comer todo o arroz deles."

Meu companheiro começou a rir. "Você deve ser a única pessoa em todo o Japão, que come arroz cru."

"Experimente. Você pode ser a segunda."

Raspamos as compactas cascas verdes até as sementes aparecerem. O Élder Anderson pôs uma na boca e mordeu com força.

Ela se partiu. Finalmente ele a engoliu. "Você acha isso engraçado?" — perguntou.

"Claro que é", respondi.

Ao nosso redor, as plantas reluziam sob a luz da rua. Ficamos a observá-las por algum tempo. "Vamos tentar outra oração?" — sugeri.

"Sim, penso que devemos."

Apontei para uma ruela alguns prédios abaixo. Com exceção de uma pequena mercearia, todos os negócios ao longo da via estavam fechados. "Vamos até lá. Parece suficientemente reservado." Atravessamos a rua e entramos na ruela. "Élder Anderson, você faz a oração?"

"Com todo prazer, Élder Tice." De frente um para o outro, baixamos a cabeca.

"Nosso bondoso e amado Pai Celestial, sabes que precisamos de ti. Tu nos enviaste aqui, onde o evangelho ainda não foi pregado. Muitas vezes temos-te pedido ajuda para encontrar um apartamento. Precisamos que nos ajudes. As pessoas desta cidade precisam da tua ajuda. Só assim conseguiremos achar um apartamento esta noite. Por favor, guia-nos. Pedimos-te este auxílio em nome de Jesus Cristo, amém."

Sentimo-nos animados. Estendemos a mão direita com a palma virada para baixo, a minha debaixo da do Élder Anderson, depois as lançamos para cima com um entusiástico "Yoshi!" (Tudo bem!)

"Há uma imobiliária a diversos quarteirões daqui", comentei, "passamos por ela mais cedo, mas Há duas semanas vínhamos procurando, em vão, um apartamento para os novos missionários — e então encontramos o Sr. Mochida.



estava fechada." Pusemo-nos a correr para lá.

A rua não estava mais deserta. Pessoas conversavam em frente das casas, desfrutando a noite amena. Chegamos à imobiliária, mas ainda estava fechada. Bati à porta. De um lado, havia uma passagem estreita, vendo-se o edifício e as casas de madeira adjacentes. Cerca de noventa metros adiante, um esbelto homem de meia-idade golpeava uma bola de golfe, procurando acertá-la no buraco. Ele errou uma tacada, e a bola rolou em nossa direção. Apressei-me em apanhá-la, depois a entreguei ao homem. "Arigatô" (obrigado), disse

ele. Deve ter pensado que eu era japonês, pois, quando respondi: "Do itashimashite" (de nada), seus olhos se arregalaram. E arregalaram-se mais ainda, quando o Élder Anderson se aproximou.

"Hee. Gaijin desu ka?" — perguntou. Gaijin era a abreviação popular de gaikokujin, pessoa de um país estrangeiro. Nós assentimos.

Perguntamos-lhe se conhecia o dono da imobiliária.

"É minha", respondeu, apontando o nariz com o dedo indicador. "Hoje é meu dia de folga."

"Estamos contentes por encontrá-lo", disse o Élder Anderson.

O corretor recuou surpreso, deixando cair a bola de golfe. "Você fala japonês também?"

"Falo sim."

"Hee. Vocês dois falam tão bem. São americanos?"

"Somos da Califórnia", retruquei.

"Ah, Califórnia. Sol quente e laranjas. Algum dia vou visitar São Francisco." Deu a volta para a frente e destrancou a porta. "Por favor, entrem." Depois puxou algumas cadeiras, pegou uma garrafa de Karupisu, uma bebida de leite fermentado, de um pequeno refrigerador, e colocou três copos sobre uma toalha. Depois de despejar um pouco do concentrado em cada copo, acrescentou água. "Sinto muito, mas não tenho sakê (vinho de arroz)."

"Tudo bem . Não tomamos sakê nem qualquer bebida alcoólica", expliquei:

"Isso é bom! Eu — bebo demais e meu rosto fica vermelho." Ele nos trouxe os copos. "Bons rapazes", comentou. "Vamos nos apresentar? *Mochida Ryusuke desu.*" (Sou Ryusuke Mochida.)

"Hajimemashite, Mochida san. Tice Choro desu." (Como vai, Sr. Mochida. Sou Élder Tice.)

"Hajimemashite, Anderson Choro desu. (Como vai o senhor? Sou Élder Anderson.) Somos missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias."

Apertamos as mãos vigorosamente. "Talvez o senhor nos possa ajudar", comecei. "Precisamos de um apartamento para quatro missionários. No mínimo dois quartos de seis *jo*, uma cozinha de 4,5 *jo* um banheiro completo." *Jo* era o tamanho de uma esteira de palha.

"Yoshi. Apartamento grande, mas tenho alguns. Vou pegar as plantas e algumas fotocópias. Tenho um novo com dois quartos de oito jo; 750.000 yens de depósito e aluguel mensal de 35.000 yens. Muito bom preço." Dirigiu-se à escrivaninha.

"Este é o problema. Estamos autorizados a um depósito máximo de 500.000 yens e 28.000 yens de aluguel."

Ele olhou para nós. "Impossível. Pelo menos perto de Osaka. Até apartamentos mais velhos desse tamanho custam 600.000 yens." Sentou-se à escrivaninha e balançou a cabeça. "Vocês não podem subir um pouco mais?"

"A casa da missão estabelece a norma para todos os apartamentos que alugamos."

"Estamos procurando em Yao-shi há mais de duas semanas", disse o Élder Anderson. Olhamos para o Sr. Mochida esperançosamente.

"Saa. Bem, posso telefonar a um amigo que tem a maior imobiliária de Yao. Se ele não tiver um, então ninguém mais tem." Pegou o telefone e discou. "Moshi moshi (alô). Okusan desu ka? (É a senhora?) Ryusuke desu. (Fala Ryusuke.) Ee. Imasu ka? Hai.' (Sim. Ele está? Sim.) Ergueu os olhos. "Ele está em casa", mas foi interrompido. "Hai. Sim, é negócio. Ano, tenho aqui dois americanos. Eles estão procurando um apartamento: seis jo — dois quartos, cozinha, banheiro, sanitário. Sim, tenho, mas o problema é preço. Depósito — 500.000, aluguel - 28.000. Você tem?... Mas eles falam japonês... Oh?... Bem, fale com eles. Não se preocupe." Ele gesticulou para que apressasse. "Ele tem um, mas não quer alugar a vocês", explicou, entregando-me o telefone.

"Moshi moshi" (alô), foi tudo o que ocorreu dizer.

"Moshi moshi. Você fala japonês?" Era mais uma dúvida do que pergunta.

"Um pouco. Estou no Japão faz um ano e nove meses."

"Até que fala mais ou menos. Você estudou muito tempo japonês na América?"

"Não. Dois meses no Havaí e o resto aqui."

"Que escola você frequenta?"
"Não frequento escola. Sou

missionário de A Igreja de Jesus Cristo..."

"Uma igreja cristã, huh? Bem, sinto muito desapontá-lo. Deixe-me falar com Ryusuke-san agora."

Levantei os olhos, confuso. "Ele quer falar com o senhor."

Mochida-san pegou o fone. "Moshi moshi. Ee. Por que você não... Não lhe faria mal algum vê-los... Você já conheceu alguns deles? Bem?... Eu os levarei aí. Diga somente alô." Colocou o fone no lugar e sacudiu os ombros. "Ele é realmente muito amável. Bem, vamos indo?"

O escritório azulejado de azul era novo, com a frente quase toda em vidro. Mochida-san desceu do carro e nós nos arrancamos dos apertados bancos traseiros. Nosso amigo abriu a porta levemente. "Gomen kudasai. Mairimashita yo." (Desculpem-me.)

"Dozo, dozo, ohairi kudasai." (Por favor, entrem.) Uma senhora esbelta, usando um quimono de algodão escarlate e azul, apareceu por uma cortina lateral, carregando uma bandeja com xícaras de chá e um bule. Depôs a bandeja e veio ao nosso encontro com passinhos arrastados, parando antes do genkan, ou vestíbulo. Moshida-san abriu a porta larga.

Depois que ela nos convidou de novo a entrar, enfiamos chinelos que nos foram fornecidos, e subimos deixando nossos sapatos no *genkan*. Um homem de compleição forte e quase um metro e setenta, entrou apressado pela porta dos fundos, franzindo o cenho. Élder Anderson e eu nos inclinamos e nos apresentamos.

Nosso anfitrião retribuiu a reverência rapidamente. "Seki Nijiru desu." (Sou Nijiru Seki.) Sua esposa sorriu graciosamente, e inclinou-se vagarosamente. Ele olhou para o Élder Anderson. "Você também fala japonês?"

"Falo, sim. Estou no Japão há somente um ano, por isso não falo tão bem como o Élder Tice."

"Vocês estão usando ternos. Eu não

teria falado com vocês, se tivessem aparecido de cabelos compridos e jeans."

"Todos nós usamos terno e mantemos os cabelos curtos. É uma regra da missão", disse o Élder Anderson.

"Bem, sentem-se. Podemos falar." Ele e a esposa instalaram-se nas cadeiras; nós e Mochida-san sentamos no sofá.

Eu comecei. "Há duas semanas e meia estamos procurando um apartamento. Precisamos encontrar um até amanhã. O senhor..."

"Meu prédio de apartamentos fica num bairro tranquilo. É para recém--casados. Eles tomam cuidado com os apartamentos. Quatro jovens estudantes..."

"Missionários", atalhei.

"Ee to... missionários... Não posso alugar para rapazes solteiros. Os quartos ficam em desordem, porque as mães não estão por perto para limpá-los. Recém-casados são mais conscienciosos."

"As regras da missão nos fazem limpar nosso apartamento", expliquei. "Todas as manhãs, das 8h00 às 8h30 min. Nós também temos inspeções."

"Compreendo. Ainda vão largar cinza e pontas de cigarro por todo canto. Rapazes..."

"Mas, nós não fumamos."

Seki-san tartamudeou. Mochida-san encarou-me surpreso.

"É isso mesmo", confirmou o Élder Anderson. "Em nossa igreja, temos um mandamento de não fumar. Faz muito mal à saúde."

Ambos aquiesceram. A esposa de Seki-san aproveitou o silêncio para servir um pouco de chá.

Eu gaguejei: "Desculpe-me, mas isto é ocha" (chá)?

"Não. É *mugicha*, *Mugicha* é feito de sementes torradas de cevada. É geralmente servido no verão."

"Yokatta!" (Ótimo!) — dissemos aliviados. Expliquei: "Nós não tomamos nada feito com folhas de

chá. Também não tomamos café. Faz parte das nossas leis de saúde."

A esposa terminou de servir. "Isso é muito rígido. Mas, não se preocupem. Isto é mugicha." Ela colocou as xícaras à nossa frente. A bebida estava tão quente, que não consegui segurar a xícara sem alça.

"Chá verde é bom para vocês." Evidentemente, Seki-san havia-se recuperado. "Ainda assim, rapazes solteiros não são muito responsáveis. Não há como saber quando eles chegam em casa. Não podemos permitir que perturbem os outros à meia-noite. Sinto muito."

Ao que o Élder Anderson respondeu: "A missão exige que todos os missionários estejam em casa às 9h30 min. da noite e na cama às 10h30 min."

"Temos que nos levantar às 6h30 min", acrescentei.

"Maa! (Oh!) É mesmo?" Seki-san remexeu-se constrangido em sua cadeira. "Simplesmente não posso alugá-lo a vocês. Todas as outras famílias seriam de recém-casados. Vocês ficariam entrando e saindo o dia inteiro. O rádio estaria ligado. Vocês perturbariam os outros." Ficou inesperadamente de pé e elevou a voz. "Com os maridos fora, somente as okusan (esposas) estariam em casa, e não fica bem! Não posso permitir comportamento imoral! Okusan e homens solteiros! E quanto às mulheres jovens? Quem vai detê-las? Não há jeito de se saber..."

"Agora, espera um minuto!" — exclamei.

O Élder Anderson se pôs de pé. "Somos missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias! O senhor sabe o que isto significa?"

Seki-san contraiu as bochechas e sua esposa serviu-lhe mais um pouco de *mugicha*. Levantando a xícara, sorveu ruidosamente a bebida antes de sentar-

Inclinando-me em sua direção, fitei-

-o intensamente. "Ouando nos tornamos membros da Igreja, fazemos algumas promessas decisivas a Deus. Uma delas chama-se a lei da castidade. Mantemo-nos castos antes do casamento e somos fiéis depois dele. Os missionários, especialmente, procuram viver todos os mandamentos. Cremos que provêm de Deus. Eles nos trazem alegria e nos tornam pessoas honradas e respeitadas. Também prometemos não namorar enquanto somos missionários. Em nossa missão, ninguém, a não ser missionários, tem permissão de entrar em nosso apartamento." Minha irritação se fora, eu estava-me sentindo culpado. Baixei os olhos. "Exceto, é claro, o senhorio... sinto muito se me exaltei."

Seki-san abanou a mão. "Não, não. Tudo bem. Vamos ser amigos."

Então o Élder Anderson voltou à carga: "Acho que seremos bons inquilinos. De manhã estudamos japonês e o evangelho. Saímos de casa às 10h30 min, voltando apenas nas horas de refeição. Não devemos ouvir música popular, e como muitos de nós não gostamos de música clássica, não haverá muito barulho." E sorriu de orelha a orelha, um sorriso contagiante e simpático.

"Saa, saa (vamos, vamos). Tomemos um pouco de sakê."

Sua esposa começou a pôr-se de pé, mas Mochida-san, que esteve calado até agora interrompeu: "Eles também não tomam sakê."

"Bem, então biru." (A cerveja é extremamente popular no Japão.)

"Ora, eles não bebem biru, tampouco. Nada de álcool." Ele estava-se divertindo imensamente. Deunos umas palmadinhas nos ombros. "Bons sujeitos. Talvez eu devesse parar de beber."

"Você? O dia que você parar de beber, eu paro também", riu-se Seki--san.

"Bem, pelo menos poderia cortar um pouco."

"Você devia mesmo. Ao menos não

O senhorio disse:
"Não posso alugar para
rapazes solteiros. Os
quartos ficam em
desordem, porque as mães
não estão por perto para
limpá-los."

teria de se preocupar com caixas de garrafas vazias de biru empilhadas em frente da porta." Interrompeu-se, e então, levantou. "Vamos ver as plantas?"

"Quer dizer que..." gaguejei, mal conseguindo acreditar em meus ouvidos. Pisquei para segurar as lágrimas. "Muito obrigado mesmo." Peguei um lenço e enxuguei os olhos.

"Ti to mo. (Está certo.) Ficarei honrado em alugá-lo para vocês. Será um prazer."

O Élder Anderson ficou de pé para apertar a mão de Seki-san. "Estamos muito gratos." Então começamos a chorar. Finalmente emprestei meu lenco a ele.

Quando saímos, meia hora mais tarde para pegar o trem, um pouco antes de entrarmos no carro de Mochida-san, o Élder Anderson começou a cantarolar nosso comercial favorito: "Mr. Doughnuts."



OBJETIVO NÚMERO UM – CONVERTER PAPAI

Elizabeth Sainsbury Orton (Baseado num incidente verídico. Os nomes foram alterados.)

Édifícil ser o único membro ou membro ativo da família. A ala parece estar repleta de famílias ideais que fazem a noite familiar, oram e lêem as escrituras juntos; tudo o que você gostaria de ter também. No entanto, você se senta sozinha na igreja ou vai com outra família às festas da ala. Não é que você queira trocar de família, mas gostaria de que sua família mudasse, porque os ama e quer que tenham as bênçãos eternas; não quer

sentar-se sozinha na congregação da vida futura. Todavia, você fica desencorajada, quando a resposta deles aos seus rogos é não. Às vezes você chega a sentir pena de si mesma, mas sempre se agarra à esperança de que um dia eles se filiarão à Igreja. Susana também tinha essa esperança.

Susana, de dezesseis anos, é uma garota bonita e talentosa; bonita porque é autoconfiante e talentosa, porque é determinada. Em vez de preocupada e cautelosamente, molhar a ponta dos pés no rio da vida, ela mergulha figuradamente de cabeça, talvez ficando a princípio um pouco lívida e sem fôlego, mas, mesmo assim, se divertindo. Depois do batismo três anos atrás, Suzana dirigiu seus esforços ao seu lar: queria que o pai se batizasse.

"Eu sabia que, se meu pai se batizasse, mamãe também viria para a Igreja. Assim, esse era meu objetivo número um", recorda Susana. "Pensei que o conseguiria sozinha, porque sabia que meus pais gostavam de mim; então, achei que eles iriam fazê-lo por mim", disse com intrépida (confiança). "Tentei tudo", acrescentou mais humildemente.

"Tentei forçar, mas não funcionou. Depois, tentei fazê-los sentir pena de mim. Disse-lhes que tinha que sentar sozinha na Igreja, cantando sozinha, enquanto todas as outras pessoas estavam com seus familiares. Isto também não funcionou."

Embora às vezes ficasse desencorajada, Susana não desistiu. "Depois que aprendi mais sobre a obra missionária", ela continuou, "tentei uma abordagem diferente: Convidava--os para ir às reuniões. Quando eu fazia um discurso na reunião sacramental, mamãe vinha. Uma vez cantei na conferência da estaca. Ganhei até um vestido novo. Mamãe pretendia ir, mas ficou doente, então fui sem nenhuma esperança de que papai ou mamãe estivessem lá. Estávamos cantando nosso número, quando olhei para os fundos da capela e vi meu pai chegando. Tive vontade de chorar, mas não podia, pois tinha que cantar.

"Outra vez papai foi comigo ao programa para pais e filhas da ala. Enquanto estávamos tomando o desjejum, olhei para papai e veio-me o pensamento de que um dia ele se batizaria. Bem no meio da refeição eu o soube e desejei mais do que qualquer outra coisa."

Mas o batismo não aconteceu do dia para a noite, e Suzana aprendeu mais sobre a obra missionária. "Eu sabia que não podia fazê-lo sozinha", admitiu.

Um dia, voltando da escola para casa, Susana viu duas bicicletas estacionadas na sua rua e dois missionários batendo na casa de alguém. Os missionários já haviam estado na casa dela cinco vezes. Usualmente teriam ido apenas uma vez. Mas Susana não permitiu que aquilo bloqueasse seu novo alvoroço. Talvez desta vez seu pai estivesse preparado.

"Esperava que os missionários não entrassem na casa em que estavam batendo, porque eu queria falar com eles. Como de fato não entraram, falei-lhes sobre meu pai. Contaram-me que haviam orado a respeito de onde deveriam trabalhar, e foram enviados à minha rua. Penso que o Senhor sabia que meu pai estava pronto para ouvir

o evangelho. Quer outras pessoas soubessem ou não, o Senhor o sabia, e isto era tudo o que importava."

Mas, nem tudo foi fácil e perfeito. Houve vezes em que Susana ficou muito desanimada, perguntando-se por que as coisas não andavam mais depressa. "Então eu tinha que me lembrar de que preparar-me para o batismo fora um processo lento para mim também. Olhava em volta e via outros jovens sentados sozinhos na igreja ou cuja situação parecia pior que a minha; nem por isso pareciam desanimados. O exemplo deles ajudou-me a parar de sentir pena de mim mesma."

Nesse meio-tempo, percebendo que seu exemplo era decisivo, Susana colheu outra bênção da obra missionária: a de preparar-se e crescer pessoalmente.

"Tinha de estar tão preparada quanto papai. Tinha de orar muito, jejuar e até arrepender-me. Percebia que a obra missionária é amor e serviço, é dizer à mamãe e ao papai que você os ama, mesmo que seus irmãozinhos estejam ouvindo. Também procurei seguir o exemplo dos missionários de mostrar amor a papai."

Os missionários foram à casa de Susana sete vezes no espaço de cinco meses. E toda vez ela percebia que seu pai estava chegando mais perto do batismo.

"Uma noite, em abril, fui à minha entrevista de aniversário com o bispo. Papai ficou de me apanhar depois." Susana continuou travessamente: "Escondi-me no corredor, para obrigá-lo a entrar e procurar-me. Quando entrou na capela, perguntou se poderia ver o bispo a sós. Ficou lá dentro uns trinta minutos, enquanto eu esperava no vestíbulo, imaginando sobre o que estariam conversando!

"A caminho de casa, eu estava ansiosa de ouvir o que acontecera. De repente, papai disse: 'Bem, Susie, penso que vou batizar-me.' Fiquei estática. Queria chorar, mas sabia que não devia, pois papai não gosta de ver a gente emocionar-se. Tudo o que consegui dizer foi: 'Acho que é maravilhoso.' Era o tipo da coisa boba, mas o que dizer, quando acaba de realizar-se o seu maior sonho?''

O pai de Susana foi batizado no dia 14 de abril.

Mas Susana sabe que sua obra missionária ainda não terminou. "Ainda fico impaciente e desanimada, às vezes, mas dou-me conta de que tornar-se uma família celestial é um processo paulatino. E preciso compreender meus pais. Tento fazer minha parte. Quando estou espiritualmente fraca, isto reflete em casa. Por isso procuro manter meu testemunho forte, fazendo o que devo fazer; e sinto-me melhor quando o faco."

Susana aprendeu muito sobre a obra missionária, quase sempre através de tentativas e erros. Aprendeu que o momento oportuno e as reações diferem de pessoa para pessoa, que pressão e piedade não funcionam, que servir de fato é muito mais importante do que apenas falar de serviço, que o Espírito precisa tocar a vida da pessoa, e que o desejo — bem, quanto a desejo, Susana não tem falta dele; ela continua tentando, a despeito dos erros, viver o evangelho destemidamente, embora, às vezes, seja embaraçoso, assustador e até mesmo muito difícil.

Mas, Susana o resume positivamente: "Meu pai não queria absolutamente nada com a Igreja vinte anos atrás, mas, depois de passar por muitas visitas dos mestres familiares, e depois das muitas diferentes duplas de missionários, e depois de ter uma filha que não o deixava em paz, papai é um membro da Igreja."

E quando lhe perguntam sobre suas metas mais imediatas, Susana responde com entusiasmo: "Ter noites familiares, orações em família e ser selada no templo à minha família — este é meu objetivo número um agora!"

CONFORTO TRANQUILIZADOR

JoEllen Jester

Minha família aguardava ansiosa no quarto de hospital em Boise, Idaho. Os médicos ainda não haviam diagnosticado a doença de papai, mas todos nós sabíamos que ele estava muito mal. Depois de papai estar doente havia um mês, mamãe pediu a Rich, meu irmão, que viesse da Universidade Brigham Young para dar-lhe uma bênção. Esgotados todos os recursos da medicina, essa era nossa única esperança.

Estávamos todos reunidos, e eu fiz uma prece em meu coração. No último mês, ficara mais tempo de joelhos que todo resto de minha vida. Não havia dormido muito e não me sentia fisicamente bem. Meus nervos estavam à flor da pele e sentia-me sempre cansada. Embora não soubesse de que mal papai sofria, tinha a horrível impressão de que ele iria morrer.

Passados alguns minutos, Rich pôs as mãos sobre a cabeça de papai e começou a bênção. Estávamos todos esperando que Rich prometesse a recuperação de papai; contudo, não foi o que fez. Ele só disse a papai que a paz estaria com ele e sua família, e que nós seríamos confortados.

Deixei o quarto com lágrimas nos olhos. Meu irmão Keith levou-me para casa. Fui para meu quarto, para ficar a sós e pensar. Enquanto ali sentada, sobreveio-me uma sensação de paz e eu soube que ficaria bem. Ainda sentia que papai não viveria, mas usufruí de uma tranqüilidade que nunca havia experimentado antes.

Na semana seguinte, os médicos descobriram que a doença de papai era câncer ósseo. Voltei a ficar nervosa e com medo. Os meses seguintes foram um horrível pesadelo. Eu chorava até adormecer esgotada, imaginando se algum dia terminaria a dor daquela provação toda.

Seis meses depois da bênção, papai faleceu no hospital. Eu estava em casa quando ele morreu, e meu irmão Steve telefonou-me para informar do seu passamento. Fui ao meu quarto e comecei a chorar. Não sabia como devia sentir-me. Estava como que vazia.

Deitada ali na cama, pensando como seria meu futuro sem papai, comecei a sentir-me lesada. Eu tinha apenas quatorze anos na época e não achava justo ter de ficar sem pai tão jovem. Mergulhei numa profunda sensação de perda.

Então, fui tomada por um sentimento de paz e calma, parecido com a sensação que experimentara no dia da bênção de papai, meses antes.

Eu tinha apenas quatorze anos e não achava justo ter de ficar sem pai tão jovem.

Essa paz foi acompanhada de uma sensação de alívio. Senti o espírito de papai e soube que seu amor ainda estava comigo e sempre estaria. Percebi, naquela noite, que, embora, meu pai estivesse longe fisicamente, seu espírito e amor nunca me poderiam ser tirados. Sabia que meu pai não havia ido embora para sempre. Sua inspiração e orientação continuariam comigo por toda vida.

Agora, cinco anos mais tarde, percebo ainda melhor o amor que tanto meu Pai Celestial como meu pai terreno têm por mim. Freqüentemente tenho sentido a proximidade de meu pai terreno. Tenho sentido muitas vezes o conforto tranquilizador de seu espírito e sei que ele não me deixou

só. 🔳

Notícias Locais

Novos Presidentes de Missão e Criação da Missão Brasília

Presidente da Nova Missão Brasil Brasília

emar Staníscia, nascido em São Paulo aos 25 de setembro de 1938, filho de Paulino Staníscia e Adelina Philomena Rugna Staníscia, foi chamado pela Primeira Presidência, para presidir a nova Missão Brasil Brasília, formada das Missões Brasil Rio de Janeiro e Brasil Recife, a partir de 1º de julho.

Ele tem prestado vários anos de serviço à obra do Senhor, como conselheiro da Missão São Paulo Norte, Presidente das Estacas S. Paulo Ipiranga e S. Paulo Leste, bispo das Alas I (V. Mariana) e X (Penha), Presidente do Ramo do Ipiranga, membro do sumo conselho e presidente dos Rapazes da Estaca e Ala.

Diplomou-se contador pela Escola de Comércio Álvares Penteado, e tem ocupado a função de gerente do Centro de Serviços Genealógicos de S. Paulo nos últimos 8 anos.



No dia 7 de dezembro de 1966, desposou Sandra Moreira pela lei civil, e foram selados no Templo de Salt Lake, em outubro de 1973. Eles são pais de três filhos: Sérgio Ricardo, 15 anos, Ana Paula, 8, e Priscila, 6 anos, que os acompanharão na missão. A família reside na área da Ala S. Paulo Paraíso da Estaca S. Paulo Ipiranga.

A Irmā Staníscia nasceu em São Paulo e é filha de Severino Moreira e Clothilde Ulbrich Moreira. Ela tem servido por muitos anos como presidente da Primária da Ala e já serviu como segunda conselheira da presidência da Primária da Estaca, presidente das Moças da Estaca e professora das Abelhinhas.

Novo Presidente da Missão Brasil Recife

errill F. Frost, 54 anos, nascido na Cidade do Lago Salgado, presidente do ramo do Centro de Treinamento Missionário é o novo presidente da Missão Brasil Recife, em substituição ao presidente Paulo R. Puerta recentemente desobrigado.



Presidente Frost foi conselheiro de presidência de estaca, sumo conselheiro, missionário de estaca, bispo e conselheiro de bispo. Foi missionário no Brasil de 1952 a 1955. Graduou-se em 1979 pela Universidade de Brigham Young, com doutorado em educação e é professor de oratória e comunicação na mesma universidade. Anteriormente lecionou nas escolas dos distritos de Granite e Alpine em Utah.

É filho de John F. e Maber E. Vincent Frost. Casou-se com Reona Dixon em 16 de dezembro de 1955 no Templo do Lago Salgado. São pais de três filhos e residem na Ala 27 de Provo, na Estaca Provo Utah Norte.



Sister Frost nasceu em Jackson Springs, Carolina do Norte e é filha de Leamon J. e Nannie M. Leunsford Dixon. Foi missionária no Brasil e é professora visitante. Também já foi Consultora das Moças e professora da Primária, Escola Dominical e Sociedade de Socorro



Novo Presidente da Missão Brasil Porto Alegre

A Primeira Presidência chamou Pedro Brassanini, de Curitiba, para servir como presidente da Missão Brasil Porto Alegre.

Pedro Brassanini, de 49 anos, primeiro conselheiro na Estaca Curitiba Brasil Sul e membro da Ala de Curitiba I, serviu como conselheiro de presidente de Missão e de estaca, membro do sumo conselho, bispo e presidente de ramo. De 1955 a 1956, serviu como missionário no Brasil. Diplomou-se na BYU em 1972 e é diretor de área do Sistema Educacional da Igreja. Também já foi professor do seminário.

O Presidente Brassanini nasceu em Brusque, SC, filho de João e Maria Flor Brassanini. Desposou Betty C. Norris no Templo de Idaho Falls, a 1º de julho de 1966 e são pais de quatro filhos, que os acompanham em sua missão.

A Irmã Brassanini nasceu na cidade de Teton, em Idaho, EUA, filha de Wells e Faye Loosli Norris. É presidente da Sociedade de Socorro da ala e líder de música da Estaca e já exerceu os cargos de presidente e membro da junta da Sociedade de Socorro da Estaca, conselheira na presidência da Primária, organista da ala, líder de música da ala e professora da Primária e da Sociedade de Socorro.

"Visita à América do Sul - Um Novo Início" Brasil, Argentina e Peru

por Gerry Avant Redator do Church News

Pela primeira vez, as presidentes da Primária, Moças e Sociedade de Socorro viajaram juntas para o Brasil, Argentina e Peru para o lançamento do que chamaram "um novo início no trabalho com as auxiliares na América do Sul".

As presidentes Dwan J. Young da Primária; Ardeth G. Kapp, Moças; e Barbara W. Winder, Sociedade de Socorro, acompanhadas pelo Élder J. Thomas Fyans da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta e Autoridade Geral consultor das auxiliares, passaram onze dias nos três países.

As presidentes relataram os três propósitos da viagem de 18 a 29 de abril:

- Conhecer os membros em seu ambiente cultural, familiar e físico através de visitas a seus lares, reuniões com líderes locais e assistindo às reuniões das auxiliares das alas e conferências de estacas.
- Conversar com representantes da junta geral de área, que são esposas dos presidentes de área. Estas irmãs estão aptas a: observar as necessidades dos membros nas áreas designadas: estabelecer a relevância ou necessidade de recursos: aconselhar as presidentes de área sobre os desafios e diferenças culturais; dirigir um breve estudo usando questionários de avaliação; servir como representantes oficiais das três presidentes gerais das auxiliares e servir como fonte de consulta para as presidências de área em assuntos relacionados a crianças, moças e mulheres.
- Identificar os papéis e responsabilidades daquelas chamadas para servir como representantes da junta geral de área.

Durante a viagem, as presidentes usaram um tema de Alma 31, focalizando a responsabilidade de se trazer almas a Cristo.

O Élder Fyans, ao falar da visita à América do Sul, citou os papéis das presidentes gerais.

Referiu-se a elas como "o melhor auxílio visual" ao ensinar unidade, continuidade, identidade e igualdade entre as três auxiliares.

"Elas se levantavam nas reuniões, e ficavam em pé, lado a lado, uma com os braços em volta dos ombros da outra", explicou o Élder Fyans. "Eu apontava para elas e dizia: Temos aqui alguém que realmente se importa com crianças, alguém que realmente se importa com as jovens e alguém que realmente se im-



Ardeth G. Kapp, Presidente Geral das Moças e Abigail Angela Tellini.

porta com as mulheres. Pode-se ver que não há espaço entre elas, nenhum lugar para a criança se perder entre a Primária e a organização das Moças e nenhum lugar para as meninas se perderem entre a organização das Moças e a Sociedade de Socorro.''

O Élder Fyans comparou o trabalho delas com o cultivo de um campo. "As principais responsabilidades das presidentes gerais são como cultivar um pequeno campo, fileira por fileira." Ele explicou que as fileiras poderiam ser cada uma das auxiliares e suas juntas, mas o trabalho que elas realizam afeta as outras "fileiras" ou organizações. Este trabalho eventualmente se expande para áreas maiores até que todo o campo, ou Igreja, se torna bem cuidado.

Durante a visita, as líderes enfatizaram que as pessoas são mais importantes do que os princípios e os programas. "Não estamos tão interessados em ter sucesso nos programas como em ter pessoas de sucesso", disse o Élder Fyans. "Os princípios dão direção às vidas, mas essas vidas são mais importantes."

Ao falar do encargo das representantes da junta geral de área, a Presidente Kapp citou uma amiga, cujo filho havia nascido prematuramente e foi necessá-



Barbara B. Winder, Presidente Geral da Sociedade de Socorro e Flávia G. Erbolato.



Dwan J. Young, Presidente Geral da Primária e Ivonete Rivitti.

ria a administração de oxigênio para salvar-lhe a vida. No entanto, uma quantidade exagerada dessa substância vital foi-lhe administrada e os vasos sangüíneos dos olhos se romperam e a criança tornou-se cega.

"Quando visitamos o lar dos membros nesses países", disse a Irmā Kapp, "pensei nisso e ponderei: Como poderemos ter a certeza de que a substância vital do evangelho — tão necessária quanto o oxigênio — será administrada nas quantidades certas, de modo que as membranas delicadas não se rompam, fazendo com que as pessoas se tornem espiritualmente cegas por causa de uma dosagem excessiva?

"Isto ficou pesando em minha mente até que nos reunimos com as representantes da junta geral de área. Essas irmãs, que vivem naquelas áreas, serão sensíveis aos sinais vitais e podem auxiliar na aplicação do "oxigênio" ou princípios do evangelho. O reservatório é o programa da Igreja. Elas nos ajudarão a fornecer o suficiente, mas não mais do que isso."

As presidentes gerais citaram alguns dos programas que os membros ainda não têm, como altas porcentagens de visitas de professoras visitantes e o programa de progresso pessoal das Moças. No entanto, foram rápidas ao enfatizar aquilo que eles têm — espiritualidade, humildade e um profundo amor ao evangelho.

Falaram sobre uma aula, dada por uma jovem, de uns quatorze anos. O tema era "Quem somos". Sem qualquer auxílio didático sofisticado, e apenas com um quadro-negro e pequenos pedaços de papel onde havia feito figuras simples, ela transmitiu à classe que eles eram filhos de Deus, e indivíduos com uma centelha divina dentro de si.

A seguir, um dos membros da classe perguntou: "Eu tenho mesmo uma centelha divina dentro de mim? Fale-me mais sobre isto."

As presidentes disseram que gostariam de que o mesmo sentimento de reverência e o mesmo espírito do evangelho que sentiram naquela ala da América do Sul pudessem ser sentidos em todas as alas.

A Presidente Winder contou de uma mulher que havia criado seus filhos e filhas e mandado cada um de seus rapazes para a missão e todos os filhos para a faculdade. "Ela morava em uma casa bem pequena, sem muita mobília, mas sentia que tinha o mundo na palma da mão. É assim que o evangelho edifica as pessoas. Ele lhe deu direção e propósito."

A Presidente Young descreveu a maneira reverente com que as crianças da Primária entravam na sala de aula e a atenção que prestavam durante a lição. "Elas tratam a capela como um bonito palácio, mesmo sendo um edifício humilde", disse. A aula a que assisti, foi uma das mais belamente preparadas que já pude testemunhar. Os conceitos e orações foram simples, mas muito tocantes."

No Brasil, as presidentes gerais reuniram-se com as presidências locais para uma reunião de liderança e também para um Serão Domingueiro na capela da Ala São Paulo 5 e participaram da conferência da Estaca São Paulo Perdizes.

Criação e Reorganização de Estacas

a conferência realizada na capela da Ala S. Paulo II Bosque da Saúde, em São Paulo, no dia 26 de maio, foram reorganizadas as presidências das Estacas S. Paulo Oeste Brasil e Santo Amaro Brasil.

Presidiu a conferência o Élder Charles A. Didier, do Primeiro Quorum dos Setenta, Autoridade Geral. O Representante Regional Alfredo Heliton de Lemos foi um dos oradores. A nova presidência da estaca ficou assim constituída: Harry Eduardo Klein, presidente; Paulo Dias Machado, primeiro conselheiro, Antônio Andreolli, segundo conselheiro, Simão Utrera Gabilan, patriarca.

O Presidente Klein, com 37 anos, é casado com Maria José Moreira Cesar. Selados no Templo em 1973, têm três filhos. Entre outras designações na Igreja, o Presidente Klein foi membro do sumo conselho, conselheiro numa presidência de Missão, Presidente da Missão Brasil Recife e bispo. É graduado em Administração de Empresas.

O Presidente Paulo Dias Machado, jornalista, foi bispo na Ala II, patriarca da estaca, e é gerente da Divisão de Registro de Membros e Estatística no Escritório de Área da Igreja em S. Paulo. É casado com Maria Gioconda Machado, têm 5 filhos e 10 netos.



Da esquerda para a direita: Paulo Dias Machado, 1.º conselheiro; Harry Eduardo Klein, presidente; Antonio Andreolli, 2.º conselheiro e Simão Utrera Gabilan, patriarca.

O Presidente Antônio Andreolli também foi bispo na Ala S. Paulo II, sumo conselheiro, entre outras designações. É casado com Mercedes Medina Andreolli e têm 4 filhos.

Unidades da Estaca: Alas de Americanópolis, Cidade Vargas, Árvore, Jardim da Saúde, S. Paulo II Bosque, S. Paulo XIII Jabaquara e Ramo de Vila Moraes.

A nova presidência da Estaca São Paulo S. Amaro tem como presidente Ricardo Castro, de 38 anos, superintendente de uma indústria têxtil, que já serviu como conselheiro em presidência de estaca, como bispo e presidente de ramo. São seus conselheiros: Wilson Roberto Gomes, 37 anos, gerente da Divisão de Microfilmes do Departamento Genealógico em S. Paulo, que já serviu como sumo conselheiro e bispo. É casado com Regina Machado e têm 4 filhos. José Maria Carleto, 34 anos, gerente do Departamento de Materiais no Escritório de Area da Igreja em S. Paulo, ex-bispo. É casado com Maria Inês Moreira Cesar e têm 4 filhos.

As alas da Estaca S. Paulo S. Amaro são: Aeroporto, Brooklin, Congonhas, Guarapiranga, Moema e São Paulo III S. Amaro.



Presidente Ricardo Castro ladeado por seus conselheiros Wilson R. Gomes à direita e José Maria Carleto à esquerda.

Ainda nessa ocasião foi criada a Estaca S. Paulo Interlagos, com unidades da Estaca São Paulo Oeste e S. Paulo S. Amaro. Seu presidente, Walter Guedes de Queiroz, de 54 anos, é coordenador do Sistema Educacional da Igreja, e serviu como presidente da Missão Brasil

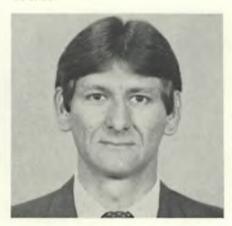
Porto Alegre, presidente de estaca, sumo conselheiro e bispo. É casado com Neide Satico Ito de Queiroz e têm 6 filhos. Seus conselheiros, Alcides Maria Lopes e Jesus Pretel Busto, já serviram em inúmeras posições na Igreja, tanto em âmbito de ala como de estaca. O Irmão Alcides é casado com Irene Dias Lopes e têm 6 filhos, e o Irmão Jesus Pretel Busto é casado com Marilena Kretly Busto e têm 5 filhos. As unidades da Estaca S. Paulo Interlagos são: as alas Grajaú, Mar Paulista, S. Paulo XII Pedreira e Interlagos e ainda o Ramo de EmbuGuaçu.



Alcides Maria Lopes, Walter Guedes de Queiroz e Jesus Pretel Busto.

Reorganização da Estaca São Bernardo Brasil

oão Roberto Grahl, designado presidente da Estaca São Bernardo Brasil por Loren C. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta, no dia 26 de maio de 1985.



Pres. João Roberto Grahl, nascido em Três Passos, RS, é filho de Reinaldo Grahl e Oscilda Grahl, foi batizado em 1965 na cidade de Alegrete, RS, e selado aos pais no Templo de São Paulo.

Serviu como missionário de tempo integral na Missão Brasil Norte, e entre outros chamados, foi primeiro conselheiro na presidência da Estaca e oficiante no Templo de São Paulo.

É formado em Administração de Empresas pela Faculdade Senador Flaquer de Santo André e está fazendo o Mestrado na Faculdade de Pós-Graduação Metodista de São Bernardo do Campo. É casado com Jussara Mara Grahl, atualmente líder das professoras visitantes da Estaca. Foram selados no Templo de São Paulo no dia 23/11/1978. Tem três filhos, Johann Albert, Suzan e Stevan.

O Presidente Grahl é funcionário do Sistema Educacional da Igreja, servindo como coordenador do seminário e instituto para as Estacas São Bernardo e Santo André.

O primeiro conselheiro é o economista e bispo Osvaldo Ernesto Krolop e o segundo conselheiro na presidência é o engenheiro Adolfo Alberto Jeeves.

Conferência Especial da Estaca São Paulo Perdizes

os dias 20 e 21 de abril, foi realizada a 10ª Conferência da Estaca São Paulo Perdizes, com a presença do Élder J. Thomas Fyans, membro do Primeiro Quorum dos Setenta, e também das Irmãs Dwan J. Young, Ardeth G. Kapp e Barbara W. Winder, Presidentes Gerais da Primaria, das Moças e Sociedade de Socorro respectivamente.

No dia 20 à tarde, reuniram-se além da liderança do sacerdócio, as líderes das auxiliares das alas, para receberem instruções das Presidentes vindas especialmente para esta conferência.

Durante as duas sessões da conferência, a tarde e noite do dia 20, e a sessão geral do domingo dia 21, os membros da estaca puderam desfrutar do doce espírito, através dos discursos inspiradores das Irmãs e do Élder Fyans, que motivaram a todos.

CRIADA A ALA DO BOM RETIRO

Durante a Conferência da Ala VI - Perdizes, no dia 26 de março, foi realizada a divisão da ala, resultando na criação da Ala do Bom Retiro.

O Bom Retiro, tradicional bairro de São Paulo, conta agora com a sua ala. As reuniões e atividades serão realizadas temporariamente na Capela da Casa Verde - Ala VII.

Para Bispo da nova ala, foi chamado o Irmão Herman Hernan Urquide, que servia no sumo conselho da Estaca, o 1.º Conselheiro Irmão José Clóvis Leme e 2.º Conselheiro Irmão Altair Gonsalves.

Novo Centro de Visitantes -Oportunidade Missionária

ilbert Owen Savage e sua esposa, Virgínia Savage, vieram ao Brasil como missionários de proselitismo mas têm trabalhado a maior parte do tempo no escritório da Missão São Paulo Norte, cuidando dos registros, cartas, despachos de livros e outros materiais para os missionários.



Três noites por semana trabalham no Centro de Visitantes, onde, depois de prestarem testemunho, encaminham os visitantes interessados para os missionários. Nove dessas pessoas já foram convertidas e batizadas. O casal Savage também visita famílias inativas.

Antes de virem para o Brasil, moravam na Cidade do Lago Salgado, onde Élder Savage era oficiante do templo e sumo conselheiro de estaca. Irmã Savage também era bastante ativa e ocupou vários cargos nas diversas organizações da Igreja.

Ambos são descendentes de pioneiros e o tataravô do Élder Savage foi quem batizou Brigham Young (Eleasar Miller).

Criaram seus 6 filhos numa fazenda em Montana e depois de aposentado mudaram-se para Salt Lake a fim de ficar mais perto dos filhos, dos 25 netos e 1 bisneta. Antes de virem para o Brasil, um dos filhos sonhou com os pais, vendo-os cercados por muitas pessoas com os braços estendidos. No dia seguinte, chegou o chamado para a missão e hoje eles sabem que o sonho se realizou pois sentem o amor das pessoas que os cercam.

O novo Centro de Visitantes em São Paulo instalado no edifício da capela do Caxingui, à Av. Prof. Francisco Morato, n.º 2.430, abrindo de terça a sexta-feira, das 17 às 21 horas e no sábado e domingo das 11 da manhã às 21 horas.

Todos que o visitarem terão oportunidade de conhecer o simpático casal Savage e de ser tocados por seu testemunho.

Missão em Portugal

Luís Carlos Perrupato Relações Públicas da Estaca São Paulo Ipiranga - Brasil



agner dos Santos é natural de Minas Gerais, mas viveu desde a infância na capital de São Paulo e foi batizado em setembro de 1964. Exerceu vários cargos na lideranca da Igreja tais como: Líder do Sacerdócio Aarônico da Missão Brasileira, foi membro do sumo conselho da estaca, secretário-executivo da estaca, e líder dos sumos sacerdotes da Ala S.P. XI (Mooca). Foi ordenado bispo em cinco de dezembro de 1969, tendo sido o primeiro bispo da Ala da Mooca. A Irmã Olímpia Giovaninni dos Santos foi batizada junto com o Irmão Santos e igualmente exerceu várias posições de liderança na Igreja. O casal seguiu para Portugal, em missão de tempo integral, no dia 12 de maio com grande desejo e muito preparado para servir com empenho e sucesso nesse novo desafio e chamado do Senhor.

Testemunho do casal Santos: "Desde que conhecemos A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, há vinte e um anos, nossa vida transformou-se completamente. Temos sempre a impressão de que não caminhamos mais pelo mundo, mas deslizamos numa esteira de luz, quase sem sentir as pedras do caminho, com a presença amiga do Salvador sempre ao nosso lado, e isto nós sabemos que já é quase um vislumbre da vida eterna."

Centro de Visitantes

Horário para visitas:

De 3.º a 6.º feira, das 17 às 21 horas.

Sábado e domingo, das 11 às 21 horas.



Duas Gerações em Missão

Amadeu de Paula Pereira Diretor de Comunicações Públicas Estaca Campinas Brasil

a cidade de Campinas, quando se fala em obra missionária, logo nos lembramos da família Maldonado, e não é para menos, pois no momento temos quatro componentes da família no campo. Servindo na Missão Rio de Janeiro, temos nossa querida Irmã Mirtes (Sister Maldonado), desempenhando excelente obra missionária naquela missão. Em Portugal, na Missão Portugal Lisboa, temos nosso Irmão Milton (Elder Maldonado), servindo com a máxima dedicação.

Mas o princípio de todo o exemplo

missionário está concentrado no Alojamento do Templo, onde encontramos o simpaticíssimo casal Maldonado, ele no vigor dos setenta anos de idade, vendendo saúde e simpatia neste sagrado chamado, e ela Irmã Mariazinha (Sister Maldonado), servindo sua terceira missão, pois nos anos de 57 e 58 ela foi missionária na Missão Brasileira, sendo posteriormente missionária de Estaca. Hoje, ela e o esposo fazem um perfeito casal missionário.

O casal tem mais três filhos, duas moças casadas, e o Irmão Maurício, ex-Élder Maldonado, que foi missionário na Missão Brasil Porto Alegre, e hoje colabora fielmente na edificação do Reino de Deus em Campinas.

Ficamos agradecidos de conhecer estes irmãos que tantos frutos têm colhido em seus chamados, e têm saboreado as delícias desses frutos.

Dedicação da Capela da Ala XVI - Lapa

Luciano Pereira dos Santos Diretor de Comunicações Públicas da Estaca S. Paulo Perdizes

o dia 31 de março, foi dedicada a Capela da Ala XVI Lapa da Estaca São Paulo Perdizes.

Durante a semana que antecedeu a dedicação, foi realizada a "Semana de Dedicação", tendo iniciado no dia 26 com uma peça teatral infantil, organizada pela Primária. No dia 27 a Sociedade de Socorro fez exposição de trabalhos feitos pelas Irmãs. No dia 28 foi a vez dos sumos sacerdotes, que preparou uma exposição sobre genealogia, com filmes e explicações aos visitantes e membros.

No dia 29, o Quorum dos Élderes apresentou um animado show de talen-



tos e na véspera da dedicação dia 30, os jovens apresentaram a peça Teatral ''O Pequeno Príncipe'' de Saint Exupery.

No domingo dia 31, o Presidente Oswaldo Silva Camargo, proferiu a oração dedicatória da capela. Assim, depois de dez anos realizando as reuniões em uma capela provisória, os membros da Ala XVI, viram transformar em realidade, o sonho de ter sua capela completada, para assim melhor poderem adorar ao Senhor.

Uma das Capelas Mais Úteis do **Brasil**

sta capela, situada na Praca Joseph Smith nº 15, no bairro do Portão, 🗸 em Curitiba, Paraná, sede da Estaca Curitiba Sul, permite o funcionamento de 4 unidades sendo estas: Ala 1 — com freqüência média de 150 pessoas na Reunião Sacramental, Ala do Portão com frequência média de 135 pessoas. Ala do Novo Mundo - com frequência média de 110 pessoas e o Ramo do Gralha Azul — com frequência média de 120 pessoas, resultando aos domingos num trânsito de mais de 600 pessoas entre membros e visitantes.



Nesta capela funciona também a sede da Missão Curitiba Brasil, que possui uma área reservada com exclusividade para a administração, com 240 missionários de tempo integral, os quais uma vez por semana usam grande parte da capela para suas reuniões, bem como a quadra para a prática de esportes.

O escritório regional do Sistema Educacional da Igreja tem uma sala exclusiva para administração e utiliza diariamente outras salas para aulas pela manhā e à noite.

Durante a semana, há um trânsito intenso de pessoas, tanto missionários como alunos do SEI e visitantes. De tercafeira a sábado ininterruptamente temos atividades das unidades, com uma frequência elevada de rapazes e moças, onde as atividades de envolvimento são esportes, teatro, show de talentos etc...

No momento faz falta um local para as moças praticarem esporte, cujas opções estão sendo estudadas: uma adaptação de uma cancha coberta dentro do salão cultural ou uma cancha paralela externa para que as moças não sejam prejudicadas nas atividades esportivas.

A capela também consta no calendário turístico da cidade como um local de visitação, isto pela arquitetura, beleza e por estar situada em um local estra-

Este prédio traz à Igreja uma economia substancial, devido ao seu uso prático e versátil.



Dedicação da Capela de Limeira - S. Paulo

Dilma Lima Teixeira Diretora de Comunicações da Ala de Limeira

o dia 28 de abril p.p., ocorreu a dedicação da Capela de Limeira, realizando um velho sonho da comunidade SUD desta cidade. No sábado, como parte das festividades de inauguração, houve uma noite de teatro, com a apresentação de duas peças, uma pela Primária e outra pelos jovens da Ala, intercalada por um show de má-

Participaram da cerimônia de dedicação, os Irmãos ONOFRE FERREIRA DA SILVA, presidente da Estaca Rio Claro, ODIVAL LUCIANO BARBOSA, primeiro conselheiro, e EDISON PAVAN, segundo conselheiro da estaca, o sumo conselho da Estaca, e os líderes das Organizações Auxiliares, o engenheiro Brumatti, responsável pela construção da capela e representando o Bispado Presidente, o Irmão MITUO IKEMOTO. Abrilhantou o evento o coral das Indústrias Varga, que contribuiu grandemente para a espiritualidade da reunião. Paralelamente à dedicação, houve a mudança da liderança da Ala de Limeira, com a desobrigação do Bispo Antonio Luiz Rebello, que foi contratado para prestar serviços profissionais à Igreja em Curitiba. Assim, foi chamado como bispo da Ala, José Alberto Fonseca Teixeira, e como primeiro conselheiro, Honorato Marinho Falcão, e segundo conselheiro, Albérico Marinho Falção. Mereceu destaque pelas pessoas que nos visitaram, a qualidade e a beleza da nova capela, perfeita nos mínimos detalhes. Limeira tem agora uma linda capela, o que contribuirá de maneira direta para o desenvolvimento da obra missionária na

Primeira Capela Dedicada em Belém, no Pará

Manoel Alves de Souza Presidente do Distrito de Belém

m 21 de abril p.p., foi inaugurada e dedicada a primeira capela na ci-✓ dade de Belém. Mais de 350 pessoas estiveram presentes à cerimônia. entre as quais o Presidente da Missão Brasil-Recife, Paulo R. Puerta, que proferiu a oração dedicatória.

Atualmente a capela serve como local de reuniões de dois ramos, os ramos Belém e Marajoara, e como sede do Distrito de Belém. Além destes dois ramos há ainda os ramos Marambaia, Marituba e Icoaraci. A capela está situada na Travessa Mercedes, 304.

A atual presidência do Distrito de Belém está assim composta: Manoel Alves de Souza, presidente; Marcos David Nunes, primeiro conselheiro; Luiz Carlos Silva de França, segundo conselheiro e Luís Alberto Gomes Correa, secretário.



Da direita para a esquerda: Paulo R. Puerta, presidente da Missão Brasil-Recife; Manoel A. Souza, presidente do Distrito; Javier Conchas, representantes do PBO e Marcos David Nunes, primeiro conselheiro do



Dedicação da Capela da Ala de Pirituba

Luciano Pereira dos Santos Diretor de Comunicações Públicas da Estaca S. Paulo Perdizes

ala de Pirituba foi criada da divisão da Ala da Lapa em 1978, quando as reuniões passaram a ser feitas em uma pequena casa alugada, sem conforto e com muitas dificuldades para os santos adorarem ao Senhor. Mudaram-se posteriormente para uma casa maior, que os membros costumavam chamar de "chácara", pela grande área verde que a circundava. Nesta casa os membros trabalharam com afinco e dedicação, e atualmente no salão usado para as reuniões sacramentais, já não cabiam os 170 membros que normalmente assistem à reunião, ficando muitos irmãos do lado de fora, assistindo pelas janelas.

No dia 26 de maio, à tarde, o presidente da estaca São Paulo Perdizes, Oswaldo Silva Camargo, fez a oração dedicatória da nova capela ao Senhor.

Durante a semana que antecedeu a dedicação, os quoruns e organizações auxiliares da ala, apresentaram shows e atividades, para que os amigos e vizinhos pudessem conhecer a nova capela.

Falecimento dos Irmãos Camilo e Jandira Antunes

Rosângela M. Antunes

o dia 5 de março último faleceu o Irmão Camilo Antunes, no Hospital Mário Gatti, em Campinas, vítima de acidente de trânsito.

Ele era dedicado à obra do Senhor e teve o privilégio de abrir vários ramos. Foi o primeiro presidente do Ramo de S. Bernardo do Campo, onde conheceu a Igreja em 1963. Depois do casamento dos filhos, ele e a esposa mudaram para Pirassununga, onde viveram 13 anos, e fazia um mês e meio que estavam morando em Indaiatuba.

O Irmão Antunes era em tudo submisso ao Senhor. Nada fazia sem antes dobrar os joelhos e pedir orientação ao Senhor. Alegrou muitas vezes as noites familiares tocando violão. Era autodidata e entre outras habilidades construiu um órgão de ponta a ponta e aprendeu a tocá-lo.

Sua esposa, Irmã Jandira Antunes, que também estava no acidente, muito doente, foi internada num hospital em Santo André e faleceu no dia 5 de abril, um mês depois do Irmão Camilo Antunes

Camilo Antunes tinha 58 anos e a Irmã Jandira 55.





Baile da Recordação

Henrique F. Barbosa Ramo de Nonoai Estaca Porto Alegre — RS

om mais de uma centena de jovens e líderes da estaca e com música alegre e descontraída, realizou-se dia 30 de abril último, no Ramo de Nonoai, em Porto Alegre, o Baile da Recordação.

O evento, pontilhado de gostosas lembranças, foi uma verdadeira viagem ao passado, vivida através de fotos trazidas pelos membros.

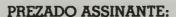
As fotografias, gentilmente cedidas pela quase totalidade dos membros do ramo, emprestaram à decoração um sutil toque de emoção e genealogia estereotipada.

A recordação de acontecimentos carinhosamente guardados pelas famílias, foi motivo para alegres sorrisos e afetuosos abraços trocados pelos santos.

Inspirado e levado a efeito pelo próprio Presidente Nelson Delvaux e seus conselheiros, o evento mereceu de todos os mais rasgados elogios, havendo, mesmo, quem sugerisse fosse tomado como exemplo pelas demais unidades da estaca.

O baile, destinado a confraternização das famílias do ramo, foi prestigiado pela presença marcante dos patriarcas Pedro Bortolotto e Vilmar Gastão Pacheco de Caldas, acompanhados de suas esposas

Um conjunto musical, composto de jovens do PAS, animou o baile, agradando a todos pelo excelente repertório.



Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de **A Lighong** e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 05599

São Paulo - S.P.



São Carlos

Justino Archizza Peres Comunicações Públicas

ISTÓRICO. Os primeiros habitantes da região onde se situa hoje o município de São Carlos foram os índios guaianazes. Afirma-se que o primeiro habitante de São Carlos foi Pedro José Neto, que apareceu por volta de 1790, vindo de Itu. Em princípios do século XIX teria ele ido a Campinas a fim de legalizar as terras, posteriormente transmitiu posses tornando mais conhecidas as glebas que explorara. Em 1831 vieram da Vila Constituição, atual Piracicaba, o Juiz Francisco José Macedo, para procederem à demarcação da Sesmaria do Pinhal, a requerimento de Carlos José de Arruda Botelho, que herdara do Capitão Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho. Carlos José plantou o primeiro cafezal da zona, entre os anos de 1838 e 1840. Nutria o desejo de fundar uma cidade, tendo morrido em 1854 sem que concretizasse seu sonho. Mas seus descendentes, com o auxílio de Jesuino José Soares Arruda, realizaram-lhe o sonho levando em um andor improvisado a imagem de São Carlos Borromeu da Capela da Fazenda Pinhal até uma das extremidades da Sesmaria onde se erguia um Templo que eles haviam mandado construir.

Foi João Batista de Arruda o encarregado de recolher donativos para a construção da capela, que seria em terras de João Alves de Oliveira, proprietário da Sesmaria do Monjolinho, mas que se recusou a doá-las, alegando que já em Minas se retirara por dissensões do arraial e que as povoações próximas da fazenda eram nocivas ao seu interesse, bem como distraíam e pervertiam seus escravos. Resolveu-se então construir a capela na Fazenda Pinhal, ponto mais próximo ao local escolhido anteriormente. Construída a capela por volta de 1856 a 1857, o tenente-coronel Antonio Carlos de Arruda Botelho solicitou e obteve a criação de um distrito de paz e subdelegacia para a capela de São Carlos do Pinhal. Em 1885, São Carlos do Pinhal obtinha sua emancipação política e através de lei estadual datada de 1908, simplificou-se o nome para São Carlos.

A cidade localiza-se no Centro-Oeste do Estado de São Paulo, distando 238 km da Capital e a população é de cerca de 130.000 habitantes. O município se caracteriza por ser um grande centro de cultura, parque fabril ascendente, comércio atuante e atividades agro-pastoris. Mananciais de água garantem à cidade abastecimento de água potável das mais saudáveis do país. Segundo a ONU, São Carlos é a cidade de menor índice de mortalidade infantil do mundo. Pela excelência de seu clima, São



Da esquerda para a direita: Irmão Alfredo Lopes, membro ativo mais antigo; Bispo Alberico Borges Ferreira Silva; Irmão Labak; Irmão Odval Luciano Barbosa, 1.º Conselheiro da Estaca; Irmão Edson Pavan, 2.º Conselheiro da Estaca.

Carlos é conhecida como sendo a "Capital do Clima".

IGREJA. A história da Igreja em São Carlos começou quando o presidente da Missão Brasileira enviou dois missionários com o desafio de abrir um ramo nesta cidade. Naquela época, meados de 1960, as primeiras famílias foram ensinadas e batizadas e as reuniões eram realizadas em casa de um dos conversos, o Irmão Augusto.

Com a conversão de mais pessoas, houve a necessidade de se alugar uma casa para as reuniões e o primeiro estabelecimento oficial da Igreja em São Carlos foi um prédio à Rua 9 de Julho esquina com a Rua Santa Cruz. Naquele mesmo ano foram batizados alguns membros da Família Lopes/Domingues que permaneceram até hoje e no ano seguinte membros da família Machado que também estão entre nós.

Sempre houve uma grande luta para a compra de um terreno e construção de uma capela, tendo os membros do passado contribuído muito para os fundos de construção. Finalmente em 1981 foi adquirido um terreno e no ano seguinte construída uma capela provisória e em 1984 iniciada a construção da capela definitiva, cuja dedicação se deu em 24/02/85, depois de 25 anos de existência da Igreja na cidade.

A reunião foi presidida pelo Irmão

Odval Luciano Barbosa que falou sobre o zelo que devemos ter com a nova capela. O construtor, engenheiro Brumatti, agradeceu a colaboração dos membros no período de construção, o Irmão Labaki disse o que significa dedicar e o Bispo Alberico B.F. da Silva agradeceu aos irmãos que colaboraram com mão-deobra doada e falou da importância de se ter uma capela.

Mais de 200 pessoas compareceram à dedicação e a oração dedicatória foi proferida pelo Irmão Odval Luciano Barbosa, primeiro conselheiro da Estaca Rio Claro Brasil, à qual pertence a ala de S. Carlos

NAUGURAÇÃO DA CAPELA. De 10 a 13 de abril realizamos uma semana de ''Inauguração'' da capela para a qual convidamos toda a cidade.

A Prefeitura Municipal nos doou mil cartazes que foram espalhados pela cidade, em lojas, pontos comerciais e ônibus urbanos.

Na programação tivemos filmes, exposições, shows de música, apresentações de balé e judô e cada organização preparou uma sala onde os visitantes tinham uma visão breve do que é Primária, Quorum do Sacerdócio, Sociedade de Socorro etc...

Passaram pela capela nesses dias mais de 600 pessoas.

Desenvolvendo os Talentos

A Estaca São Paulo Perdizes está organizando um grande show musical, sob a direção de Pedro Lapiccirella, com a participação dos jovens da estaca, e será apresentada na capela da ala de Perdizes em agosto.

Este show poderá ser apresentado nas estacas de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. A liderança que estiver interessada na apresentação deverá entrar em contato com as irmās Beth Carcanhollo (65-2919) ou Suzana Concha (212-6506).



Grupo de Teatro da Estaca Rio Madureira Continua Fazendo Sucesso

Hélio Murilo Agner Diretor de Comunicações Públicas Estaca Rio de Janeiro Madureira

grupo "Irreântum" de teatro amador da Estaca Rio de Janeiro Madureira apresentou uma nova peça cujo título é "O Grande Julgamento". Trata-se do julgamento do Livro de Mórmon. Um jovem missionário foi preso por afirmar em público que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus, e a vara de José. Durante o julgamento que tem como testemunhas Joseph Smith, Oliver Cowdery, Martin Harris e outros, trava-se uma luta ferrenha de palavras entre o promotor público e o

advogado de defesa até o desfecho final, que é o veredicto.

O grupo iniciou suas atividades em meados de 1983 com a peça "O Livro de Mórmon" de autoria do irmão Nilton Macedo. A seguir o grupo apresentou a peça "José do Egito", baseada em Gênesis e em uma ocasião especial, remontou uma peça de Maria Clara Machado, "A Bruxinha Que Não Era Má". Além da peça que o grupo está apresentando, outras já estão sendo selecionadas. O grupo está atendendo pedidos de apresentações pelos telefones, (021) 392-6244, Irmão Lavieri e (021) 343-1306, Murilo Agner.



Martin Harris sendo interrogado pelo promotor ao centro, meirinho e o juiz à esquerda e à direita, sentados a uma mesa, o advogado de defesa e o missionário em julgamento.

Olimpíadas Missionárias

E ste é o nome dado a um programa missionário realizado pelo Distrito de Vitória, com a colaboração dos Élderes Fagundes e Couto e participação das cidades de Vila Velha, Vitória e Cariacica.

Para comemorar o cinqüentenário da Igreja no Brasil, foi posto em prática este programa, com abertura especial em 6 de abril de 1985.

A idéia era envolver todos os membros, fazendo que participassem na reativação, obtenção de referências, batismo, inscrições no SEI.

Foram formados vários grupos, e pre-

parados troféus, medalhas e prêmios. Mas todos trabalharam com os olhos fitos na glória do Senhor e os objetivos foram alcançados. "Distrito Missionário a Caminho da Estaca" era o lema da atividade e a duração prevista era de três meses.

Os líderes locais que dirigiram o programa são: Orlando de Oliveira Maia, presidente do Distrito, Pedro Jorge da Cruz Penha, primeiro conselheiro, Mário Ratzque, segundo conselheiro, Orlando Oliveira Maia Filho, presidente do Ramo Vila Velha I e Josemar Babilon, presidente do Ramo Vila Velha II.





"Famoso Jornal do Rio Faz Divulgação da Igreja"

Hélio Murilo Agner Diretor de Comunicações Públicas Estaca Rio de Janeiro Madureira

o princípio de marco fui apresentado ao Sr. Hélio Cunha Vieira, redator do "JORNAL DOS SPORTS", pelo Irmão Jair Mota, que também trabalha no mesmo jornal como fotógrafo. Nesse mesmo dia, o Sr. Hélio colocou em pauta uma matéria para o dia 10, domingo, em que daria aos leitores uma idéia das reuniões no dia do Senhor. A reportagem foi realizada na capela do Andaraí, e publicada no dia 12 de março com o título, "Mórmons: 50 anos de Brasil pelo evangelho e pela família". Mais tarde o Sr. Hélio Cunha recebeu com muita satisfação uma assinatura de "A Liahona". O Jornal dos Sports tem divulgado alguns programas da Igreja tais como: Atividades, programas culturais, esportes, dedicações e algumas matérias de ensinamentos e organização da Igreja.

Em 1984, o Jornal dos Sports diversificou suas notícias, que eram apenas esportivas, para assuntos gerais. A Igreja fica muito grata ao Sr. Hélio e sua equipe. Temos a certeza de que serão abençoados por esse favor e que a mão do Senhor está atuando. Lembramos as palavras de nosso Presidente Spencer W. Kimball, quando disse em uma reunião de Diretores de Comunicações Públicas e Representantes Regionais em abril de 1974: "Quando houvermos utilizado o satélite e as descobertas correlatas em seu máximo potencial, e também todos os meios de comunicação — jornais, revistas, televisão, rádio - todos em seu potencial pleno,... então, e não antes disso, estaremos perto de cumprir a insistência de nosso Senhor e Mestre, de ir a todo mundo e pregar o evangelho a toda criatura.'

Na foto o Sr. Hélio Cunha, redator, conversando com H. Murilo Agner, comunicações públicas da Estaca Rio Madureira, na redação do ''Jornal dos Sports''.



Novo Diretor de Área do SEI no Brasil



Irmão Harry Eduardo Klein foi designado como Diretor de Área do Sistema Educacional da Igre ja no Brasil, substituindo o Irmão Saul Messias de Oliveira, que foi transferido para Diretor de Estaca do Sistema Educacional da Igreja, a fim de ter condições de lançar sua campanha eleitoral em seu tempo livre.

Esclarecemos que o Irmão Harry E. Klein continuará ocupando também a posição e funções inerentes de Diretor Associado, cuidando da parte sul do SEI no Brasil e o irmão Gilberto Leite Miranda continuará ocupando a posição e funções inerentes de Diretor Associado cuidando da parte norte do SEI no Brasil

Um Caminho a Seguir

Élder Queiroz Missão Brasil Curitiba

ona Elza estava um dia em seu quarto orando para que o Senhor lhe mostrasse um caminho a seguir ou uma igreja, pois não estava contente com sua vida e, estava para separar-se do marido.

Naquela tarde batemos em sua porta e meu companheiro, Élder Ishoy, (americano) falou sobre a Igreja, perguntou se podíamos entrar e ela nos permitiu.

Mais tarde ela nos disse que não havia entendido o que o élder dissera, mas deixou-o entrar.

Quando estávamos para batizá-los, surgiu o grande conflito. Eles não queriam, porque estavam para se separar; tudo já estava pronto para isso. Foi nessa hora que nós, missionários, nos preocupamos mais ainda; eles disseram que somente nós poderíamos solucionar aqueles problemas, e agora dois missionários que nunca tinham tido a experiência de uma família e filhos, como poderiam ajudar alguém com esses problemas?

Depois de muito jejum e oração e



Élder Queiroz, família Sauer e Deborah, Karen, D. Elza; atrás o Sr. Waldir, a pequenina Viviane e meu companheiro Élder Ishoy.

muitas visitas aconteceu a mudança que esperávamos. Hoje são uma família feliz, por causa da mudança que o Espírito Santo realizou após serem batizados e confirmados. A família Sauer estáse preparando para ir ao templo. Hoje mais do que nunca sei que só o Evangelho de Cristo pode fazer que uma família alcance a vida eterna.

Fé — uma fortaleza para quem a conhece

Marisa Silveira Cuellar Ala Vila Sônia

onheci a Solar em uma floricultura quando eu era presidente das Moças de nossa ala, há alguns anos.

Naquela época ela me ajudou com alguns arranjos de mesa para um jantar das Moças e Rapazes. Nessa ocasião, embora ela não fosse ativa na Igreja, seus arranjos de flores iam por ela a todas as reuniões dominicais, mas ela própria eu nunca havia visto na capela.

Recentemente seu filho mais velho, o João Palmeira, um maravilhoso jovem de nossa ala, saiu em missão, e como num passe de mágica, muita coisa mudou na vida da Irmã Consolação Palmeira ou Solar, como nós a conhecemos.

Ela parou de vender flores aos domingos e passou a freqüentar a Igreja. Resolveu pagar o dízimo, além de financiar parte da missão do filho; e ao cabo de três meses levantou-se no domingo de testemunho para prestar um dos mais comoventes testemunhos, o qual passo a transcrever aqui de seu próprio diário:

— "Eu tremia e não sabia segurar o mi-

crofone com firmeza; acho que é porque não sei falar e segurar o microfone ao mesmo tempo. Também não sabia o que ia dizer, mas isto não era problema, porque sabia que o Espírito Santo no momento certo colocaria as palavras na minha boca, e eu só fiz repetir as palavras que ele me inspirou. Antes que João fosse para a missão todas as irmãs da Igreja me diziam: — Solar, seu filho vai e você será muito abençoada. Mas eu sempre dava a todos a mesma resposta: — Eu já sou uma pessoa muito abençoada. Tenho saúde, três filhos, uma família muito boa, trabalho e não me falta nada.

Contudo, depois que o João se foi eu compreendi o significado real do que as pessoas diziam.

Muitas coisas aconteceram nestes primeiros três meses. Perdi dois dos meus melhores funcionários. Os aluguéis das lojas dobravam e o meu filho mais velho, meu braço direito, que tanto me ajudava, foi para a missão. Ele que me fazia as compras e todo serviço de rua, ainda tinha tempo para ficar na loja. Isso sem contar os compromissos, as dívidas...

Fiquei tão atrapalhada que não sabia nem quantas dúzias de rosas comprar. Nunca me senti tão perdida, mas foi por algumas horas. Fiz minhas orações e entreguei tudo nas mãos de Deus. Quando fui comprar as flores, no caminho eu disse ao Pai: — "Eu confio hoje no Senhor mais que ontem. Permita-me que amanhă eu confie mais que hoje. Digame, o que devo comprar? Qual a quantidade? Está tudo tão caro, e o meu dinheiro não dá.'' Dito isto me senti mais tranqüila. Quando cheguei ao depósito de flores, o fornecedor, japonês, que mal fala português, me perguntou: — "Quantas dúzias, Solar?" e eu respondi: — "Acho que 50 dúzias" — "Leva 100"; então eu concordei.

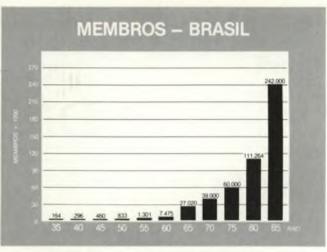
Na hora de colocar as flores no carro ele colocou 200 dúzias e antes que eu falasse qualquer coisa ele disse: — "Nós gostar muito de João e vamos dar presente para Solar. Este 50 dúzia Solar paga. Outro 50 dúzia eu dar de presente. Este 100 dúzia dono de depósito dá pra Solar fazer cestinha, ganhar bastante dinheiro e mandar para ajudar João."

Então eu perguntei: — "Quanto é que eu devo, Jorge?" — "Paga só 50 dúzia." E ainda tem mais — eu vendi tudo... e todas as vezes que vou lá no depósito para qualquer quantidade que eu compre, ele sempre me dá outro tanto para ajudar, e o preço é sempre abaixo do custo.

Neste meio tempo dois antigos funcionários que já trabalharam comigo voltaram. E eu só sei que nestes 3 meses paguei tudo que devia e comecei o ano de 1985 com o pé no chão, o que há muito tempo não acontecia.

Estou muito grata ao Senhor por mais este dia e creio que estas foram as coisas que disse neste primeiro testemunho.''





A História da Igreja no Brasil — Outros Aspectos

Élder Jason Garcia Souza Diretor de Comunicações Públicas e Representante Regional dos Doze

crescimento do Reino de Deus nesta parte do mundo será inicialmente lento, acelerandose gradualmente, atingindo o ponto de largos passos e grandes visões, ocasião em que Sião será estabelecida e fortalecida, tornando-se mais uma parte indestrutível da Nação Santa."

Sem qualquer dúvida, nos idos de outubro de 1925, o Élder Melvin J. Ballard, do Conselho dos Doze, quando dedicou a América do Sul para o trabalho de pregação do evangelho restaurado, vislumbrava os dias atuais, antevendo, com sua visão profética, o grande crescimento do Reino, que estamos observando em todos os países do continente sul-americano. Entre este espantoso crescimento está a Área Brasileira. Quem hoje constata a existência em nosso país de mais de 230.000 membros, distribuídos em 48 estacas e 7 missões, não faz idéia, de como tudo comecou.

O início da Igreja no Brasil está intimamente ligado a uma pequena cidade alemã, próxima de Hamburgo. No velho continente, sem que soubessem, a família Lippelt — Roberto Lippelt e Augusta Kuhlmann Lippelt e seus quatro filhos — estavam sendo instrumentos nas mãos do Senhor. O filho mais velho da família estava muito doente e, em uma segunda-feira, chamou sua irmã Augusta e disse-lhe: "Hoje vi neste quarto os nossos avós falecidos; eles vieram a mim e disseram-me que nesta semana, na quinta-feira, morrerei e que estão a minha espera. Disseram-me ainda que comunicasse a vocês que nesta cidade existe a Igreja verdadeira de Jesus Cristo, dando-me o endereço; vocês devem procurá-la."

Conforme foi dito, o jovem faleceu. Como o chefe da família não demonstrava interesse em atender ao que o filho moribundo havia falado, ''dona'' Augusta Kuhlmann, suas duas filhas Augusta e Georgina e seu filho Eduardo procuraram a Igreja e foram batizados.

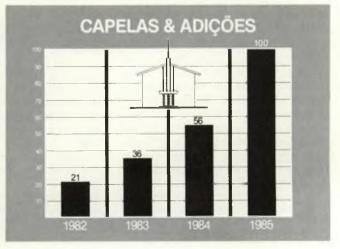
Roberto Lippelt, enquanto esteve na Alemanha, não se interessou pela Igreja. Ao contrário, tornou-se hostil a ela pois não apreciava as saídas de sua família para assistir às reuniões. Não apreciava também a forma com que era abordado pelos missionários, interessados em batizar o chefe da família.

Logo após o batismo dos Lippelt, iniciou-se na Alemanha um grande movimento de emigração para o continente americano. Roberto Lippelt, desejoso de tentar uma nova vida com seus familiares viu naquela oportunidade a chance de ver-se livre dos mórmons. Analisando os países americanos, decidiu pela emigração para o Brasil, pois foi informado de que aqui a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não havia sido estabelecida. Em 1923 a família Lippelt veio para o Brasil, chegando a Porto Alegre no dia 23 de setembro. A intenção de Roberto Lippelt era a de encontrar uma região pioneira. Movido por esse desejo, tomaram o trem em direção a Santa Catarina radicando-se em Ipoméia, pequena vila camponesa, local já habitado por outras famílias alemãs, no centro-oeste catarinense. Os descendentes contam que nesta ocasião o senhor Lippelt disse: "Aqui os mórmons não irão encontrar-me.'

Passado algum tempo e como sentissem muita falta da Igreja, ''dona'' Augusta Kuhlmann resolveu escrever a Lago Salgado, dando o endereço e solicitando alguns folhetos para que pudessem fazer suas próprias reuniões.

Atendendo ao apelo de ''dona'' Augusta Kuhlmann, em 1926 visitou Ipo-









méia o Presidente Rheinhold Stooff, da Missão Sul-Americana com sede em Buenos Aires, Argentina. Entusiasmado com o que viu e constatando que outras famílias alemãs haviam emigrado para o Brasil, como as dos Irmãos Zaps Hack e Bauer, resolveu colocar o Brasil em seus planos missionários, enviando para cá missionários capazes de pregar o evangelho em alemão, apresentando o Livro de Mórmon também em alemão, os quais passaram a trabalhar no eixo Ipoméia-Joinville.

Depois de muitos anos o senhor Lippelt veio a converter-se e seu batismo representou um dos primeiros milagres da Igreja restaurada em solo brasileiro. Roberto Lippelt, tendo ficado totalmente paralítico, ouviu as palestras dos missionários e converteu-se. Seu testemunho da veracidade da Igreja foi tão forte que, por ocasião de seu batismo, disse aos missionários: 'Irei carregado até o Rio do Peixe para ser batizado mas, tenho certeza, através da infinita bondade do Senhor, sairei das águas andando e completamente curado.''

Os que testemunharam o memorável acontecimento sabem que o milagre aconteceu. O senhor Lippelt, até sua morte, sempre testemunhou sobre a veracidade do evangelho restaurado. Os filhos de Roberto Lippelt, Eduardo, Au-

gusta e Georgina, que contavam 18, 11 e 9 anos, respectivamente, quando vieram para o Brasil, ainda vivem e são membros ativos da Igreja em Ipoméia.

Todos os seus descendentes, bem como das outras famílias pioneiras, são membros ativos e líderes do Reino, em nosso país.

Conforme foi dito por Élder Ballard, o crescimento da Igreja durante muitos anos foi lento. Veio a II Guerra Mundial e os missionários foram retirados do país. Como não tínhamos liderança suficiente, o crescimento da Igreja ficou totalmente paralisado, embora uma missão houvesse sido estabelecida em 1935, com sede em São Paulo. Com início em 1948, o crescimento do Reino em terras brasileiras começa a ser acelerado em cumprimento à profecia. Em 1966 instala-se na capital paulista a primeira estaca de Sião, seguindo-se outras, envolvendo outras regiões, até o total de 48 nos dias de hoje.

Muitos imóveis foram adquiridos e muitas capelas construídas para abrigar o crescente número de membros. O Sistema Educacional da Igreja foi implantado com vistas ao aprimoramento intelectual dos santos. Com o Templo, foi implantado o Departamento Genealógico com todos os serviços, inclusive o de microfilmagem de todos os registros

das várias regiões do Brasil, país continental que conta, hoje, 130 milhões de habitantes. O Brasil é hoje abençoado com o Templo de São Paulo, pois as ordenanças sagradas ficaram mais ao alcance de todos.

Sobre o desenvolvimento do Reino de Deus em terras brasileiras, temos que considerar dois períodos. O primeiro, anterior à Primeira Conferência de Área, ocasião em que o Brasil foi abençoado com a presença do Presidente Spencer W. Kimball na condição de Profeta de Deus e o segundo posterior à Primeira Conferência de Área.

Nos gráficos sobre o crescimento da Igreja no Brasil, o ano de 1975, ano da Primeira Conferência de Área, marcou o início do crescimento acelerado profetizado por Élder Ballard em 1925. De 1935, ano da instalação da primeira Missão Brasileira, a 1975, ano da Primeira Conferência de Área, crescemos de "0" a aproximadamente "75.000" membros.

Foram necessários 40 anos para esse crescimento. Outros 75.000 membros foram adicionados em apenas 7 anos. O total de 150.000 membros foi atingido em 1981. E antes de 1988 dobraremos novamente estes números para 300.000.

